

**Reflexos do Passado Colonial - Reabilitação
da Tipografia Minerva para Centro Cultural,
Luanda**

Martinho António Kutaya

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Arquitetura

(mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor José Neves Dias

outubro de 2022

Declaração de Integridade

Eu, Martinho António Kutaya, que abaixo assino, estudante com o número de inscrição 40377 de Arquitetura da Faculdade de Engenharia, declaro ter desenvolvido o presente trabalho e elaborado o presente texto em total consonância com o **Código de Integridades da Universidade da Beira Interior**.

Mais concretamente afirmo não ter incorrido em qualquer das variedades de Fraude Académica, e que aqui declaro conhecer, que em particular atendi à exigida referência de frases, extratos, imagens e outras formas de trabalho intelectual, e assumindo assim na íntegra as responsabilidades da autoria.

Universidade da Beira Interior, Covilhã 07 / 10 / 2022

Martinho A. Kutaya

Dedicatória

Dedico o trabalho ao meu país (Angola) que, independentemente das circunstâncias, não me tem virado as costas. Ao Instituto Nacional de Gestão de Bolsas de Estudos (INAGBE) pelo reconhecimento que se refletiu numa bolsa de estudo que permitiu a concretização deste percurso. É um privilégio contribuir no desenvolvimento da sistematização da nossa história, na produção de informação científica e, por último e não menos importante, na oportunidade do exercício do projeto de arquitetura, no campo da reabilitação do património da cidade de Luanda, que foi um dos palcos principais no exercício de grandes operações urbanísticas alguma vez feitas em território nacional, tais como Benguela, Huambo.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos devem ir, em primeira instância e de uma forma geral, a todos aqueles que contribuíram para concretização desta obra.

E por outro lado, e de uma forma específica, destino o meu agradecimento ao Professor Doutor José da Silva Neves Dias por ter estado sempre ali, com a sua incansável disponibilidade, e digo que se o trabalho teve o rumo que teve, também se deveu as suas intervenções, num ponto de vista crítico, de forma a pormos sempre em causa aquilo que preconizamos.

Aos meus pais Augusto e Natália, aos familiares e amigos que ajudaram, e muito, na recolha dos dados, levantamentos estes que serviram de base para a construção do discurso produzido, pondo em evidência a Luciana B. V. Chaves pelo auxílio prestado nas diversas fases do trabalho.

E por fim e mais significativa, ao meu Deus “Elohim”, que acredito estar a fazer parte do meu percurso de estudo e fases da minha vida.

Resumo

A presente dissertação consiste num projeto de arquitetura. Trata-se da reabilitação do antigo edifício da tipografia Minerva em Luanda e surge como resposta à necessidade de repensar o património edificado nesta cidade, produto da expansão portuguesa aquando das suas explorações. Tendo como ponto de partida uma fundamentação teórica, que discute, inicialmente, o tema da luz na arquitetura e a arquitetura enquanto processo que inclui o lúdico, posteriormente, faz-se a contextualização acerca de Luanda antes, durante e depois da era colonial, finalmente, fala-se acerca da questão urbana, do abandono e degradação dos edifícios antigos, trazidos num contexto africano e, em particular, angolano, por arquitetos portugueses. Pode afirmar-se ser objetivo deste trabalho o levantamento da discussão em torno do património deixado em Angola, nomeadamente na cidade de Luanda que, de um modo ou de outro, tem sido deixado ao esquecimento, originando que muitos destes edifícios se encontrem já em estado de degradação avançada.

Palavras-chave

Luz, lúdico, Luanda; colonialismo; degradação; reabilitação; património; cultura, arte;

Abstract

This dissertation consists of an architecture project. It is the rehabilitation of the old building of the Minerva typography in Luanda and arises as a response to the need to rethink the built heritage in this city, product of the Portuguese expansion during its explorations. Having as a starting point a theoretical foundation that discusses, initially, the theme of light in architecture and architecture as a process that includes the playful, after the contextualization of Luanda before, during and after the colonial era, finally, we talk about the urban issue, the abandonment and degradation of old buildings, brought in an African context and, in particular, Angolan, by Portuguese architects. The aim of this work is to survey the discuss the heritage left behind in Angola, particularly in the city of Luanda, which, in one way or another, has been left to oblivion, causing many of these buildings are in an advanced state of degradation.

Keywords

Light, play, Luanda; colonialism; degradation; rehabilitation; heritage; culture, art;

Índice

1.	Introdução	1
1.2	Estrutura e Metodologia do trabalho	3
2.	O Mistério da Luz e o Discurso do Belo na Arquitetura de Campo Baeza	4
2.2.	A arquitetura enquanto processo de trabalho:	13
2.2.1.	O caráter lúdico do processo: a recreação	13
2.2.2.	A poesia	14
2.2.3.	O desenho à mão livre	16
2.2.4.	Os ensaios em maquetas	20
2.2.5.	A colagem	24
2.2.6.	As referências, inspirações e metamorfoses	26
2.2.7.	O desenho disciplinado	33
3.	Reflexos do Passado Colonial: Luanda antes, durante e depois da era colonial	36
3.1.	Luanda, Angola: situação socioeconómica no período pré-colonial.....	36
3.2.	Luanda, Angola: a era colonial	39
3.3.	A Condição Contemporânea - Luanda de Hoje	41
3.3.2	Informações gerais atualizadas sobre Angola: Luanda	47
3.4.	A problemática: devolução, degradação e abandono do edificado.....	51
4.	Reabilitação da Tipografia Minerva para Centro Cultural de Luanda	55
4.2.	Formalização e conformação da pergunta – o programa.....	55
4.2.1.	Estudos que asseguram a configuração do projeto	57
4.2.2.	Diagramas de análise e contextualização	59
4.2.3.	A resposta formal - Centro Cultural Minerva	65
4.2.4.	Desenhos gerais da proposta	66
4.2.5.	Atmosferas e ambientes projetados	68
4.2.6.	Estereotomia e tectónica do todo ao longo das partes:.....	77
5.	Conclusão	82
6.	Bibliografia	84
7.	Apêndice	88
7.1.	Inquérito	88
7.2.	Peças gráficas complementares (Proposta)	94
8.	Anexos	108
8.1.	Estudos preliminares (levantamento)	108
8.2.	Imagens Antigas de Luanda	116
8.3.	Excertos Complementares (Notícias, publicações, etc.).....	118

Lista de Figuras

1	2019 IL CIELO NA TERRA, VENEZA. Fonte: (Baeza, 2018)	4
2	Uma caricatura denominada "A Descoberta da lei da gravidade por Isaac Newton" onde o cão Diamond, que certa vez derrubou uma vela acesa sobre manuscritos do dono, que foram destruídos; e o cachimbo, que Newton fumava frequentemente, quando adulto. Fonte: (R. Martins, 2006).....	8
3	O cubo perfurado, e a penetração da luz. Fonte: (Baeza, 2018)	9
4	MAIS COM MENOS. Fonte: (Baeza, 2018)	10
5	IDEIA, LUZ, ESSENCIAL. Fonte: (Baeza, 2018).....	10
6	A Luz foi capaz de vencer a gravidade/estereotomia do betão. Fonte: (Baeza, 2018) .	12
7	A luz pôde encontrar e conversar com a sua aliada arquitetura, "Houve e Há luz no espaço contruído". Fonte: (Baeza, 2018).....	12
8	Convento Dominicano, Projeto V/1.....	16
9	Do vazio da arquitetura. Ao desenho da cidade 1	17
10	Do vazio da arquitetura. Ao desenho da cidade diagramas	17
11	Centro Cultural Minerva Corte	18
12	Centro Cultural Minerva Corte	18
13	Centro Cultural Minerva Ambiente Projetado	19
14	Centro Cultural Minerva Atmosfera	19
15	Cidade Imaginária	21
16	Do vazio da Arquitetura. Ao desenho da cidade	21
17	Convento Dominicano, Ambiente projetado.....	22
18	Convento Dominicano, Ambiente projetado	22
19	Centro Cultural Minerva Ambiente Projetado	23
20	Centro Cultural Minerva Ambiente Projetado	23
21	Do vazio da arquitetura. Ao desenho da cidade	25
22	Corpo, Livro, Janela.....	25
23	Florença Santa Maria. Fonte: (Roveda, sem data)	26
24	O coliseu romano. Fonte: (<i>Arte Romana</i> , sem data)	27
25	Stoa de Attalos. Fonte: (<i>Stoa of Attalos, Atenas</i> , sem data).....	27
26	Partenon. Fonte: (<i>Partenon</i> , sem data).....	28
27	Caixa Granada. Fonte:(<i>2001 CAJA GRANADA HEADQUARTERS</i> , 2001)	29
28	Museu Nacional de Arte Romana. Fonte: (Moneo, 2016).....	30
29	Museu Nacional de Arte Romana. Fonte: (Moneo, 2016).....	30
30	London Penguin Pool. Fonte: (Team, 2020).....	31
31	Museu da Memória de Andaluzia. Fonte: (Baeza, sem data).....	31

32 <i>Alhambra Metamorfoseada</i>	32
33 <i>Ecoboulevard Metamorfoseado</i>	32
34 Casa Redonda. Fonte: (2021 <i>Redonda House, Madrid, 2021</i>)	33
35 Planta da Faculdade de Arquitetura do Porto. Fonte: («1987-94FAUP, Porto,Pt», 2014).....	34
36 Quintas das Bernardas. Fonte: (Moura, sem data).....	34
37 Corte da proposta para o Centro Cultural Minerva.....	35
38 Corte Longitudinal para Biblioteca do Convento Dominical.....	35
39 <i>A conversão do rei Nzinga-a-Nkuvu ao cristianismo</i> . Fonte: aretirada1975osultimosdoleste.blogspot.com.....	37
40 <i>Mapa dos reinos em Angola</i> . Fonte: aretirada1975osultimosdoleste.blogspot.com	38
41 Os portugueses visitam o reino do Congo. Fonte: civilizacoesafricanas.blogspot.com	39
42 Sonangol. Fonte:(CEDESA-Editor, 2021).....	45
43 <i>Edifício da Mutamba</i> . Fonte: (Tostões, 2016).....	47
44 População de Angola. Fonte: countrymeters.info/pt/Angola.....	49
45 <i>Taxa de Crescimento</i> . Fonte: countrymeters.info/pt/Angola	49
46 Precipitação Mensal. Fonte: es.climate-data.org/africa/angola/luanda/luanda-498/	50
47 <i>Temperatura Mensal</i> . Fonte: es.climate-data.org/africa/angola/luanda/luanda-498/	50
48 Centro Histórico de Luanda. Fonte: www.buala.org/pt	52
49 Centro Histórico de Luanda 2	53
50 Ruínas Tipografia Minerva (fachada norte).....	54
51 Ruínas Tipografia Minerva (fachada este)	54
52 Gráfico síntese (inquérito)	55
53 Alçado reconstruído com base no levantamento	57
54 Planta da implantação com a marcação dos edifícios Sonangol e Igreja Nossa Senhora dos remédios e discriminação da envolvente.....	58
55 Esquema do gaveto.....	59
56 Vista de satélite da província de Luanda. Fonte: ArcMap	59
57 Corpos notáveis e tipografia Minerva. Fonte: Google Earth Pro	60
58 Enquadramento geral. Fonte: Google Earth Pro	60
59 Vista satélite da cidade de Luanda. Fonte: ArcMap.....	60
60 Proposta de requalificação da Baía de Luanda em perfil. Fonte: urbannext.net	61
61 Proposta de requalificação da Baía de Luanda em planta. Fonte: urbannext.net	61
62 Caracterização das frentes do centro da cidade segundo PDGML. Fonte: PDGML.....	62

63 Planta de contexto e eixos notáveis. Fonte: Google Earth Pro e Autor	62
64 Edifício da Sonangol. Fonte: privatizacoes.sonangol.co.ao/	63
65 Igreja Nossa Senhora dos remédios. Fonte: www.tripadvisor.pt	63
66 Esquema em planta e alçado dos corpos notáveis na relação com a Minerva	63
67 Análises do existente (fachada este)	64
68 Análises do existente (fachada norte).....	64
69 Alçados norte e este da tipografia.....	64
70 Esquema em planta do existente	64
71 Distribuição do programa	65
72 Planta do piso térreo	66
73 Corte tipo A da proposta (este)	67
74 Corte tipo B da proposta (sul).....	67
75 Corte tipo C da proposta (norte)	66
76 Alçado este	68
77 Axonometria vista geral	68
78 Maqueta Axonometria	69
79 Ambiente projetado	69
80 Maqueta Luz.....	69
81 Atmosfera projetada – Átrio	70
82 Maqueta Axonometria	70
83 Portal Projetado.....	70
84 Maqueta Átrio.....	70
85 Ambiente projetado - foyer.....	71
86 Esquema em corte e perspetiva atelier de Artesanato	72
87 Esquema em corte luz – Sala de Música.....	72
88 Esquema em corte – Sala de Música	72
89 Maqueta de análise - Sala Polivalente	73
90 Esquema em perspetiva - Sala Polivalente.....	73
91 Ambiente Projetado com a inserção do Indivíduo usufruidor do espaço.....	74
92 Maqueta Conjunto - Vista terraço	74
93 Esquema em corte perspectivado - Atelier de Pintura.....	75
94 Estudo em perspetiva - Sala de Exposição	75
95 Maqueta corte - Sala de Exposição	76
97 Estudo em Perspetiva Torre/Esfinge 2.....	76
96 Ensaio conceptual Torre "Esfinge"	76
98 Painel 1 Ambientes projetados: Auditório, receção, esquema em corte, Sala polivalente.....	77

99	Ambientes projetados: sala de ensaios e sala de exposição, esquema em corte.....	78
100	Ambientes e atmosferas projetadas: Interior-torre, auditório, atelier de pintura, átrio, sala de ensaios, átrio e recepção	79
101	Ambientes e atmosferas projetadas: torre, miradouro, esfinge	80

Lista de Tabelas

1 Distribuição do programa em áreas	52
2 Mapa de acabamentos	77

Lista de Acrónimos

UBI	Universidade da Beira Interior
PDGML	Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda
CIAUD	Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
IPGUL	Instituto de Planeamento e Gestão Urbana de Luanda
UCCLP	União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa

1. Introdução

Pensar o património da cidade, edificado e não edificado, é algo que nos dias de hoje tem recebido a devida atenção, isto numa escala mundial. Porém, há ainda um défice nalgumas partes do mundo no que toca a esta matéria e este trabalho pretende constituir mais uma contribuição aos esforços já realizados para abranger outros territórios.

Aqui, o foco estará na cidade capital de Angola, Luanda, cidade em crescente desenvolvimento em diversas áreas, das quais se destacam a demográfica e a do parque habitacional, podendo dizer-se que é quase impossível encontrar edifícios desocupados.

Embora a impossibilidade de encontrar um edifício abandonado do ponto de vista do seu uso formal e propositado seja uma realidade, também é verdade que grande parte dos edifícios têm sido ocupados por aqueles que têm sido apelidados de “marginais”, acrescentando que muitos dos que ocupam estes edifícios são também “os sem abrigo”, famílias desprovidas de recursos financeiros para aquisição de um espaço para habitar.

Por outro lado, é fundamental admitir que há uma carência do ponto de vista do reconhecimento artístico em Angola no geral e em Luanda particularmente, o que leva muitos artistas a uma vida solitária. Sem apoio nem reconhecimento, vêm-se na necessidade de exibir as suas obras de arte em lugares inapropriados, sem tratamento prévio e formalizado.

Não há muito tempo que um artista plástico passou a ter direito a uma carteira profissional que o assegura enquanto artista reconhecido no país. Através desta realidade, pode concluir-se a presença de um descontrolo em termos de registo daquilo que se produz, enquanto nação e até mesmo enquanto cidade, levando numa escala mais reduzida, o que determina uma certa vulnerabilidade, já que nos consideramos um país cultural e artisticamente forte. Este trabalho procura responder, na dimensão da arquitetura, a esta falta.

É assim que o objetivo deste trabalho é produzido, o de discorrer sobre a problemática da questão urbana, acerca do abandono e degradação dos edifícios antigos, especificamente os edifícios projetados tendo como base as linhas de pensamento europeu, trazido num contexto africano, e em particular angolano, por arquitetos portugueses.

Portanto, é o levantamento da discussão em torno do património deixado em Angola, nomeadamente na cidade de Luanda, e que, de um modo ou de outro, tem sido deixado ao esquecimento, estando muitos destes edifícios já em degradação avançada, que serve de fio condutor neste exercício teórico e projectual.

Importa referir que o trabalho se torna relevante, na medida em que, como já foi referido acima, procura explorar umas das vias com que os edifícios de arquitetura portuguesa deixados em Luanda, no contexto do colonialismo, podem ser revitalizados de forma a contribuir para o desenvolvimento cultural, académico e científico da cidade.

1.2 Estrutura e Metodologia do trabalho

Esta dissertação comportará duas partes, uma parte teórica e outra parte consistirá na prática do projeto propriamente dito:

A parte teórica vai corresponder a uma discussão acerca do enigma da conceção em arquitetura, discutindo os elementos que devem participar da atividade de pensar o espaço (o segundo capítulo).

Passará por um ponto de situação/discussão sobre o património edificado em estado devoluto, de degradação e abandono na cidade de Luanda, precedidos por um enquadramento multidimensional, ao longo do tempo (passado, presente e futuro) da cidade (o terceiro capítulo).

Finalmente, a parte prática, na mesma dinâmica. Esta firmar-se-á como sendo uma síntese do estudo feito sobre a cidade de Luanda, o que se traduzirá numa proposta de reabilitação do edifício antigo que pertencia à tipografia e livraria Minerva, situado na cidade Baixa de Luanda, centro histórico, num gaveto entre a Calçada do Pelourinho e a Rua dos Mercadores.

A metodologia utilizada para a elaboração desta dissertação será uma recolha bibliográfica (livros, artigos, dissertações, teses, e sites da internet fidedignos), relacionada com o tema de um modo geral e relacionada com a arquitetura enquanto processo conceptual e, ainda com o património edificado em Luanda.

Também consistirá no levantamento fotográfico de algumas áreas da cidade, que possibilitará uma melhor fundamentação e conjugação dos dados bibliográficos disponíveis, isto com intuito, sempre, de fornecer informações mais atualizadas possível, sobre o estado atual da cidade capital de Angola (levantamento gráfico).

A segunda parte estará apoiada na primeira, que constituirá projeto de reabilitação e conversão da antiga Tipografia em Centro Cultural Minerva de Luanda, com as peças desenhadas que se julgam fundamentais para melhor perceção e leitura da proposta.

2. O Mistério da Luz e o Discurso do Belo na Arquitetura de Campo Baeza



1 2019 IL CIELO NA TERRA, VENEZA. Fonte:
(Baeza, 2018)

2.1.1 O mistério da Luz

O processo de descoberta do Belo na arquitetura resulta da capacidade de manipular a Luz de forma a vencer a gravidade e a escuridão. A Luz é também o instrumento de estudo do pintor, do escultor, do físico(fotometria), do artista, etc. Porém, ao arquiteto confere-se o privilégio de usufruir da luz através da penetração, ou seja, não se cinge apenas no estudo, mas ao seu manuseio.

“A LUZ não é algo vago, difuso, que se toma por adquirido porque está sempre presente. O veredito:

(Tanach: Masoretic Text with Vowels) “וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים יְהִי אוֹר וַיְהִי-אוֹר”
valohain amar, "shihaya years!", wahia years

O famoso “Haja LUZ !!!” deu forma e compôs a terra que vemos agora. Não é em vão que o sol nasce para todos, todos os dias.” Assim, fazer arquitetura é como que a repetição desta sentença, numa escala humana, reduzida.

Quer isto então dizer que é na luz controlada que encontramos a chave e o caminho que leva ao belo da arquitetura, a luz que é estudada por uma ciência exata, o que nos permite dizer que a luz é exata, tal como a gravidade o é. Curioso é perceber que se trata da mesma área científica, embora em ramos diferentes. Portanto, a lei da gravidade e a Luz encontram um mesmo recipiente, do qual eles constituem ingredientes, juntamente com outros, tais como a materialidade, a ideia, a técnica, etc.

2.1.2. O Axioma da arquitetura e luz nas atmosferas de Zumthor

Através do axioma proposto por Campo Baeza:

A “Architectura sine luce nulla architectura est” intendo dire che niente, nessuna architettura è possibile senza luce. (Domus, 1994)

Declara-se a impossibilidade da sobrevivência da Arquitetura sem este material. O que é elucidado por meio da suposição do encerramento das fendas, aberturas (e/ou óculos) por exemplo do convento La Tourette, onde, se tal sucedesse, o espaço tornar-se-ia tenebroso, os frades deixariam de entoar o canto gregoriano, no fundo o mosteiro teria conhecido a mais tenebrosa treva. (Baeza A. C., 2018, p. 18)

Paralelamente, vê-se que a luz constitui um dos temas das “atmosferas” de Zumthor e a atmosfera é uma categoria da estética segundo o Arquiteto. Postulando o seguinte:

Observei então durante cinco minutos, como as coisas estão verdadeiramente na minha sala. Como é a luz. É fantástico! Onde está a luz e de que forma. Onde existem sombras. E como as superfícies estão baças ou brilhantes ou ressaltam da profundidade. E mais tarde vi-o, foi quando Walter De Maria, um artista nos Estados Unidos, me mostrou um novo trabalho para o Japão, vai tratar-se de um pavilhão enorme, duas ou três vezes maior que este celeiro. Aberto para frente e muito escuro para atrás. E ali existem duas ou três bolas de pedra enormes, de pedra maciça, bolas gigantes. Mesmo ao fundo havia barra de madeira, revestidas com folha de ouro. E este ouro- que, embora o esperasse, me tocou de novo quando o vi que este ouro reluziu da

profundeza, da escuridão do espaço! Ou seja, parecia ter a característica de captar do escuro as mais infinitas partículas de luz e de refleti-las.

Assim ao projetar um edifício não vamos no fim buscar o engenheiro eletrotécnico e dizer: bom, onde é que queremos colocar as luzes e como é que vamos iluminar esta coisa? Esta ideia acompanha a obra desde o início. (Zumthor & Grabow, 2006)

No fundo, a ideia é pensar o edifício primeiro como uma massa de sombras e, a seguir, como num processo de escavação, colocar luzes e deixar a luminosidade infiltrar-se (O que, em Campo Baeza, temos como a transição do estereotómico para o tectónico). Numa outra abordagem, seria colocar os materiais e superfícies, propositadamente, à luz e observar como refletem, sendo necessário, portanto, escolher os materiais tendo sempre presente o modo como refletem a luz e afiná-los (O que, em Campo Baeza, chamamos transição do tectónico para o estereotómico). (Domus, 1994)(Zumthor & Grabow, 2006)

Aqui, a luz é algo quase espiritual, no caso a luz natural, algo que merece a nossa gratidão. A luz é energia, que em termos físicos dependerá da relação direta entre a frequência e o comprimento de onda eletromagnética do fóton, gera movimento, tanto para o espaço, como para o “espacialista” - como é o caso do homem.

Podendo dizer-se muito mais sobre a luz, talvez este texto ajude a idealizar até onde se pretende chegar com esta afirmação:

“A luz é um pré-requisito para a vida, uma vez que é a melhor fonte de energia para os nossos alimentos. A luz é essencial à religião, às histórias sobre a criação, à poesia, à literatura, à língua e à cultura. Luz é a beleza atmosférica, do amanhecer até ao entardecer, o arco-íris, a aurora boreal e a aurora austral. A luz é necessária para a visão. Na verdade, as teorias da luz e da visão têm uma história de namoro complicado desde os filósofos gregos e árabes. A visão requer luz e dispositivos óticos, tais como óculos e lentes de contato, e a cirurgia refrativa com o laser pode melhorar a acuidade visual.

A luz pode diagnosticar e tratar as doenças dos olhos. A interação da luz com os eletrões dos átomos ou das moléculas é a forma como é detetada. Isto é verdade quer para os fotorreceptores da nossa retina quer para os semicondutores que constituem os sensores (detetores) das nossas máquinas fotográficas digitais. As cores enriquecem o nosso meio ambiente, estimulam e encantam as pessoas de todo o mundo, e acrescentam beleza às nossas casas, às nossas cidades e às nossas vidas.” (Masters, 2015)

2.1.3. A materialização do Belo na Arquitetura: o aspeto que tem o belo da arquitetura

É a partir daqui que se procura produzir um discurso em torno da obra elaborada por Alberto Campo Baeza, uma casa mortuária. Num aparte, pode dizer-se que em termos programáticos e funcionais (uma vez que esta é uma obra que serve o homem na sua situação limite-morte), este tema parece algo que não deva merecer uma atenção do ponto de vista da estética da arquitetura, aquela que mobiliza a que se produza o que chamamos de belo da arte arquitetónica.

Ao contrário de muitas obras destinadas ao homem enquanto vivo, poder-se-á observar mais “Arquitetura” (aqui como sinónimo de belo sob um ponto de vista estético) neste objeto do que em muitas casas habitadas por viventes, assim como diz o próprio Baeza, com a intenção de explicar o traçado regulador do objeto arquitetónico produzido:

Gostaríamos de fazer a casa mais bonita do mundo, mas também a mais simples. Em um pequeno terreno dentro do Cemitério Capoluogo, em São Doná di Piave, em Veneza. Um pedaço do céu na terra.(Baeza, 2018a)

Na verdade, estas pretensões sempre perseguem todos os seus trabalhos, é fácil ver isso. Na Ideia Construída, lemos:

Proponho uma arquitetura essencial de IDEIA, LUZ e ESPAÇO. De ideia Construída, materializada em Espaços essenciais animados pela Luz.

Uma arquitetura que tem na IDEIA a sua origem, na LUZ o seu primeiro material, no ESPAÇO ESSENCIAL a vontade de conseguir MAIS COM MENOS.

IDEIA com vocação para ser contruída, ESPAÇO ESSENCIAL com capacidade para traduzir eficazmente estas ideias, LUZ que põe o homem em relação com aqueles espaços. (Baeza, 2000; Figueiredo, 2013)

Assim sendo, vemos uma obra onde todos os temas mencionados acima foram trabalhados. Trata-se de uma obra de arte, algo que interessa discutir. É curioso perceber como a forma de fazer a arte transcende a relevância do programa a que se destina a obra arquitetónica.

Observa-se uma das ideias mais recorrentes da arquitetura, a ideia de uma caixa como contentor e outra caixa como conteúdo, uma ideia clara e simples, e o verdadeiro produto de arte vive de ideias claras e simples, porém fortes o suficiente para suportar os desafios que o contexto, a função e a construção proporcionam aquando do processo conceptual e construtivo. O que se pretende com tudo isso é produzir uma provocação da seguinte ordem:

O belo não é confuso, complicado, complexo e cheio. O belo é rico em significado e beleza, algo que produz uma experiência estética singular, excitante, que põem em causa a emoção humana, é aquilo que se diz de uma obra capaz de “levantar os cabelos”, algo que vence a gravidade preconizada por Newton, naquele episódio da queda da maçã, que teria desencadeado os seus estudos sobre a gravidade. O belo é o coração da arte, a sua artéria aorta. (Martins, 2006)



2 Uma caricatura denominada "A Descoberta da lei da gravidade por Isaac Newton" onde o cão Diamond, que certa vez derrubou uma vela acesa sobre manuscritos do dono, que foram destruídos; e o cachimbo, que Newton fumava frequentemente, quando adulto.
Fonte: (R. Martins, 2006)

Voltemos à obra de Baeza para tentar perceber como é que as ideias suprarreferidas encontram o seu cumprimento:

Uma caixa sombreada, perfurada pela luz, um cubo de betão...3x3x3 m. “vamos perfurar os cantos dos seis planos quadrados que compõem o cubo, produzindo uma abertura quadrada de 60×60 cm em cada plano, para que dois buracos nunca coincidam no mesmo triedro”. (Baeza, 2018b)



3 O cubo perfurado, e a penetração da luz.

Fonte: (Baeza, 2018)

Se o belo é a “aorta” da arte, então a luz é o “coração” da Arquitetura e o jogo dela produz o belo. A entidade que todos os arquitetos perseguem, enquanto investigadores e autores do belo na arquitetura.

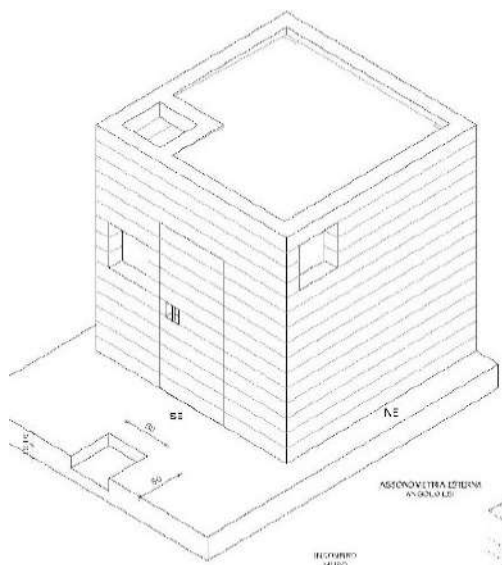
Seguindo o método dedutivo, a título de simplificação do exercício de maneira a obter uma conclusão breve e válida. Assim teremos como premissa inicial (Valladares & Cunha, 2015):

Toda arquitetura bonita tem na IDEIA a sua origem, na LUZ o seu primeiro material, no ESPAÇO ESSENCIAL a vontade de conseguir MAIS COM MENOS.

Servirão para construção das premissas intermédias algumas imagens da casa em estudo:



4 MAIS COM MENOS. Fonte: (Baeza, 2018)



5 IDEIA, LUZ, ESSENCIAL. Fonte: (Baeza, 2018)

- 1- Servindo-nos da observação, questiona-se: percebe-se uma ideia por detrás desta obra? A repetição de um gesto, o ritmo, a clareza, possibilitam ter uma resposta positiva: “Um pedaço do céu na terra”;
- 2- É um espaço onde a luz pode ser lida como um material? Muito claro está que é através das perfurações, dos olhos como é dito por Baeza:

“Começaremos perfurando o topo com sua abertura orientada de tal forma a permitir que o sol, quebrando as sombras, penetre o interior na diagonal”.(Baeza, 2018)

- 3- Onde anda a essencialidade neste espaço? Esta questão é de difícil consenso, uma vez que o conceito de essencial é subjetivo, mas ainda vale a pena correr o risco. Este género de espaço deve ser de simples descrição e, se assim for, então, podemos tê-lo como essencial:

A casa é um cubo de betão perfurado pela luz em espaços planos negativos de 60x60 cm, do qual a peça central é outro cubo suspenso que multiplica 60cm aos (60x60cm); Se coube tudo em apenas duas linhas de texto, abre-se a porta para o ter como um espaço essencial.

Desta forma, dadas as premissas enunciadas, não reunimos dúvidas para conceder o título de belo à obra que Baeza produziu como casa mortuária em Veneza, trata-se de um pedaço do céu na terra, tamanha é a ousadia, porquanto se admite que tal ideia foi materializada pelo menos numa escala humana, no contexto do aperfeiçoamento do “homo sapiens”.

Este tema da luz enquanto material central, será tomado como adquirido e estruturante no exercício projectual que a presente dissertação se propõe a realizar.

A este respeito Martin Heidegger ao discutir “A proveniência da arte e a determinação do pensar” afirmando ser este o fazer competente que se guia por um entender denominado τέχνη - que se materializa na antevisão daquilo a que se chegará ao trazer a emergir algo criado e obra. Isto é o que chamamos “Arte” produzida pelo τεχνίτης. Assim sendo, é demasiado limitado traduzir as palavras τέχνη por técnica e τεχνίτης por artesão. Já que o resultado τέχνη também pode ser obra da ciência e da filosofia, da poesia e do discurso público e, por último da arquitetura tal como se viu na casa “IL CIELO NA TERRA”. (Heidegger, 2010)

O resultado que dali se obtém, um espaço reduzido que condensa todos os ingredientes daquela que se julga ser a boa arquitetura, aquelas que geram as Atmosferas de Peter Zumthor, a Essencialidade de Baeza e o Belo da estética.



6 A Luz foi capaz de vencer a gravidade/estereotomia do betão. Fonte: (Baeza, 2018)



7 A luz pôde encontrar e conversar com a sua aliada arquitetura, "Houve e Há luz no espaço contruído". Fonte: (Baeza, 2018)

2.2. A arquitetura enquanto processo de trabalho:

O caminho que se percorre até chegar ao projeto de arquitetura, licenciamento e execução é muitas vezes diverso, moroso e exaustivo. Por outro lado, é importante salientar que se trata de um trabalho desgastante do ponto de vista físico e emocional àquele que se propõe a produzir arquitetura. As declarações que se seguem são sugestivas e confirmam com precisão a necessidade de um repensar das coisas:

As questões pragmáticas ou inovadoras parecem estar sufocando valores subjetivos, tão apreciados pelos usuários dos espaços arquitetônicos. Vigora uma arquitetura narcísica, construída para proporcionar espetáculos, em detrimento de concepções que visem uma maior satisfação das necessidades humanas. (Bittencourt, 2016)

Torna-se relevante apresentar alguma das muitas vias que até então se têm desenvolvido. Adianta-se que esta via propõe processos que incorporam consigo a componente lúdica, com vista sempre a amenizar as “angústias” que vão surgindo à medida que o projeto vai amadurecendo.

Não há uma ordem de colocação dos elementos que podem participar deste processo, convidam-se a recreação, a poesia, o desenho à mão livre, ensaios em maquetas, a colagem, as inspirações e, por fim, o desenho disciplinado que pode ou não ser assistido pelo computador.

2. 2. 1. O caráter lúdico do processo: a recreação

Este tópico surge na tentativa de se evitar a incipiência do projeto que é uma tentação recorrente, resultante, muitas vezes da pressão, do medo, da consciência da responsabilidade do encargo.

É comum associar a recreação ou brincadeira a uma atividade infantil, na medida em que o ato se torna num fim em si. Mas se nos propusermos consultar o dicionário etimológico, talvez consigamos extrair dali outras formas de ver o significado da palavra brincar.

Através deste, percebemos que a palavra brincar provém do latim. Vindo de vinculum que quer dizer laço, algema, e é derivada do verbo vincire, que significa prender, seduzir, encantar. Vinculum passou a brinco e originou o verbo brincar, sinônimo de divertir-se. (*Dicionário Etimológico*, sem data)

O encanto, que é uma palavra associada à palavra brincar, deve acompanhar o processo criativo em arquitetura, uma vez que este é um trabalho de descobertas sucessivas mesmo até ao momento em que se conformam os elementos estruturais e estruturantes do projeto em obra.

Outra palavra que parece ser interessante, é a que sugere uma certa sedução, prisão. O trabalho por vezes solitário do artesão, artista e arquiteto enquanto indivíduo que produz a arte funcional, carece a certa altura que a obra seduza o artista. Acredita-se que deve haver um senso de pertença, uma adesão, quase que como se de um filho se tratasse. (Heidegger, 2010)

2. 2. 2. A poesia

O exercício da palavra é sempre bem-vindo nesta tarefa. O termo poesia pressupõe uma produção textual mais lúdica e espontânea que acompanha o desenho à medida em que este se vai formando. Na poesia, temos alguns participantes similares que a tornam comum à arquitetura:

O ritmo, a repetição, a métrica, a harmonia são instrumentos imperiosos durante e após o processo criativo. A arquitetura é a música congelada no tempo, embora seja desafiador definir os limites deste congelamento. É quase paradoxal esta definição de arquitetura, conquanto não podemos deixar de admitir que esta carrega consigo certa quantidade de legitimidade.

Não são poucos os arquitetos que se encantam com a poesia, poder-se-iam apresentar os casos de Alberto Campo Baeza e Álvaro Siza. Estes arquitetos são relevantes, a partir do momento em que valorizam e estimulam a imaginação e convidam a poesia na participação de suas obras, ao que Bittencourt, declara:

A poesia pode ser entendida como uma expressão simbólica, através da qual uma das maiores características humanas é explorada: a imaginação. A poesia envolve os efeitos

arquitetônicos que surpreendem e emocionam, e que deveriam estar atrelados ao caráter da obra.(Bittencourt, 2016)

A imaginação é o passaporte para os sonhos. Através dela entra-se e sai-se de todo e qualquer delírio que a oportunidade sugerir. É, por natureza, o lugar da criação e a fonte da poesia, embora não seja ela mesma. É através do imaginário que as coisas se revestem de sentido (*Bachelard.*, 1974)

Embora que de um modo célere, Ítalo Calvino é talvez a personagem que se destaca, pensando-se ser legítima a apresentação do trecho do livro “As Cidades Invisíveis”, quando se propõe descrever cidades imaginárias. E se este exercício requer a utilização do vocabulário arquitetônico e uma visão acurada da cultura arquitetônica, não restam sombras de dúvidas de que Calvino tinha ao seu dispor tais qualidades, o que se verifica, por exemplo, quando lemos acerca das cidades delgadas, ao descrever a cidade de Zenóbia, dizendo o seguinte:

“Agora contarei o que a cidade de Zenóbia tem de extraordinário: embora situada em terreno seco, ergue-se sobre altíssimas palafitas, e as casas são de bambu e de zinco, com muitos bailéus e balcões, postos em diferentes alturas, com andas que superam umas as outras, ligadas por escadas de madeira e passarelas suspensas, transpostas por belvederes cobertos por alpendres cônicos, caixas de reservatórios de água, cata-ventos, desdobrando roldanas, linhas e guindastes.

Não se sabe qual necessidade ou mandamento ou desejo induziu os fundadores de Zenóbia a dar essa forma à cidade, portanto não se sabe se este foi satisfeito pela cidade tal como é atualmente, desenvolvida, talvez, por meio de superposições do indecifrável projeto inicial. Mas o que se sabe com certeza é que, quando se pede a um habitante de Zenóbia que descreva uma vida feliz, ele sempre imagina uma cidade como Zenóbia, com as suas palafitas e escadas suspensas, talvez uma Zenóbia totalmente diferente, desfraldando estandartes e nistros, mas sempre construída a partir de uma combinação de elementos do modelo inicial.

Dito isto, é inútil determinar se Zenóbia deva ser classificada entre as cidades felizes ou infelizes. Não faz sentido dividir as cidades nessas duas categorias, mas em outras duas: aquelas que continuam ao longo dos anos e das mutações a dar forma aos desejos e aquelas em que os desejos conseguem cancelar a cidade ou são por esta cancelados.” (Calvino, 2017)

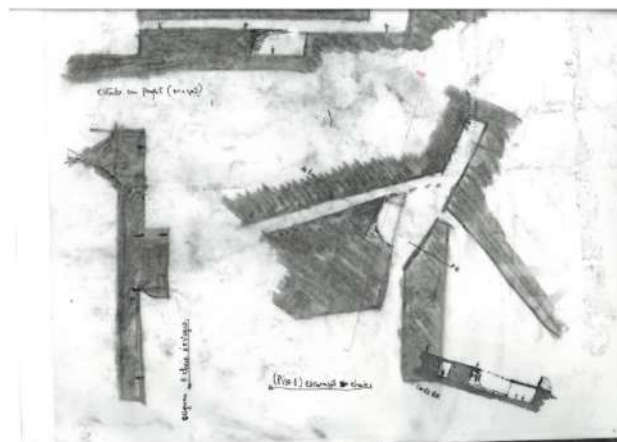
2. 2. 3. O desenho à mão livre

A partir daqui, é fundamental recorrer-se a exemplos “palpáveis” que justificam os tópicos propostos enquanto processos, estes exemplos constituem parte do processo criativo do centro cultural que se propõe para a antiga Tipografia Minerva, e outros de autoria própria que se julgam necessários.

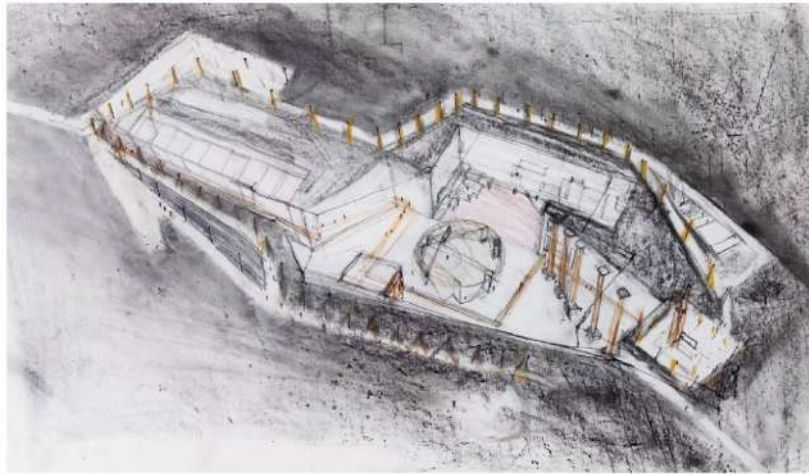
O desenho à mão livre conecta-nos diretamente ao cérebro que é o protagonista da ação criativa. Como bem asseguram Eduarda Lobato de Faria em associação com Álvaro Siza Vieira no livro *Imaginar o Real, o Enigma da concepção em Arquitetura* ao evocar a ideia de que as mãos se comprometem na ação criativa, na sua imprecisão, servindo como meio de transporte que o pensamento encontra para se expressar pelo desenho. Acrescentando que neste processo, a ação das mãos com a cumplicidade dos olhos, ajuda a rentabilizar o pensamento e a capacidade de reflexão do arquiteto. (Faria & Vieira, 2014)

Martin Heidegger, a respeito do significado do pensamento, afirma ser este “um trabalho da mão”. (Heidegger, 1959) Seguidamente, Lobato de Faria acrescenta: A arquitetura, um produto dos olhos e das mãos, dirige-se também aos olhos, às mãos e ao corpo humano, e por essa razão reflete as componentes humanas, ao satisfazê-las através da sua função estética e utilitária. Havendo uma relação de complementaridade. (Faria & Vieira, 2014)

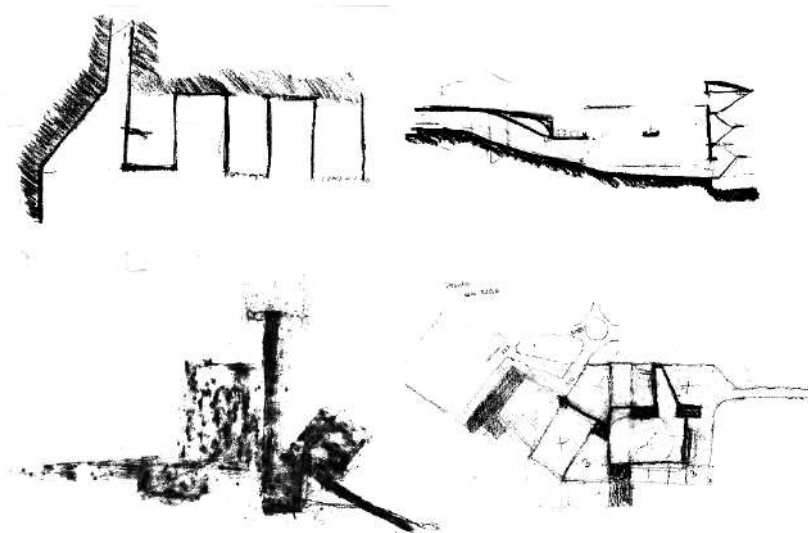
Os seguintes exemplos permitem perceber o que foi postulado por estes pensadores:



8 Convento Dominicano, Projeto V/1



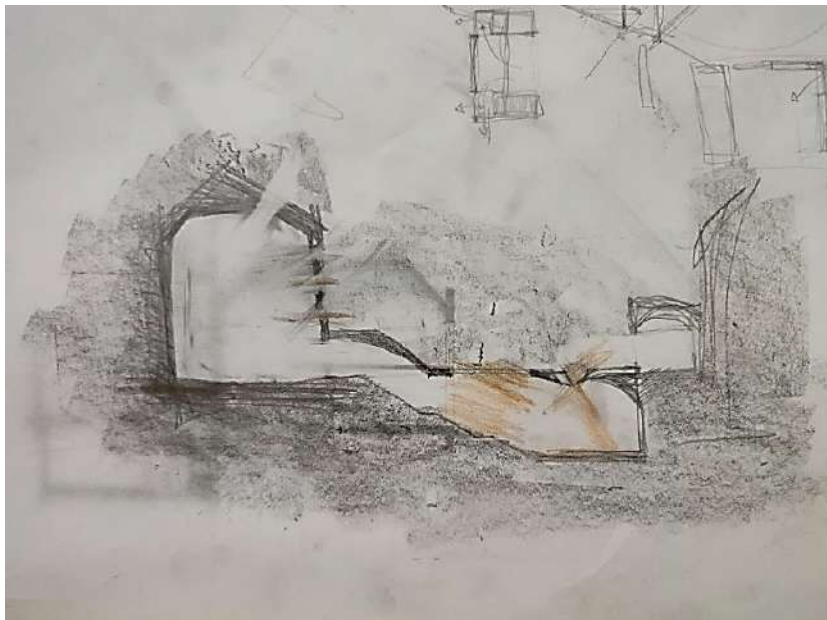
10 Do vazio da arquitetura. Ao desenho da cidade



9 Do vazio da arquitetura. Ao desenho da cidade diagramas



11 Centro Cultural Minerva Corte



12 Centro Cultural Minerva Corte



13 Centro Cultural Minerva Atmosfera



14 Centro Cultural Minerva Ambiente Projetado

2. 2. 4. Os ensaios em maquetas

O advento dos protótipos virtuais, embora tenha o seu papel, não deverá tirar lugar a elaboração das maquetas físicas e tradicionais. Estes devem ser modelos feitos à mão, por vezes rápidos, e outras vezes cirúrgicos que levam o seu tempo. A realidade é que estes permitem ao arquiteto, assim como no desenho, experienciar a arquitetura que nasce numa dimensão não apenas tridimensional, mas ao incluir o tempo, passa a ser tetra dimensional.

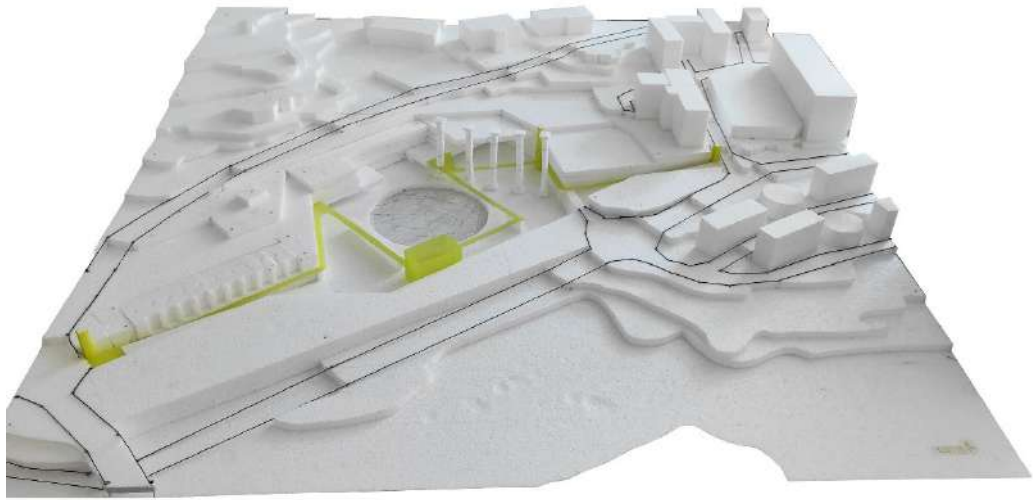
A experiência através da maqueta, para o arquiteto não é muito diferente do que acontece a uma mãe no ato de conceção de um filho, em que há uma forte ligação que se produz através dos processos biológicos complexos dentro de si. A respeito destes processos podemos ler:

“A ocitocina liberada no decorrer do parto (e, depois, durante a amamentação) é responsável pelo intenso laço afetivo que rapidamente se constitui entre a mãe e seu bebê. A experiência propriamente física do parto (conjugado à posterior amamentação exclusiva e sob livre demanda, com a consequente liberação da ocitocina natural) é, portanto, imprescindível para o estabelecimento desse elo.

O elo é afetivo e moral por ser fundamentado na biologia, na materialidade do corpo. Quem faz a conexão entre o afetivo/moral e o material/biológico é a ocitocina, em um processo que, a partir das discussões de Russo e Nucci, podemos chamar de “molecularização do amor materno”. (Russo & Nucci, 2020)

Não se pode deixar de admitir que a comparação apresentada seja uma hipérbole. Porém, claro está que o sujeito na medida em que elabora a maqueta, sente-se parte deste processo, de tentativa e erro, por isso, sugestivamente chamado de ensaio em maqueta, porque temos a possibilidade de errar e experimentar até obtermos o resultado desejado, embora a experiência possa tornar-se frustrante, porque no seu decurso estamos sujeitos ao retrocesso. Ainda assim, é sem dúvida um caminho memorável na medida que passamos a incorporar a arquitetura projetada.

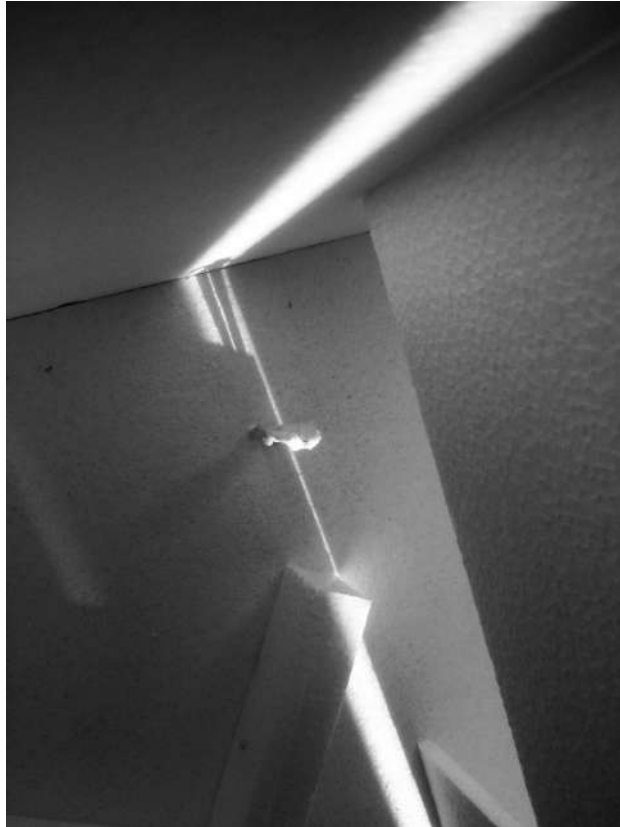
Seguem alguns exemplos que legitimam e fundamentam graficamente o que se acabou de descrever:



15 Do vazio da Arquitetura. Ao desenho da cidade



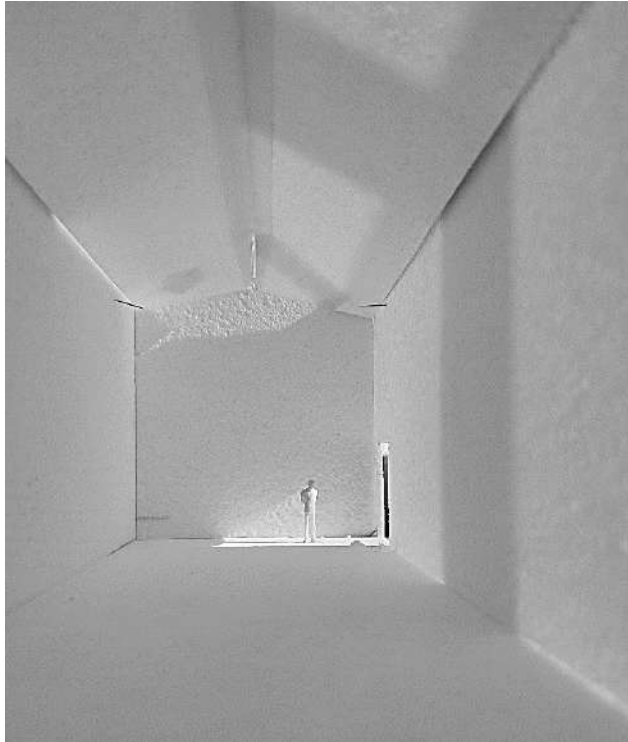
16 Cidade Imaginária



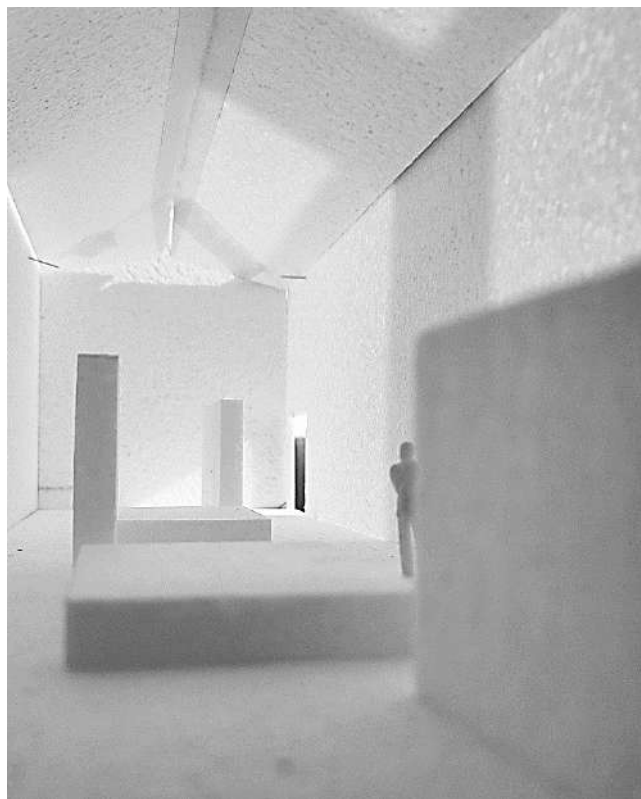
17 Convento Dominicano, Ambiente projetado



18 Convento Dominicano, Ambiente projetado



19 Centro Cultural Minerva Ambiente Projetado



20 Centro Cultural Minerva Ambiente Projetado

2. 2. 5. A colagem

Atualmente, existem diversos tipos de colagens e com fins variados, porquanto interessantes para já perceber a etimologia da palavra, para aquisição da consciência dos limites desta, isto é, até onde pode ir a nossa ação e ainda assim poderemos chamar colagem ao que resultar dali. Deste modo, pode afirmar-se que o termo colagem deriva do verbo francês *coller* (colar) e é a arte que, em essência, contribui para diversos processos de criação, além do uso apenas da cola e do papel. (Vargas & Souza, 2011)

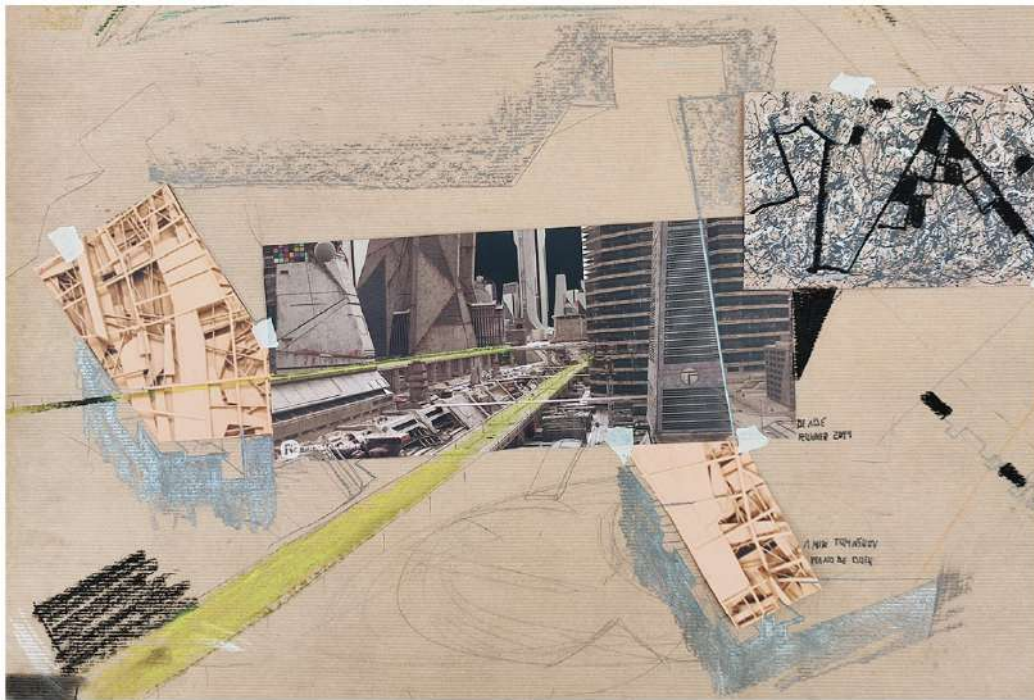
Renato Cohen vai dizer que “a collage seria a justaposição e colagem de imagens não originalmente próximas, obtidas através da seleção e picagem de imagens encontradas, ao acaso, em diversas fontes” (Cohen, 1989)

Através da colagem, as imagens e peças isoladas transformam-se em composições abstratas que prefiguram uma realidade, ainda inexistente. Os cientistas da comunicação Herom Vargas e Luciano de Souza fundamentam que:

“O que está no cerne da colagem é a tensão entre o peso de realidade dos objetos materiais (areia, jornal, madeira, tecido etc.), a tendência indicial das imagens figurativas utilizadas e o projeto estético do autor. A partir daí, frisarmos o leque de possibilidades das conjunções geradas na relação entre esses elementos no trabalho compositivo e, noutro aspeto, os variados níveis de vinculação entre obra de arte e realidade.” (Vargas & Souza, 2011)b

Tratando-se de uma técnica recorrente no campo da arte, na arquitetura acaba por ser um complemento às outras peças que se possam produzir para melhor perceção do é projetado.

À semelhança dos outros temas já discutidos, apresentam-se alguns exemplos de colagem que se vão metamorfosear com as inspirações e referências, tópico que será abordado a seguir. As colagens servem sempre de âncora para a imaginação, não necessitam sempre ser objetivas, têm também a componente subjetiva porque nem sempre aquele que a produz saberá o que terá produzido. Muitas vezes, a colagem pode carecer de um sentido lógico e talvez seja mesmo neste descompromisso que assenta o seu real sentido.



21 Do vazio da arquitetura. Ao desenho da cidade



22 Corpo, Livro, Janela

2. 2. 6. As referências, inspirações e metamorfoses

Tem havido em alguma proporção a inclinação, enquanto estudantes de arquitetura ou no exercício da profissão de arquiteto, de perceber as referências, como um recurso a ser evocado apenas para dar arranque ao ato de projetar. Ao contrário desta perspectiva, propõe-se uma perspectiva que seguramente já terá sido usada pelos grandes criadores da arte, por exemplo quando se pensa no advento do renascimento, e o renascimento não é outra coisa senão uma revisitação ao clássico, a conseqüente adequação à época passa a ser uma reinterpretação.

A respeito do renascimento, o renomado historiador e autor britânico Plantagenet Somerset Fry discursa da seguinte forma (Fry, 1996):

“... houve um renascer do interesse pela arte, arquitetura e literatura da antiga Grécia e Roma. Percebendo a importância deste conhecimento tentaram-se reconciliar as ideias dos Gregos e Romanos com as crenças cristãs”

Neste período, os arquitetos usavam uma variedade de formas gregas e romanas como as cúpulas, colunas e cornijas.



23 Florença Santa Maria. Fonte: (Roveda, sem data)

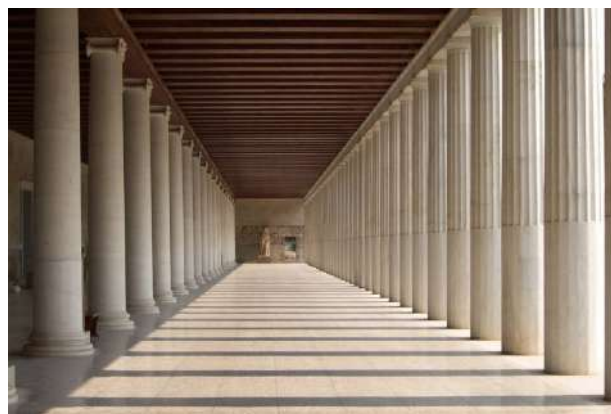
Algumas referências clássicas gregas e romanas que influenciam fortemente a arquitetura contemporânea são: Os Romanos construíam notavelmente aquedutos, termas, pontes, mercados, estradas, calçadas, tribunais, mosteiros e igrejas, templos, palácios, pórticos e anfiteatros.



24 O coliseu romano. Fonte: (*Arte Romana*, sem data)

Por outro lado, os gregos eram conhecidos através das três ordens, dórica, jónica e coríntia onde o grau de ornamentação aumentava respetivamente. Os gregos contruíam os templos, praças, teatros.

Tinha-se o 'Stoa' que significa 'arcada de colunata coberta ou fechada'. Assim como é o caso da Stoa de Attalos que está situado abaixo da Acrópole e dentro da Ágora, o mercado local.



25 Stoa de Attalos. Fonte: (*Stoa of Attalos, Atenas*, sem data)

Outro edifício grego relevante para a arquitetura contemporânea é o Partenon, um templo destinado à deusa Atena.



26 Partenon. Fonte: (*Partenon*, sem data)

A cada projeto que se faz podemos assumir estar diante de um “renascimento” na medida em que este procura referenciar-se noutras obras já existentes, podendo estar ou não relacionadas com a arquitetura. O que é fundamental é que estas referências estimulem o nosso pensamento e sentido crítico de forma a estarmos habilitados a produzir um determinado conjunto de espaços ou cidade.

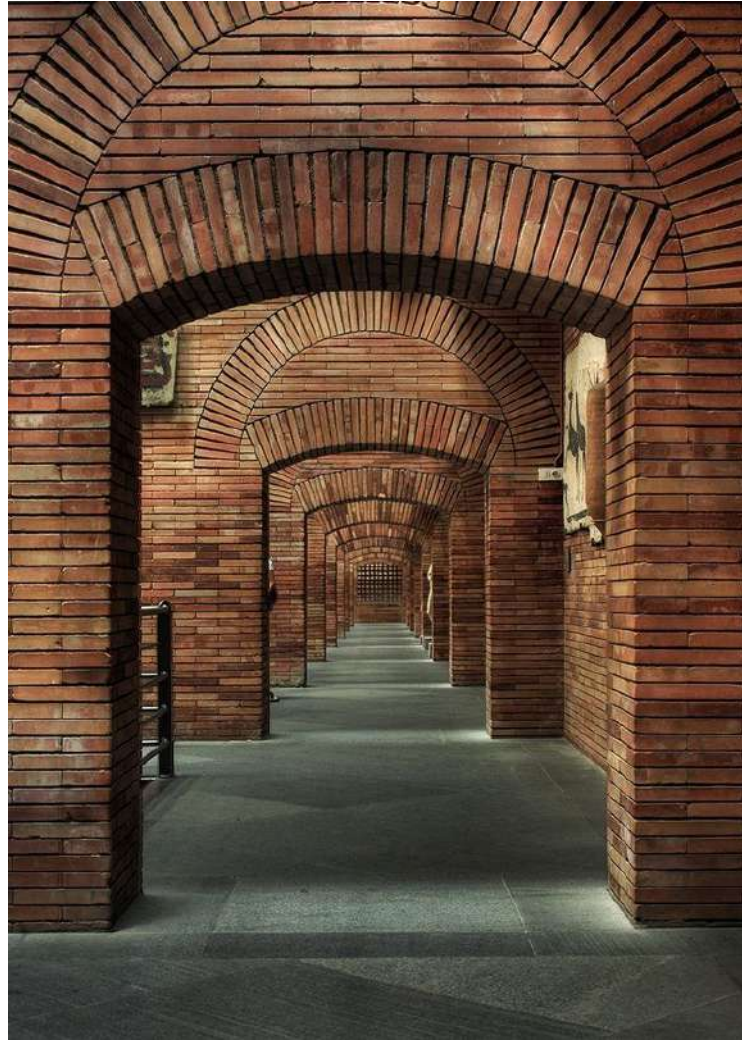
Um outro exercício que pode ser feito é o de transformar as imagens de referências arquitetónicas, obras geralmente construídas, em algo que passa a representar a realidade que se pretende conquistar no nosso projeto. Isto pode ser feito através da colagem que se materializa em manipulações, tais como: cortes, rasgos, deformações, pinturas, desenhos variados, justa ou sobreposição.

Seguem-se alguns exemplos de Campo Baeza que nos revelam a sua conformação com as referências arquitetónicas que o precedem:

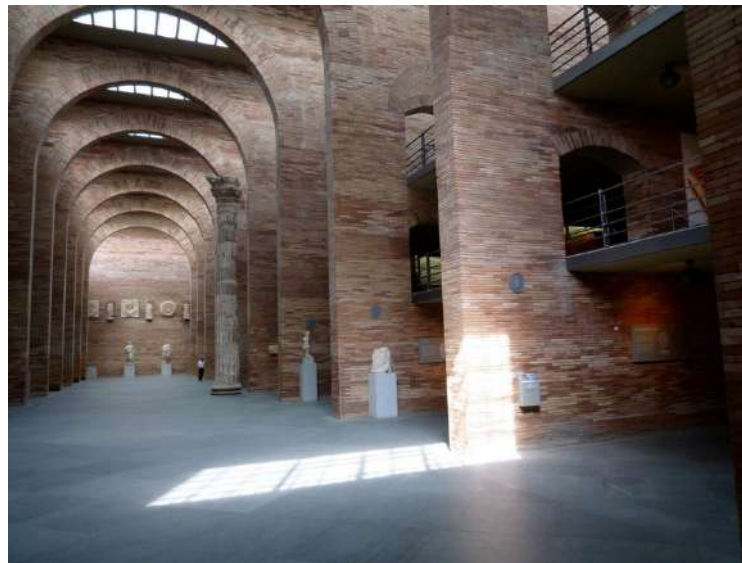


27 Caixa Granada. Fonte:(*2001 CAJA GRANADA HEADQUARTERS*, 2001)

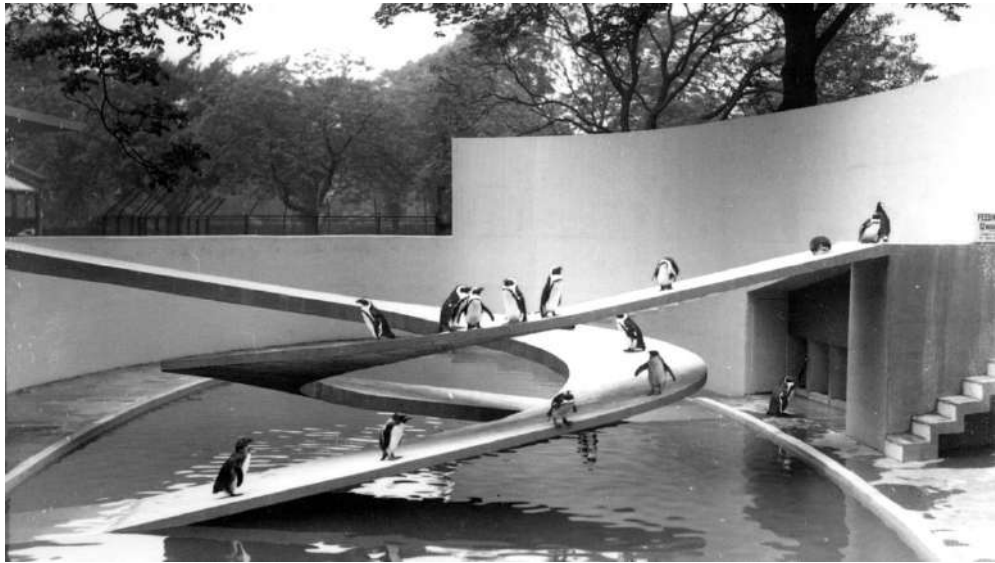
A Caixa de Granada por exemplo, apresenta a coluna como elemento estrutural e também estruturante na medida em que este compõe o espaço, dotando-o da monumentalidade do Pártenon grego.



28 Museu Nacional de Arte Romana. Fonte: (Moneo, 2016)



29 Museu Nacional de Arte Romana. Fonte: (Moneo, 2016)



30 London Penguin Pool. Fonte: (Team, 2020)



31 Museu da Memória de Andaluzia. Fonte: (Baeza, sem data)

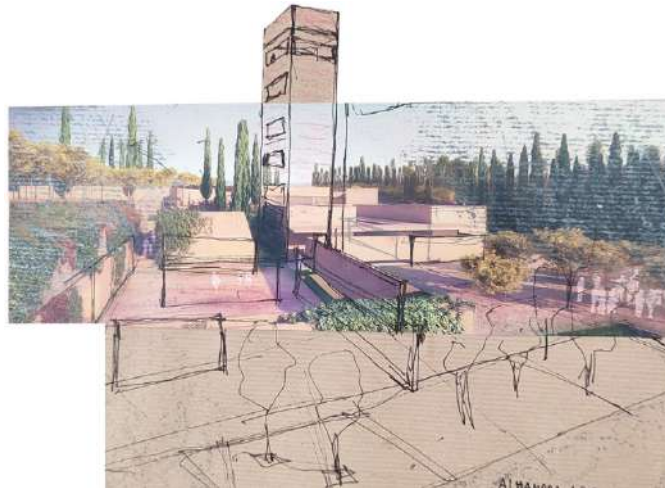
Tudo indica que a proposta da rampa helicoidal de Baeza para o Museu da Memória de Andaluzia seja uma citação ao Penguin Pool of London, de 1934, do Arquiteto Berthold Lubetkin.

Com relação à ideia da metamorfose das referências, como já foi enunciado acima, por meio da colagem obtemos a concretização da participação na arquitetura, ou obra, geralmente de arte de influentes figuras de todas as eras artísticas passadas e utópicas.

Através deste exercício temos a possibilidade de tomar como adquirido, nosso, estas referências, uma vez que já não correspondem mais ao objeto a que se destinavam, porém estas imagens ou objetos passam a estar ao serviço daquele que as manipula.

Trata-se de um exercício realmente excitante, na medida em que o mesmo nos vai aproximar da realidade já existente e, como diz Faria, passamos a ter “uma riqueza conquistada” (Faria & Vieira, 2014)

Vejamos os resultados que se seguem:



32 Alhambra Metamorfoseada

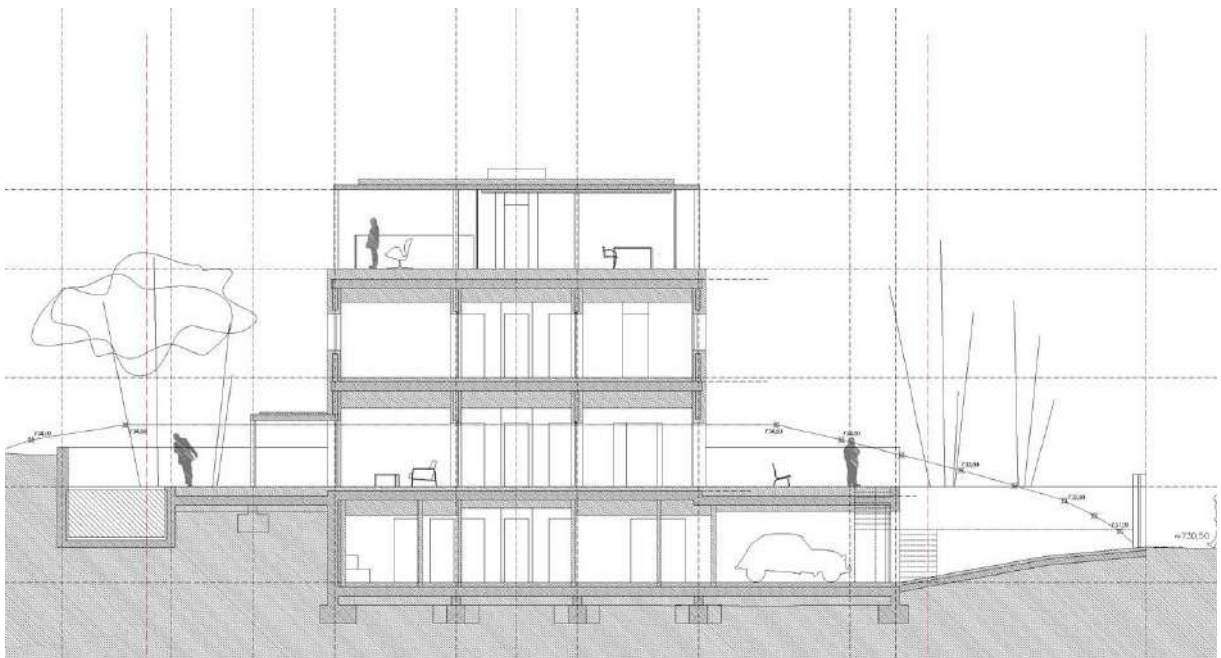


33 Ecoboulevard Metamorfoseado

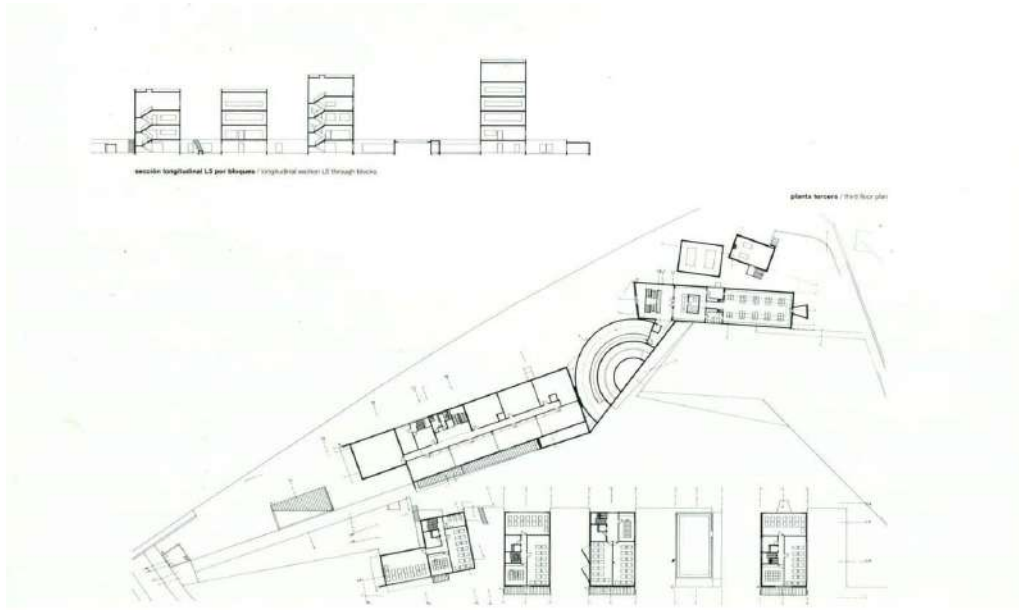
2. 2. 7. O desenho disciplinado

Por último, e não menos importante, temos o desenho disciplinado, como sendo aquele que permite a transição do projeto no papel ao mundo real, passando a ser um mediador entre a dimensão conceptual e a construtiva. Este é o desenho técnico nas suas variadas complexidades. Não obstante, este tipo de linguagem, apesar de carregar as exigências que carrega, ainda assim, não pode ser desprovido de uma certa sensibilidade, tato e identidade.

A arquitetura também é uma forma de expressão e, por isso, deve, para além de responder formalmente a uma pergunta complexa e burocrática, dar lugar à expressividade que se rebate na singularidade. Por exemplo, é fácil perceber quando é que estamos diante de um desenho técnico de Campo Baeza, de Álvaro Siza e de Souto Moura. Adicionalmente pode-se apresentar o desenho de autoria própria:



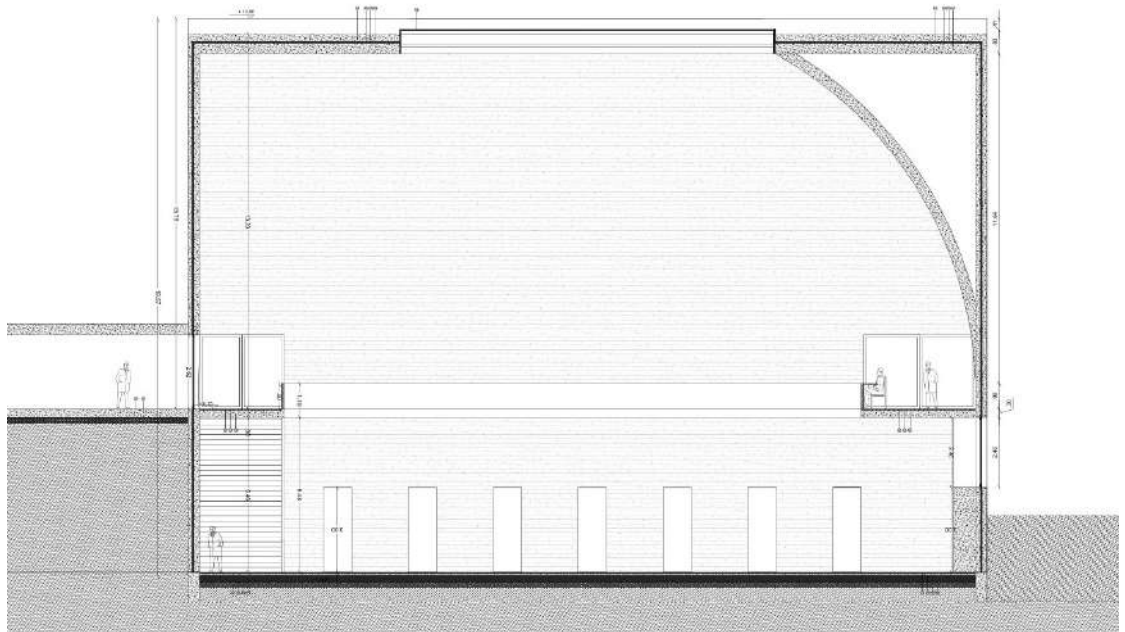
34 Casa Rotonda. Fonte: (2021 Rotonda House, Madrid, 2021)



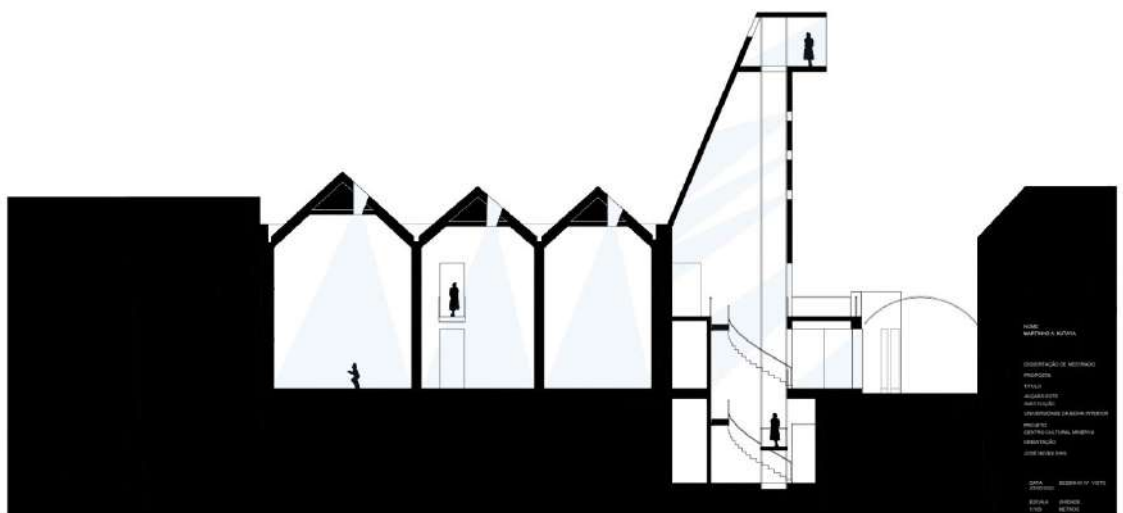
35 Planta da Faculdade de Arquitetura do Porto. Fonte: (Vieira, 2014)



36 Quintas das Bernardas. Fonte: (Moura, sem data)



38 Corte Longitudinal para Biblioteca do Convento Dominical



37 Corte da proposta para o Centro Cultural Minerva

3. Reflexos do Passado Colonial: Luanda antes, durante e depois da era colonial

Este capítulo será produzido com base em três figuras relevantes, o historiador David Birmingham, a arquiteta portuguesa membro do CIAUD Ana Tostões e o historiador de Arte Udo Kultermann.

Estes fazem de forma acurada a descrição de Luanda e situações desafiadoras a que esta enquanto cidade teve, tem e terá de enfrentar. Por conseguinte, a discussão estará disposta em três fases da cidade: a pré-colonial, era colonial e pós-colonial. Esta última deve discutir as questões que intrigam os que pretendem pensar o espaço num contexto com muita história relevante, como é o caso de Luanda, e com desafios atuais, entre os quais a pretensão de se desenvolver dentro de um espaço de tempo muito limitado.

3.1. Luanda, Angola: situação socioeconómica no período pré-colonial

No final do séc. XV a influencia europeia sobre África entrou numa fase de exploração unilateral. Embora em certa medida a relação entre África e a Europa tivesse tido um enorme papel no desenvolvimento dos dois continentes, mantendo-se inseparavelmente ligados e influenciando-se mutuamente.(Tostões, 2013)

Antes da chegada dos portugueses, Angola terá sido ocupada por povos itinerantes, grande parte destes eram ou de origem Bantu ou eram povos Khoisan. Os Bantu, diferentes dos Khoisan que eram estruturados em clãs, são povos organizados em reinos, e das suas atividades podem destacar-se a produção artesanal sofisticada e o artificio do trabalho do ferro, como afirmam Luís Pacheco, Paulo Costa e Fernando Tavares:

“Os Khoisan eram povos nómadas caçadores, que utilizavam a azagaia e alguns instrumentos de caça, mas desconheciam praticamente a agricultura e consequentemente os instrumentos agrícolas. Todos os povos Bantu de Angola sabiam trabalhar o ferro, produzindo enxadas, pontas de lanças, etc., e a produção artesanal era já bem desenvolvida. Apesar de apresentarem diferentes graus de dedicação, estes povos

distinguem-se como agricultores (no Norte), pastores (no Sul), agricultores e pastores (no Centro).” (Pacheco et al., 2018)

No século XIX, a ocupação de África pelos europeus na sequência da conferência de Berlim (1884-1885) conduziu à partilha deste território pelos poderes mundiais da época e Portugal constava nesta lista. As fronteiras geográficas então definidas não refletiam a população nativa nem a sua cultura, e o processo de colonização caracterizou-se por uma agressiva exploração, ocupação e penetração, como se verá mais adiante. (Tostões, 2013)

Os portugueses, na procura de uma rota marítima e alternativa para a Índia, começaram por volta de 1450 o período da expansão, marcando o início da interferência europeia na África subsariana, as costas africanas foram despojadas e saqueadas começando no século seguinte a diáspora de milhões de africanos para as plantações do continente americano. (Birmingham, 2015; Tostões, 2013)

O rei do Congo Nzinga-a-Nkuwu recebe os portugueses como amigos, convertendo-se ao cristianismo, é batizado, passa a chamar-se João I. Esta relação estendeu-se ao longo do século XVI, as fragilidades desta começam a pôr-se em causa após a eleição de Luanda, quando os interesses se voltam para o reino do Ndongo. O povo Ambundo era grupo Bantu que se tinha instalado em Luanda neste período. As imagens a seguir ilustram, parcialmente, estes fatos. (Medeiros, 2014; Pinto, 2017)



39 A conversão do rei Nzinga-a-Nkuwu ao cristianismo. Fonte: aretirada1975osultimosdoleste.blogspot.com

Pode-se dizer que o ano de 1482 marca o início período colonial em Angola que é marcado pela chegada de Diogo Cão, como fora relatado acima, por via marítima com o seu desembarque junto a foz do rio Zaire, Diogo efetua os primeiros contactos com o rei do Congo Nzinga-a-Nkuvo. Ali procederam-se trocas comerciais como “missangas, vinhos, aguardentes, tecidos e outras bugigangas por grandes quantidades de ouro e marfim, sendo essas trocas comerciais livres.”(Pacheco et al., 2018)



40 Mapa dos reinos em Angola. Fonte: aretirada1975osultimosdoleste.blogspot.co

Luanda foi formalmente fundada por Paulo Dias de Novais em 25 de janeiro de 1576 com o nome de São Paulo da Assumpção de Luanda. Relata Isabel de Castro Henriques o seguinte: “Instalados em 1575 na pequena ilha de Luanda, os Portugueses puderam fixar-se em terra firme em 1576, após terem estabelecido um acordo com as populações” que ali se tinham estalecido” (Henriques, 2004; Sousa, 2008; UCCLA, sem data)

Sendo Luanda uma cidade “insalubre e deficitária em água potável” num primeiro momento, lançam-se bases para dizer que a escolha desta enquanto capital vai ser influenciada por caraterísticas, tais como a existência do porto, as excelentes condições de defesa que morro de São Paulo oferece. (Sousa, 2008; UCCLA, sem data)



41 Os portugueses visitam o reino do Congo.
Fonte: civilizacoesafricanas.blogspot.com

3.2. Luanda, Angola: a era colonial

Luanda, no século 19, era considerada a cidade mais bela da África Ocidental e por sinal a única cidade. Embora fora lenta a alcançar os requisitos modernos de uma cidade, por exemplo, ela era fornecida por sistema de abastecimento de água que obrigava os residentes a recorrerem a bombas de água. A iluminação das ruas era feita através dos candeeiros que queimavam óleo de amendoim, às vezes viam-se cabras e porcos vaguearem pelas vielas em busca de lixo comestível. (Birmingham, 2015)

Apesar de tudo, Luanda era uma cidade em que se podiam comercializar bens de qualidade, tais como: linho fino, fios coloridos, veludo, renda prateada, tapetes turcos, contas coloridas, fio de seda e tecido de algodão tingido de azul proveniente da costa de Guiné. (Birmingham, 2015)

Nesta altura, calculava-se que em Angola vivessem cerca de 2000 brancos, sendo cerca de 10 por cento destes do sexo feminino, e 6000 mestiços, dos quais metade eram do sexo feminino.

Porquanto, Luanda, assim como outras cidades africanas de fundação ocidental, eram divididas em duas regiões, uma área formal e outra informal, a periferia. A primeira, sendo destinada respetivamente a brancos (os colonos) e a segunda aos pretos (os indígenas). O que sem dúvida terá deixado marcas violentas no desenho urbano das metrópoles modernas africanas.

Para melhor perceber as nuances acerca de como era a vida em Luanda durante a era colonial, pensou-se ser relevante atentar para os relatos de George Tams, segundo David Birmingham, é um cirurgião de Hamburgo, que faz uma descrição interessante aquando da sua visita a Luanda, vê fascinado pela magnífica baía, ladeada por palmeiras de Angola. Apresenta Luanda como tendo uma vista invejável, chama-a de o lado colorido, salienta também o enquadramento visual da baía e algo diz lembrar-lhe a baía de todos os santos, no Brasil.

É provável que Tams, ao falar acerca do lado colorido da cidade, estivesse a procurar descrever as residências dos mercadores locais, que “eram pintadas de amarelo berrante e branca, com azulejos vidrados em vermelho e azul que brilhavam ao sol”.

Os mercados locais eram a paixão dos visitantes, pensa-se que este deverá ser também o caso de Tams. Não havia hotéis ou espaços semelhantes para acolher os hóspedes, estes tinham que dormir a bordo no navio ou procurar alojamento junto de algum residente hospitaleiro.

Os mercadores expatriados eram na sua maioria solteiros, gostavam de frequentar os salões das madames espanholas e portuguesas. Elas eram lindas, tinham olhos brilhantes, ofereciam serviços pessoais, acabando algumas por se casarem com os seus clientes regulares.

As mulheres honestas eram bem protegidas, inclusive o teatro de Luanda tinha uma entrada separada para mulheres casadas, com uma barreira a proteger dos olhares dos patronos.

Por outro lado, a cidade tinha como principais divertimentos jogos de cartas, os jantares, idas ao teatro ou ao salão de bilhar, uma taberna de gim que servia a multidão e acreditava-se ter havido uma praça de touros.

Vale lembrar que o mercado informal e a venda ambulante sempre caracterizaram Luanda, tal como lemos em David Birmingham:

Nas esquinas em redor do mercado de hortícolas, caldeiras de sopa de tomate ferviam constantemente e grandes mães sentavam sob toldos pitorescos exibindo tapetes e

cesto, facas e tesouras, tecidos e cachimbos, bem como todo o tipo de objetos úteis para o lar.(Birmingham, 2015)

No ponto de vista da saúde, destinadas as pessoas mais ricas, pode afirmar-se que nos hospitais as enfermarias dispunham de condições salubres, eram altas e arejadas, inclusive existiam à disposição quartos privados.

Por outro lado, nas plantações do interior e nas praias, as condições revelavam-se precárias e insalubres. A nutrição era monótona e inadequada, embora o quadro melhorasse para as grandes plantações de cacau, que proporcionavam condições de saúde mínimas.

Voltando ao centro da cidade e acerca da vida das crianças que eram escravas domésticas, pode-se dizer que se estas, ainda que de modo muito insignificante, falhassem na adequada realização dos seus deveres, eram levadas para o pátio e ali recebiam severos castigos.

Enquanto este incidente decorria, a patroa sentava-se a contemplar, assistia encantada na varanda do primeiro andar à medida em que os escravos-se iam contorcendo sob os golpes do chicote. Estas eram mulheres ricas e tinham muitos terrenos na baixa de Luanda, que eram rodeados por um alto muro erigido para proteger a sua propriedade e para simbolizar o seu estatuto.

Luanda era uma cidade que dançava e cantava numa exuberância juvenil, era uma cidade diversa, a segregação era feita tendo em conta a classe cultural e não a raça. Só em 1836 é que se dá a proibição da escravatura, embora esta tenha tido apenas implicações teóricas.

3.3. A Condição Contemporânea - Luanda de Hoje

A última era da colonização em África, cujo fim começa em 1960, caracterizou-se por um esforço colonial destinado a adiar as independências, introduzindo as bases de construção de um moderno estado de providência, afirma Antoni Folkers.

Tal como informa Udo Kultermann, dizendo que os acontecimentos que sucedem à guerra, sobretudo a fundação da Nações Unidas em 1945, tiveram uma intensa

reverberação na mudança de estatuto de diversas partes de África. Vários países africanos iniciam os processos de luta para a libertação, o caso de Angola foi tardio.

Assim, em África, os que lutaram pela liberdade estavam Kwame Nkrumah (Ghana), Leopold Senghor (Senegal), Julius Nyerere (África oriental). O Ano de 1960 é uma data memorável para África, sendo adotado como o ano da independência do continente Negro.

Em Angola, com o fim da opressão colonial, começamos a viver um outro momento de tensão, agora entre os movimentos de libertação. A disputa girava em torno de quem deteria o poder político, governando, por conseguinte, o país, desencadeando-se uma guerra civil. Os movimentos ou as frentes de libertação foram: União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) de Jonas Savimbi, Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) de Agostinho Neto e Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) de Holden Roberto.

Durante os anos de guerra civil, deslocaram-se de todo o país para as cidades, principalmente Luanda, muitas pessoas em busca de mais segurança. Desta forma, com este processo de êxodo rural acelerado para a capital, Luanda teve um aumento demográfico enorme num período relativamente curto. O que trouxe mais valias do ponto de vista económico para a Cidade Capital, enquanto pôs em causa a disponibilização de parque habitacional para todos.

Com o desenvolvimento das actividades económicas, a cidade Baixa expandiu-se até o novo porto, tornando-se o lugar ideal para o comércio, administração pública e outros serviços. Admite-se que poucas são as cidades que suportariam acolher uma população com um crescimento demográfico acelerado, onde o tempo de ocupação ou apropriação do espaço e do parque habitacional é inferior comparado ao da providência de infraestrutura, acompanhada com o processo do loteamento. Há unanimidade em afirmar que Luanda não tem conseguido saber lidar com esta realidade presente. (Bittencourt, 2016) De Castro pode-se ler:

Por se ter tornado, durante o período de guerra e pós-guerra, a cidade com maior estabilidade militar e económica em relação às outras províncias do país, Luanda não só absorveu os problemas sociais resultantes desse processo como experimentou um rápido crescimento da sua população e, conseqüentemente, o alargamento do seu tecido urbano (Castro et al., 2018)

Pode-se dizer que Luanda já terá ultrapassado o nível normal em termos demográficos, mostrando-se incapaz de responder as necessidades básicas de toda a população. Já que esta condicionante acaba por interferir nas dinâmicas sócio espaciais e na conformação territorial.

Os valores dos terrenos sobem e os espaços livres e verdes em redor das construções de baixa altura existentes, passam a ser ocupados por edifícios mais altos, iniciando-se a transformação do centro histórico. Hoje, é na Cidade Alta que ainda se mantêm grande parte dos edifícios da arquitetura colonial do fim do século XIX e princípios do século XX. Esta zona da cidade considera-se protegida, pois aqui se encontram alguns serviços públicos e grande parte das residências das entidades militares e do Governo.

Em contrapartida, quando se visita Luanda é possível perceber que um bom número da população se encontra abaixo do nível da pobreza. A sobrevivem do comércio informal e ambulatório, que muitas vezes se apropriam dos espaços viários e pedonais, uma vez que é ali onde há maior fluxo da população. Com isto, é legítimo dizer que Luanda vive na rede viária e disso resultam congestionamentos de trânsito, já fomentadas pela escassez e incapacidade das vias atenderem ao exacerbado número de automóveis. Não se ouve muito acerca da ecologia e preservação do meio ambiente de maneira pragmática, uma vez que as carências existentes apresentam uma magnitude numa ordem superior, que ecoam urgentemente por intervenção.

Com a chegada de novos investidores nacionais e internacionais, o centro Histórico de Luanda começou a assistir a consideráveis “atentados”, do ponto de vista da preservação da sua identidade. Abrindo espaço para rápidas demolições de edifícios que fizeram parte da história, o que reconfigurou a forma de ver a cidade, passou de uma escala humana para a vista de pássaro. Uma cidade em que só se podem contemplar os arranha céus, que é contrastado na periferia, com os musseques, as casas de latas, em condições precárias. Estas são algumas das razões que explicam os desafios urbanos em Luanda.

Após o término da prolongada guerra civil, em 22 de fevereiro de 2002, tem se verificado um esforço por parte do governo para reconstruir as principais infraestruturas socioeconômicas bem como para reconstituição e fortalecimento das agências legais do Estado. Isso inspirou a elaboração de planos de desenvolvimento e diretores, a exemplo dos planos de ordenamento do território e desenvolvimento nacional como o PND 2013-

2017 (Angola, 2012) e, mais recentemente, o PDGML 2015-2030 (IPGUL, 2015). (Castro et al., 2018)

Os instrumentos para regulação da produção social do espaço estão assegurados, de maneira teórica. Mas, na prática, são as complexas tramas políticas e económicas, as dinâmicas e “conflitos” socioculturais que dão a lógica da produção do espaço.

A cidade de Luanda assegura em muito a identidade do país e é, sem dúvida, o cartão de visita do país para o mundo em geral, o que leva a atração de muitos turistas e investidores. As razões que se podiam enumerar são diversas, das quais a predominância é económica, tendo feito desta no ano de 2017, a cidade mais cara do mundo segundo dados avançados pelo jornal de negócios português. (*Jornaldenegocios*, 2017)

Em contraposição a isto, do ponto de vista da preservação do património, ainda não se conseguem observar com clareza, o empenho e envolvimento das entidades públicas e privadas deste ramo.

Pode-se dizer, na visão do observador e usufruidor do espaço urbano, que ainda há muito que fazer para se olhar para o património arquitetónico desta e poder afirmar, sem dúvida, que estamos diante de um território comprometido a valorizá-lo.

O que se vê, principalmente no centro histórico, é o surgimento e a apropriação por parte de novos corpos estranhos, cuja implantação requer a aniquilação da história, do passado, da identidade não só da cidade ou para ser mais preciso, da cidade baixa (o centro histórico), mas também de todo o país.

Há um caso muito conhecido, que se poderia apresentar, deixando ainda de lado o caso de estudo deste trabalho (A Antiga Tipografia Minerva de Luanda). Trata-se do quarteirão que agora acolhe o edifício sede da maior empresa petrolífera de Angola, uma das maiores do mundo neste setor, a Sonangol, torre com mais de 20 andares, assumindo-se como um arranha céu diante da realidade que este encontra.

No centro, em que os edifícios de carácter habitacional apresentam não mais do que 2 pisos acima da superfície, os serviços seguem a mesma caracterização. É possível estabelecer uma comparação com os centros históricos portugueses e, levando este exercício avante, podemos concluir que poucas serão as diferenças e todas terão como base a diferença climática.

Ademais, enquanto os edifícios de caráter habitacional antigos se encontram quase que sem manutenção e se há, todavia, não se verifica a preocupação de se manter a linguagem. É importante deixar claro que não se pretende, com essa discussão, fomentar ou inibir a condição de evolução da cidade, nem a produção de réplicas, ou talvez o uso dos sistemas antigos à letra da palavra, dado que de alguma forma ou de outra, muitos destes, já deverão estar obsoletos.



42 Sonangol. Fonte:(CEDESA-Editor, 2021)

Dados estes precedentes, importa atentar-se para outros dois desafios que se devem cruzar com anterior. Os mesmos são apresentados por Ana Tostões e prendem-se com a consciência para com a história pré-colonial e o fator clima. Tendo em conta estes parâmetros, julga-se estar suficientemente apto para ingressar na “aventura” que é repensar as cidades africanas.

Tostões, tal como John Lagae, concordam que “de um ponto de vista eurocêntrico em que a África é considerada como continente sem história, e que os países africanos eram vistos como territórios virgens. E os edifícios coloniais na África subsariana acabaram por refletir muitas influências”. (Tostões, 2013)

Através de Udo Kultermann percebemos que a arquitetura em África vivia de uma tradição de milhares de ano de antiguidade. Ainda sobre a antiguidade africana pode-se constatar que esta consciência é reforçada por Ricoeur ao afirmar ser necessário o resgate da raiz do passado para refazer uma alma nacional e erguer esta reivindicação espiritual e cultural. (Kultermann, 1993)

Os questionamentos que Paul Ricoeur elabora são preponderantes para fomentar a discussão em torno deste assunto. Ele coloca: como se pode modernizar e simultaneamente retornar às fontes, às origens? Como despertar uma velha cultura adormecida e entrar na civilização universal? (Ricoeur, 1955)

É Pancho Guedes a figura portuguesa que declara a sua motivação para a criação de uma interpretação africana da arquitetura moderna a partir da necessidade de responder ao desejo africano dos edifícios serem símbolos, mensagens, memórias, espaços para ideias e sentimentos, como se verá adiante. (Fernandes et al., 2007)

Não é muito difícil perceber que as cidades africanas pelas especificidades geográficas e climáticas, promoveram diferentes sentidos para o vocabulário moderno, adquirindo este novas expressões e escalas. Ainda sobre os estímulos, destacam-se a imensidão da paisagem africana.

Para o caso de Luanda, é a figura de Vasco Vieira da Costa e Fernando Simões de Carvalho que se dedicam à produção arquitetónica numa leitura corbusiana, como coloca Tostões, no seu artigo *Visões Cruzadas* e Maria João Grilo, no livro *Modernidade Ignorada*:

“[...] desenvolveu uma aproximação criativa e original, utilizando as condicionantes do lugar e do clima como estímulos para uma resposta tecnicamente eficaz e esteticamente inovadora, legando uma obra moderna a todos os títulos excepcional. Seguindo os princípios do desenho adaptado a um clima tropical baseados na ideia de que uma ventilação eficaz é fundamental para assegurar o conforto, [...] procurou sempre “implantar a construção de acordo com os ventos dominantes”, e ao mesmo tempo coordenar esta condição com a exigência de reduzir a incidência solar direta sobre as superfícies do edifício. Combatendo o recurso ao ar condicionado nos edifícios, [...] defendia que um sombreamento e ventilação adequados asseguravam melhores condições de conforto. Dedicando uma constante atenção às questões da proteção solar, ventilação natural e escoamento das águas pluviais, criou um conjunto de sistemas de controlo passivos destinados a assegurar eficiência ambiental e que ao mesmo tempo constituíram a base criativa da sua gramática expressiva patente no edifício Mutamba (1968) ou na torre Secil (1960).” (Tostões, 2016)

“Nos corpos desenhados por Vieira da Costa as dimensões corporizam-se construindo os espaços imbuídos de valor humano. Resiste neles a memória de uma ideia enquanto se modificam e vivem as contingências urbanas através do incessante passar do tempo, do tempo com que se nutre a natureza cumulativa, cultural, das cidades.”(Caldas, 2008; Grilo, 2015)



43 Edifício da Mutamba. Fonte: (Tostões, 2016)

Anatole Kopp defende que a arquitetura moderna, aqui poder-se-ia acrescentar a arquitetura contemporânea, não é uma estética, mas a proposta de um melhor quadro de vida para todos. A mais estimulante aproximação ao tema faz-se através de conceitos como identidade, memória e troca. (Kopp, 1990)

Neste seguimento, pretende-se que haja, no exercício de intervir na cidade, no centro consolidado particularmente, a consciência do passado, permitindo a aquisição da sensibilidade de poder promover, ao inserir os novos membros da cidade, um diálogo salutar, produzindo através deste gesto, novas formas de se habitar e experienciar a cidade, que sem dúvida tem e terá ainda muito a oferecer.

3.3.2 Informações gerais atualizadas sobre Angola: Luanda

Angola é um país com 1.246.700 km² de superfície e localiza-se no sul ocidental de África, detém do oceano Atlântico uma costa marítima de 1650 km, estabelece os seus limites de Cabinda ao Cunene e de mar ao leste, sendo Cabinda a província que está mais

a norte do país, inserida na fronteira com o República do Congo e a vizinha República Democrática do Congo e o Cunene é a província localizada mais à sul, fazendo fronteira com a Namíbia.

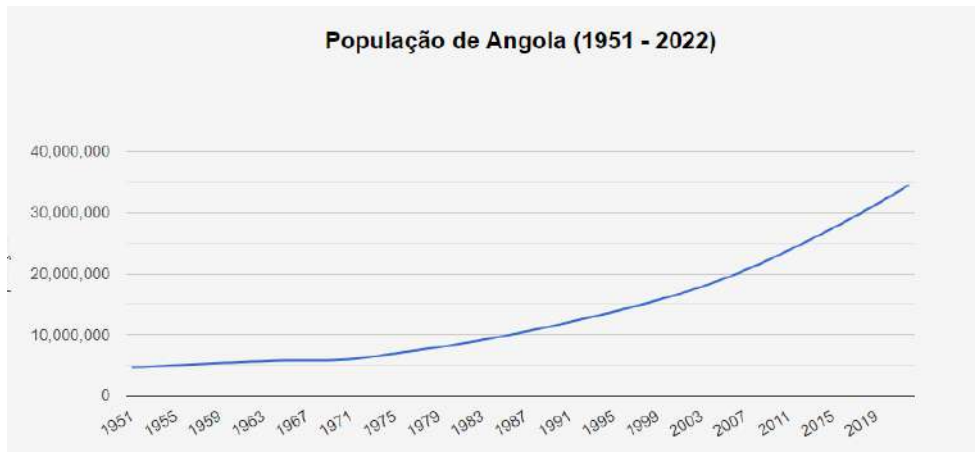
Angola conta com uma População atual de 35 248 105 habitantes, tendo uma taxa de crescimento na ordem dos 3.29%. (*População de Angola, 2022; United Nations, 2022*) e Luanda conta com a maior parte da população urbana do país sendo estimada a 6.760.444 de habitantes o equivalente a 41,9% da população urbana total. (Unhabitat, 2017)

O território de Luanda enquanto cidade compreende uma área de 113 Km² e a província com o mesmo nome tem uma extensão territorial de 18 826 km². A temperatura média em Luanda é de 25,4 °C. O mês de março é o mês mais quente apresentando temperatura média de 27,6 °C, julho é o mês mais frio com temperaturas médias de 22,0 °C. Em um ano, a precipitação é de 387 mm. (Climate-data, 2022; UCCLA, sem data)

Apresenta um clima tropical que de outubro a maio compreende a estação quente e húmida, por sua vez de junho a setembro compreende a estação do cacimbo que é fria e seca, isto segundo dados avançados pela União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa (UCCLA). Ainda através dos mesmos dados, podemos ler:

“Luanda alberga cerca de 6 000 000 de pessoas. A partir de 2011, a anterior «grande Luanda» deu origem a três municípios: Luanda, Belas, Cazenga Viana, Kissama, Cacuaco e Ícolo e Bengo. O município de Luanda é formado por 7 distritos: Ingombota, Kilamba Kíaxi, Luanda, Maianga, Rangel, Samba e Sambizanga. Luanda é a cidade que apresenta maior crescimento económico a nível do país.” (UCCLA, sem data)

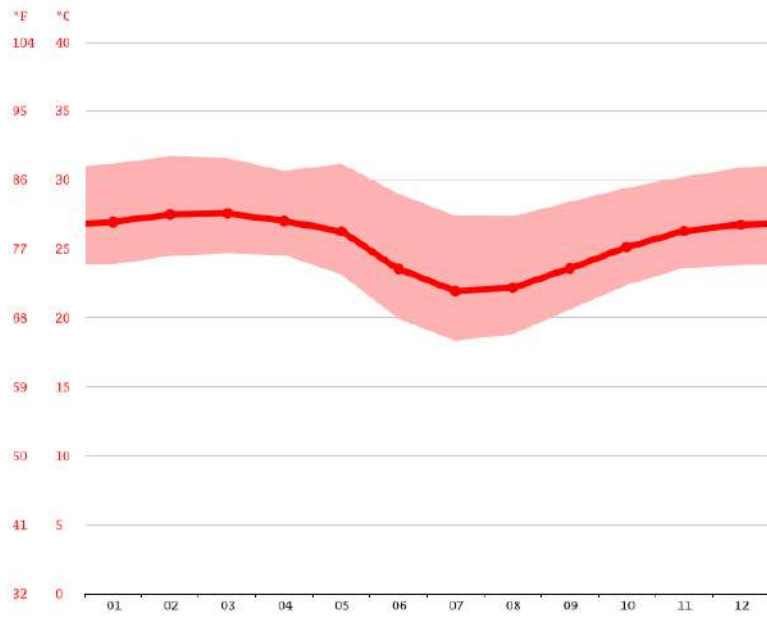
“Ali se encontram sediadas as maiores empresas angolanas e delegações e subsidiárias de várias multinacionais. O porto de Luanda, localizado na baía de Luanda, é o principal porto do país, movimentando mais de 70% das importações e exportações angolanas (petróleo/crude excluído).” (UCCLA, sem data)



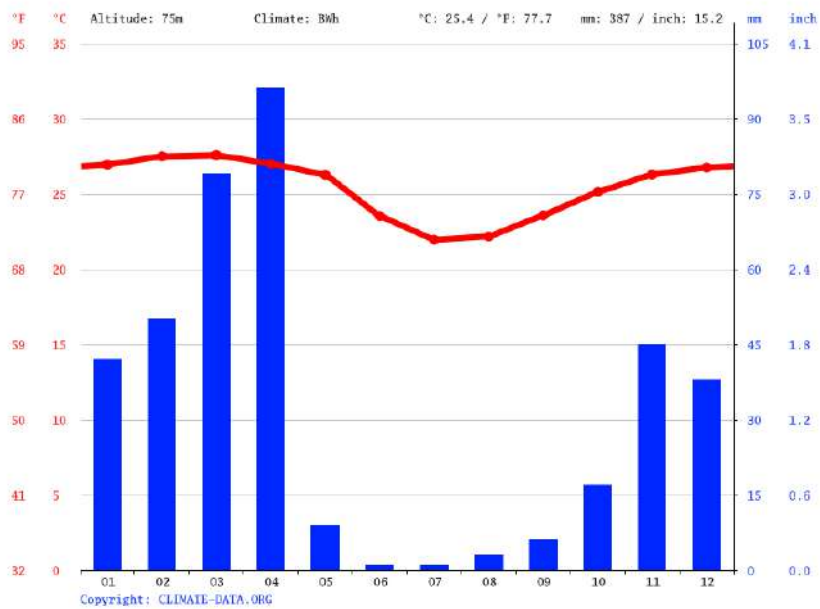
44 População de Angola. Fonte: countrymeters.info/pt/Angola



45 Taxa de Crescimento. Fonte: countrymeters.info/pt/Angola



47 Temperatura Mensal. Fonte: es.climate-data.org/africa/angola/luanda/luanda-498/



46 Precipitação Mensal. Fonte: es.climate-data.org/africa/angola/luanda/luanda-498/

3.4. A problemática: devolução, degradação e abandono do edificado, um fator que transcende as cidades: O caso de Luanda

A expressão “a atividade de intervir na cidade pela reabilitação”, como diz Ana Virtudes, parece ser o desafio atual, atendendo ao contexto de desenvolvimento (expansão) urbano, torna-se a diretriz do trabalho realizado.(Virtudes, 2015)

As propostas que visam a reabilitação e requalificação urbana e do edificado, nomeadamente nas áreas consolidadas, são poucas, pelo que se propõe é que se criem medidas que visam reverter estas limitações, as perequações aplicadas à reabilitação urbana que compensem os promotores da reabilitação da cidade, porque se trata de uma tarefa para o bem comum, embora, muitas vezes sejam movidas por intenções pessoais.

Independente da situação geográfica ou económica, a ação continua a ser um processo moroso e dispendioso, uma vez que esta exige estudos aprofundados, uma quantidade de conhecimentos prévios, e dispor de materiais que possam responder as necessidades do edificado, devendo este ser de baixa densidade e alta resistência, promovendo soluções sustentáveis.

Oliveira adianta que um dos posicionamentos a ser tomado seria o de estimular a reabilitação, uma vez que se pretende reduzir ou limitar cada vez mais a expansão urbanística de forma a estimular a valorização do património, de contrário não estaríamos a preservar a memória da cidade, algo que terá implicações no que diz respeito à identidade do lugar, e também não se pretende levar a um estado rudimentar o espaço urbano já compacto.(Oliveira, 2015)



48 Centro Histórico de Luanda. Fonte:
www.buala.org/pt

Tem-se observado uma mudança no setor da construção, enfatizando-se a reabilitação urbana em detrimento da construção nova, uma tendência que privilegia o aumento da vida útil dos edifícios existentes. Tal como o Património edificado tradicional, também o Património recente tem sido alvo de reabilitação, motivada por diversas anomalias de carácter construtivo e funcional. (Costa, 2016)

Assim como em outras cidades, a cidade de Luanda tem assistido o progresso de muitos edifícios devolutos, abandonados, degradados e paralelamente tem-se verificado o aumento de construções de raiz, o que tem levado ao esquecimento a reabilitação de edifícios antigos, dos quais muitos remontam à era colonial que Angola terá atravessado.

Micaela Reis, numa entrevista ao Euronews, declara que a cidade terá mudado muito e que muitos edifícios antigos terão sido demolidos para darem lugar a novos edifícios. Afirmando ainda o seguinte: “estamos a construir coisas novas porque estamos a olhar para o nosso futuro”. (Luanda, 2019)



49 Centro Histórico de Luanda 2

No seguimento, a apresentadora do programa de televisão Cooltura Sofia Lucas conta: "Há uma cena artística muito forte a emergir em Angola. Há um grupo de artistas que olha sempre para trás, mas há um outro grupo que coloca a sua angolanidade no trabalho e na arte".(Luanda, 2019)

Embora este seja um fenómeno transcendente em quase todos os países, muitos são os edifícios que se deixam ao esquecimento na cidade Baixa, dos quais a tipografia Minerva integra sendo a mesma o objeto que aqui se estuda. Dos Jornais Nova Africa, Buala podemos constatar:

Os “sobrados” são as últimas casas que datam do tempo da escravatura. “O soalho destas casas era feito com a madeira com a qual se enchiam os porões dos navios de escravos que voltavam vazios do Brasil”, conta Ângela Mingas. “E as paredes eram em adobe (uma técnica à base de terra crua), fabricados com uma mistura de terra e de conchas apanhadas pelos pescadores da Ilha. São características que já não se encontram ...” e cujos últimos vestígios estão em vias de desaparecer: “Em três anos, metade dos sobrados que restavam em Luanda foram destruídos. Hoje só restam 14...”



51 Ruínas Tipografia Minerva (fachada
este)



50 Ruínas Tipografia Minerva (fachada norte)

Nestes apontamentos tenciona-se abordar este tema num contexto mais consciente. Num contexto onde os materiais de construção muitas vezes não estão à inteira disposição, isto por diversas razões, das quais a principal seria a situação económica. Portanto, é um desafio acrescido pensar e reabilitar num contexto desta natureza.

Assim, pretendia-se produzir uma fundamentação teórica onde deveriam estar plasmadas os desafios encontrados no processo de conceção do projeto e as possíveis vias de os ultrapassar. O local em estudo é uma das cidades mais populosas de África e a mais populosa de Angola, trata-se de Luanda, sua capital.

Como conclusão, o que se pode aferir, e sem dúvida até porque é algo que todos experimentam e observam ao caminhar em torno de um centro histórico, é a existência de ruínas urbana em clamor por atenção e, quem sabe, pela conceção de uma nova vida.

Este trabalho visa estimular a reabilitação de edifícios em contexto da cidade em crescimento, onde muitas vezes o novo é optado em detrimento do velho.

Algumas perguntas devem servir de “aio” para o seguimento do trabalho: que memórias se pretendem preservar na Cidade, e que ações se devem se ter em conta com vista a valorizar e fomentar a identidade do local, em que situações?

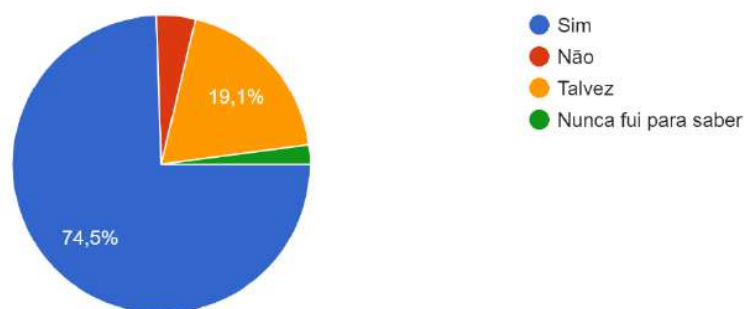
4. Reabilitação da Tipografia Minerva para Centro Cultural de Luanda

4.2. Formalização e conformação da pergunta – o programa

Mais do que uma história para se poder contar, há uma identidade cultural a preservar. Assim, o programa de Centro Cultural Minerva nasce desta preocupação procurando, ainda que de um ponto de vista condicionado, responder as estas perguntas que não se podem silenciar diante de uma sociedade dinâmica e em crescimento acelerado.

A escolha do tipo de equipamento confirma-se através dos resultados obtidos no inquérito, uma vez que cerca de 75 % da população inquirida foi unânime ao responder positivamente à questão:

Acredita que o "Centro Cultural Minerva "(com atelieres de pintura, artesanato, dança, teatro e sala formação profissional) seria uma opção viável para a valorização e/ou preservação da identidade cultural local em detrimento de um Museu, Biblioteca ou Livraria?



52 Gráfico síntese (inquérito)

Seguidamente, o quadro da distribuição do programa foi elaborado segundo as necessidades da população habitante em Luanda (ver também apêndice 7.1):

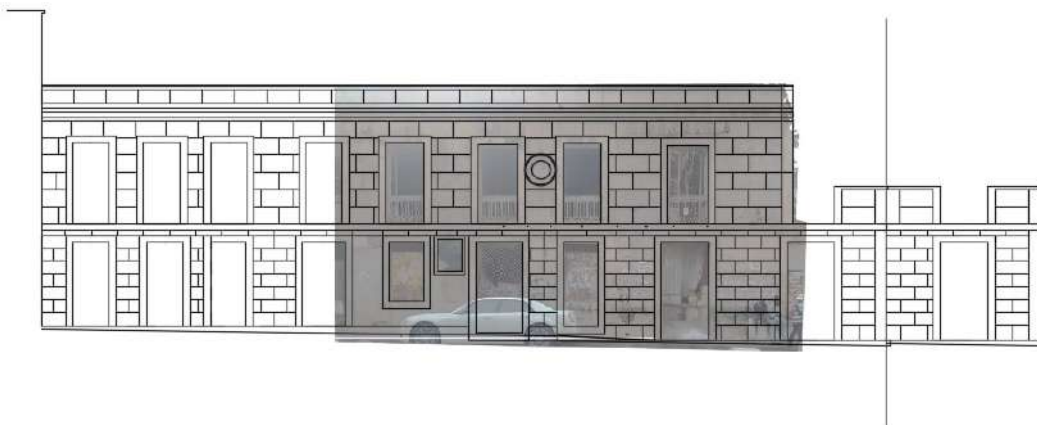
Designação	Área (m²)
Átrio	200.00
Recepção/Foyer	91.72
Instalações Sanitária	07.72
Sala de Formação Profissional/Auditório	152.83
Sala apoio técnico	23.13
Atelier de Artesanato	73.90
Sala de Ensaio Dança e Música	80.42
Sala Polivalente (Performance/ Exposição)	183.70
Terraço	100.31
Atelier de Pintura	55.79
Sala de Exposição	63.53
Mezanino	71.78
Platô	55.73
Torre Miradouro	11.59

1 Distribuição do programa em áreas

4.2.1. Estudos que asseguram a configuração do projeto

Antes de apresentar a proposta, importa salientar que a solução projectual surge, também, em resposta ao desafio decorrente da fase de levantamento do edificado, feito de forma remota devido à impossibilidade de uma visita presencial. Assim, o redesenho das peças gráficas tornou-se possível com o auxílio do levantamento fotográfico efetuado pela Luciana Bessa Victor Chaves.

Estas fotografias apresentam uma qualidade singular e um enquadramento de interesse para o que se pretendia, correspondem às partes acessíveis do corpo edificado, tendo sido impossível aceder ao interior, uma vez que todas as portas se encontram bloqueadas. Desta forma, é fundamental deixar claro que a perceção do interior foi construída com base em ilações e uma atenção redobrada nas fotografias de exterior que o mostram parcialmente.



53 Alçado reconstruído com base no levantamento

O levantamento da envolvente urbana foi realizado por Rodrigues de Castro e Hiro Inglês tornando possível a perceção do estado atual da cidade, do ponto de vista da preservação do património.

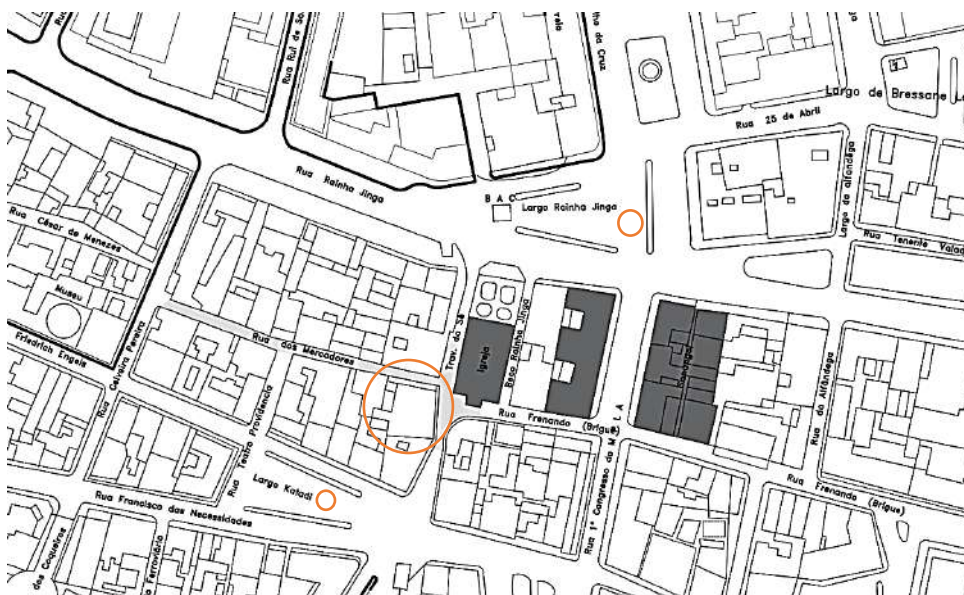
Outras ferramentas fundamentais utilizadas foram os Sistemas de Informação Geográficos com base nas imagens de satélite, sendo estas confirmadas pela planta atual de Luanda em formato dwg disponibilizada pelo colega Marcelino Béu.

Finalmente, uma observação acurada e o cruzamento de todos os elementos recolhidos permitiram a produção das peças gráficas necessárias ao arranque do projeto, salientando, assim como se referiu inicialmente, que as soluções de projeto surgiram ao longo deste processo.

Para assegurar a fidedignidade da reconstrução, optou-se por redesenhar apenas os elementos que estruturam o edifício, neste caso, as paredes exteriores e as paredes interiores cuja existência se confirma com clareza, permitindo ter uma maior aproximação da realidade existente. Com isto pretende-se afirmar o seguinte:

Caso a proposta capte interesse para uma futura execução, será imprescindível realizar um levantamento mais acurado do existente, fossem quais fossem as diferenças, assumindo que as alterações seriam reduzidas, conquanto significativas, e isto é legítimo para todo e qualquer trabalho de reabilitação. Confirmando as surpresas que surgem com frequência durante e depois (fase das demolições) da fase de levantamento.

Vale lembrar que estamos diante de um edifício com duas frentes em gaveto que são estruturadas por duas ruas de valor histórico considerável: a frente a norte, conforma-se através da rua dos mercadores, cujo valor se assemelha à rua direita portuguesa e, por outro lado, a travessa da Sé recebe a alçada este da tipografia Minerva, articulando dois largos históricos, o Largo Katadi, também chamado pelourinho, e o largo Rainha Jinga, que, por sua vez proporciona enfiamentos visuais à Baía de Luanda.



54 Planta da implantação com a marcação dos edifícios Sonangol e Igreja Nossa Senhora dos remédios e discriminação da envolvente

As frentes apresentam algumas características distintas dentre as quais o desnivelamento altimétrico, isto é, a este tem-se um alçado formado por dois pisos em contraste com o alçado norte, um muro acomodando as portas do piso térreo e as arcadas do terraço. O encontro entre estes dá-se na frente sul, na segunda porta antes da dobra.



55 Esquema do gaveto

4.2.2. Diagramas de análise e contextualização



56 Vista de satélite da província de Luanda. Fonte: ArcMap



57 Vista satélite da cidade de Luanda. Fonte: ArcMap



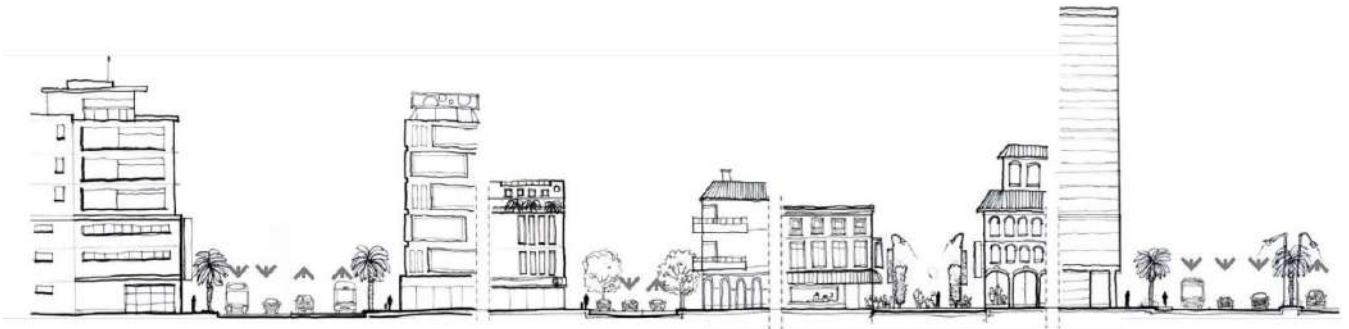
59 Enquadramento geral. Fonte: Google Earth Pro



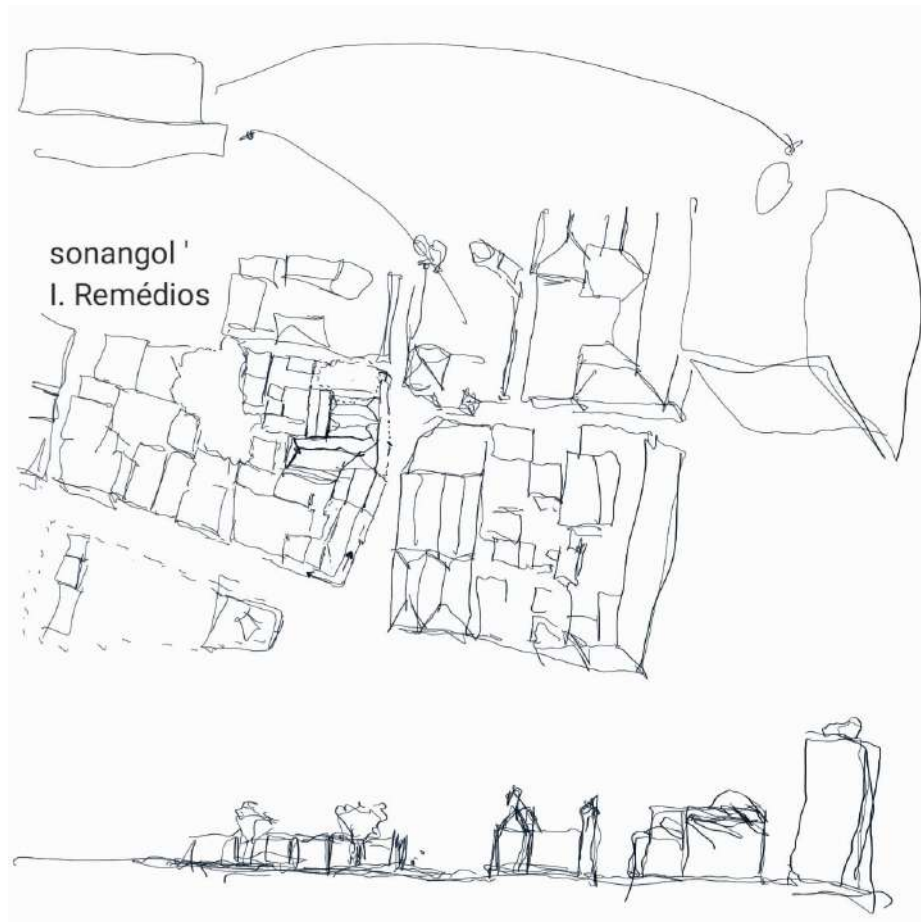
58 Corpos notáveis e tipografia Minerva. Fonte: Google Earth



62 Planta de contexto e eixos notáveis. Fonte: Google Earth Pro e Autor



63 Caracterização das frentes do centro da cidade segundo PDGML. Fonte: PDGML



66 Esquema em planta e alçado dos corpos notáveis na relação com a Minerva



65 Igreja Nossa Senhora dos remédios. Fonte: www.tripadvisor.pt



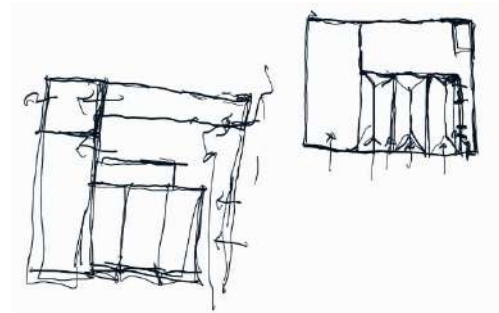
64 Edifício da Sonangol. Fonte: privatizacoes.sonangol.co.ao/



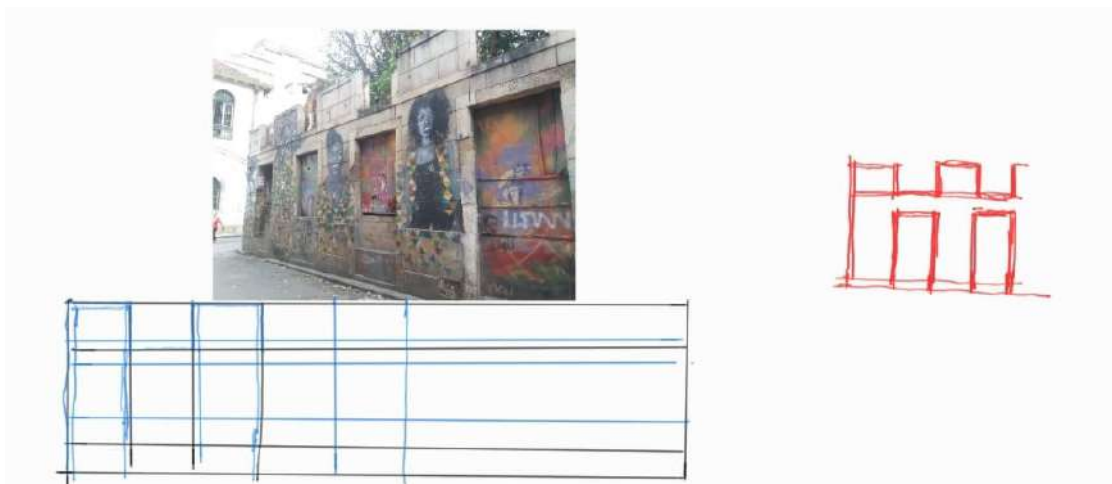
67 Análises do existente (fachada este)



70 Alçados norte e este da tipografia



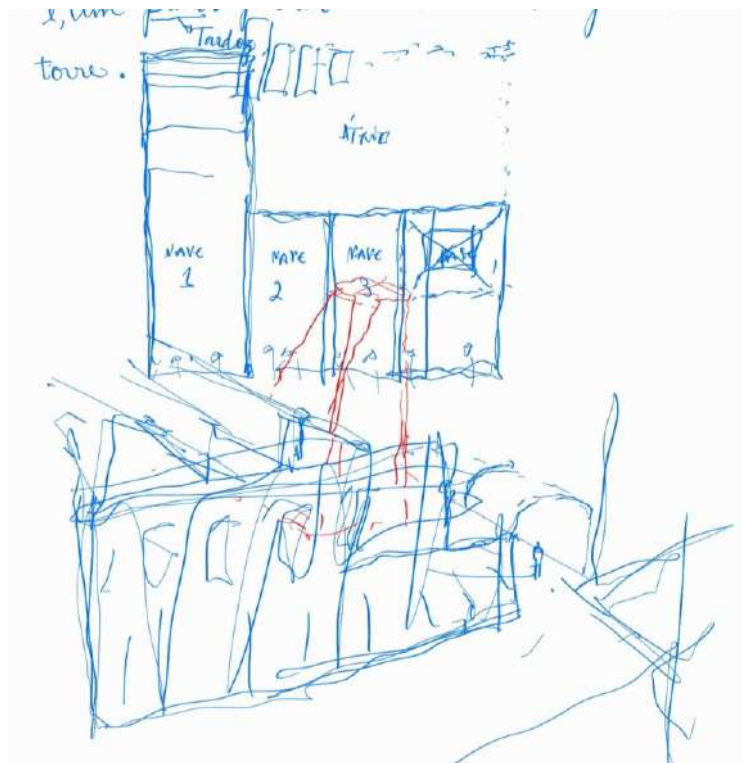
69 Esquema em planta do existente



68 Análises do existente (fachada norte)

4.2.3. A resposta formal - Centro Cultural Minerva

Resumidamente, a proposta passa por deitar abaixo corpos anexos, os apêndices, que sugerem não ter uma participação preponderante no funcionamento estrutural e estruturante do corpo edificado e, seguidamente, a criação de uma torre de distribuição, que articula todo o sistema de circulação do centro cultural.



71 Distribuição do programa

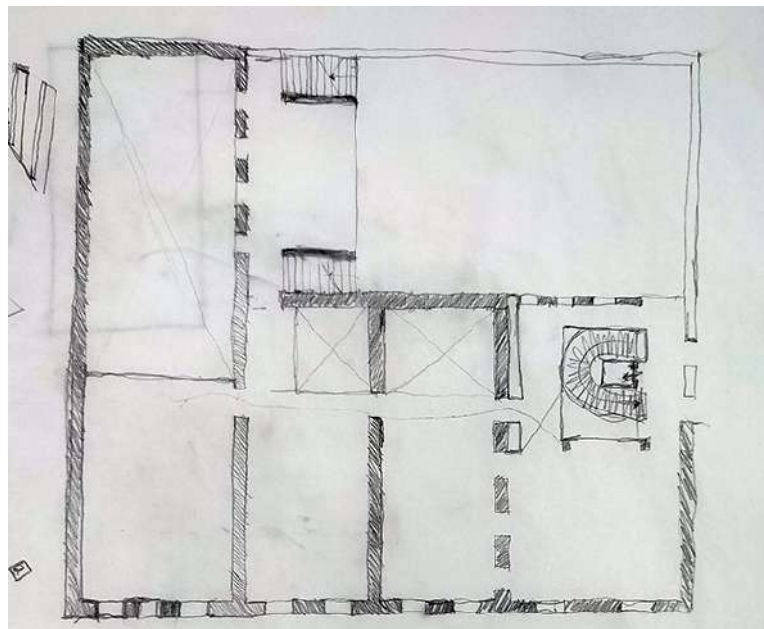
No piso térreo temos a zona de acolhimento e receção e ainda a presença do pátio que dá para sala de formação profissional, que serve também como auditório em ocasiões especiais, e que se encontram enterrado e se configura nos limites do pátio, de forma a não comprometer o sistema estrutural preexiste bem como o seu caráter primário.

Há uma realidade contemporânea que parece ser mais convidativa e se demonstra viável de ser levantada, aqui, neste trabalho, aquela que se interessa pela preservação da identidade cultural.

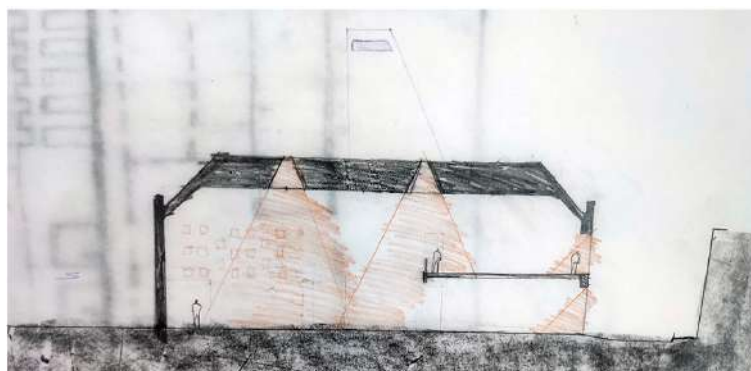
A seguir descrevem-se ações de projeto:

- Ampliar os espaços (duplo pé direito);
- Rematar a rua dos mercadores;
- Valorizar e preservar as fachadas externas;
- Procurar vistas para a Baía de Luanda;

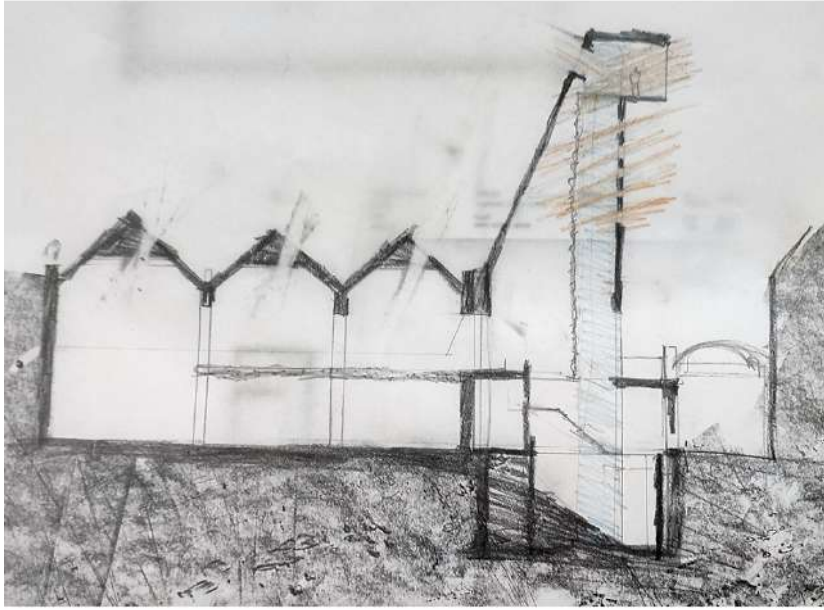
4.2.4. Desenhos gerais da proposta



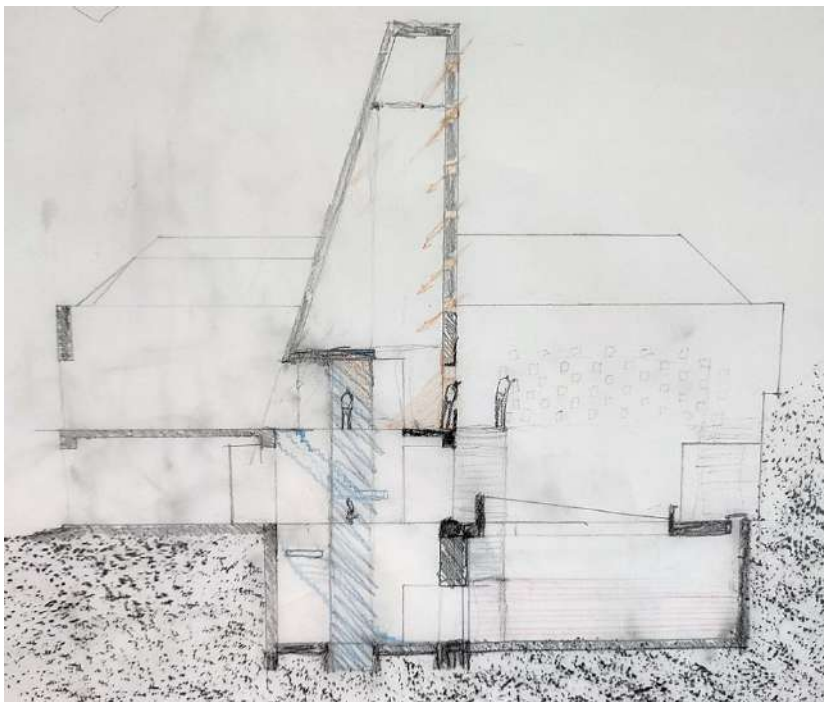
72 Planta do piso térreo



73 Corte Norte



75 Corte Este



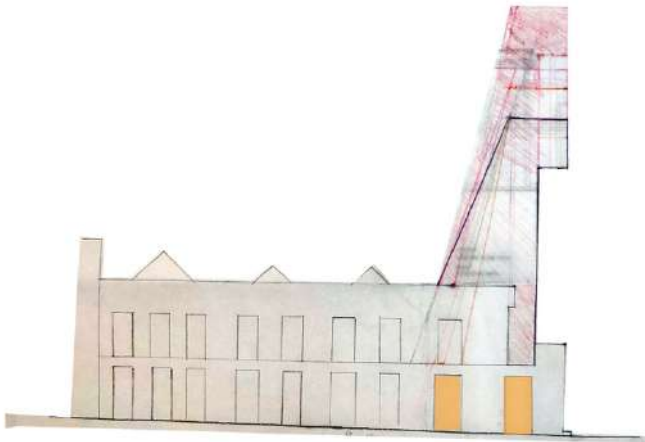
74 Corte Sul

4.2.5. Atmosferas e ambientes projetados (Maquetas, esquemas ou esquiços conceptuais e referências metamorfoseadas)

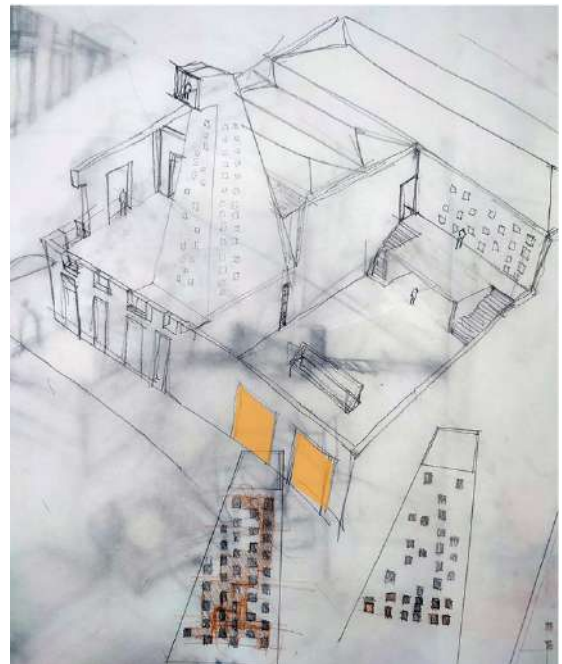
Acessos:

Existem dois acessos que permitem a inserção do sujeito usufruidor do espaço:

O primeiro faz-se através travessa da Sé nas duas portas a este que formam o gaveto com as portas que estruturam a rua dos mercadores, que, posicionadas estrategicamente, dão imediatamente para o foyer que é também a receção.



76 Alçado Este



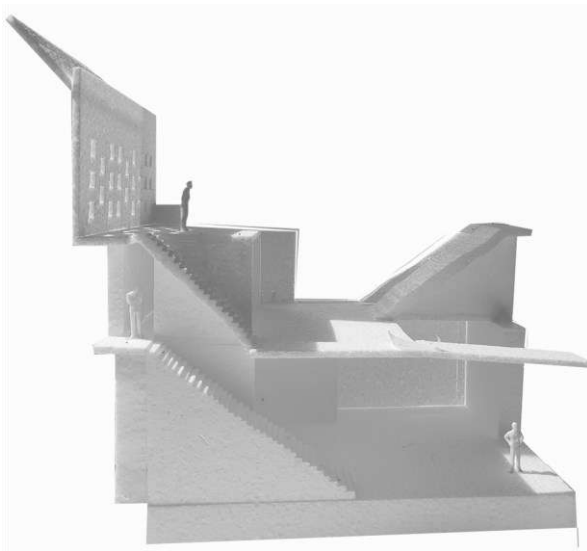
77 Axonometria vista geral

O segundo acesso, localizado no desenvolvimento da rua dos mercadores, no limite tardoz do edificado a norte, dá imediatamente para o Átrio destinado também para exposição e atividades similares ao ar livre.

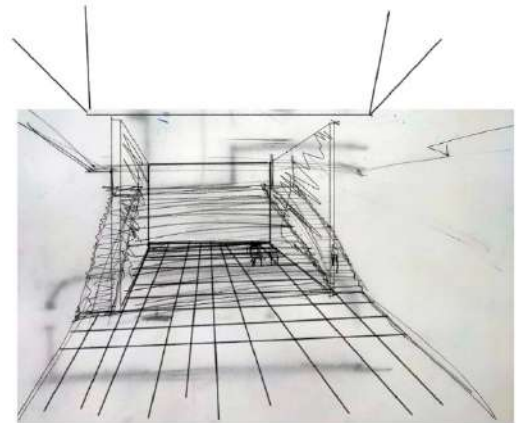
Piso -1

Sala de Formação Profissional

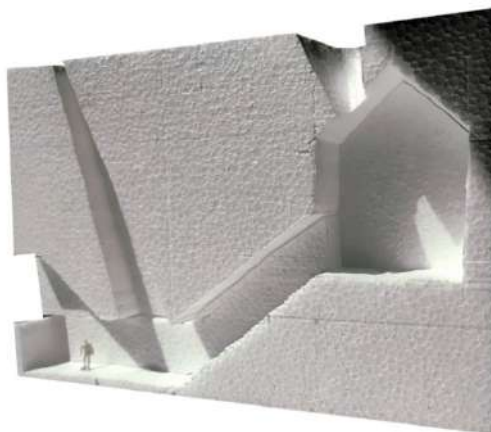
Imergindo ao Auditório/ Sala de Formação Profissional com uma tomada de luz norte que desce a partir do centro desde o teto até ao palco, deforma o espaço interior proporcionando uma melhor experiência sensorial, enquanto no limite oeste da parede, toda revestida em madeira de superfície rugosa, existe um rasgo que projeta uma luz vertical difusa, propagando-se ao longo da parede e provocando uma tensão claro escuro entre as duas escadas paralelas que inserem o sujeito ao corredor e esta, por sua vez, dá por um lado para o átrio e por outro à sala polivalente.



78 Maqueta Axonometria



79 Ambiente projetado

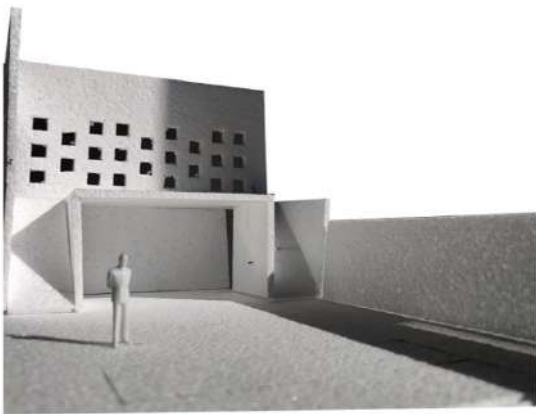


80 Maqueta Luz

Piso 0

Átrio e Platô (Exposição ao ar livre)

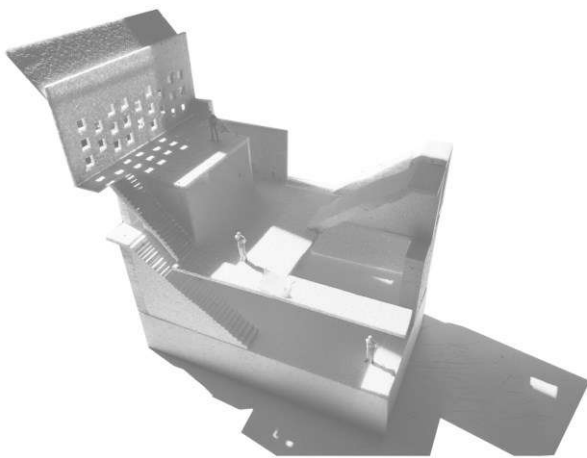
No Átrio, é onde as atividades acontecem ao ar livre, como por exemplo momentos de convívio ou mesmo exposições temporárias, recebendo a luz noroeste que desenha a sombra através dos muros que o conformam. À entrada norte, há um portal que proporciona um enquadramento visual da escada que o leva ao platô e dali pode observar-se a paisagem interna. Para trás, tem-se o apontamento de rasgos quadrados (os vãos da sala polivalente) que é uma citação ao trabalho de Vasco Vieira da Costa em Luanda e para frente destaca-se a torre que nos remete à antiguidade egípcia, nomeadamente a esfinge destinada a proteger as pirâmides do planalto de Gizé.



84 Maqueta Átrio



81 Atmosfera projetada – Átrio



82 Maqueta Axonometria

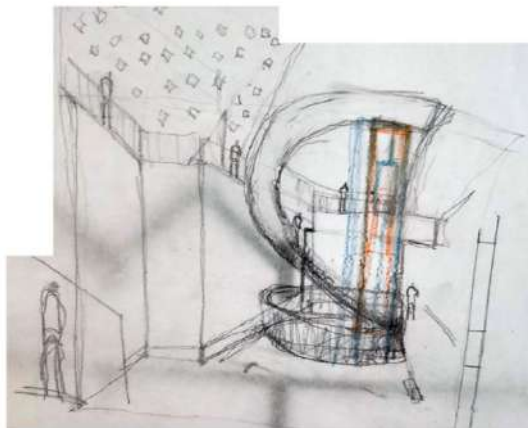


83 Portal Projetado

Foyer e receção

Ao aceder à receção, com uma área de 92 metros quadrados, é possível ter um enquadramento pictórico para o escadório helicoidal e para a plataforma elevatória que dá para a torre. Do foyer, na direção contrária, pode contemplar-se o exterior da cidade através dos vãos que se inserem nas duas fachadas que se cruzam no encontro das ruas servidas do Centro Cultural.

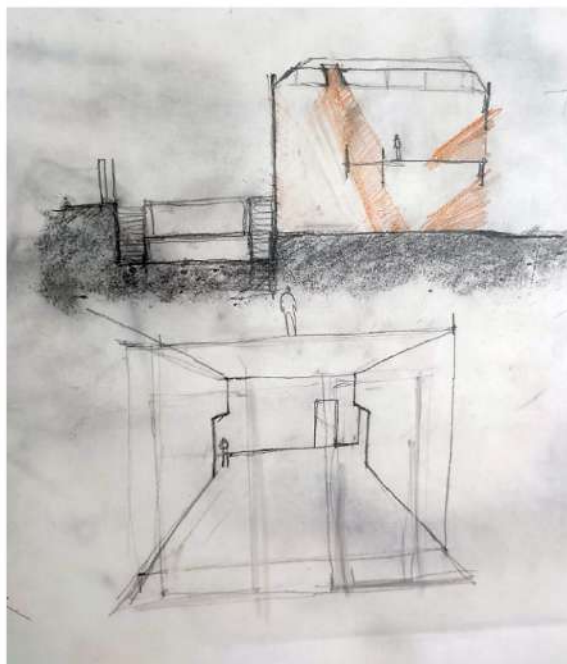
O Balcão semicircular é todo em tijolo aparente, evidenciando-o das paredes em reboco pintado de branco e pavimento revestido em madeira local, que sirvam de alternativa à de pinho (em Luanda podemos ter abundantemente as madeiras de espécie moreira, muanza longui, ndulo, undianunu, kibaba, “madeiras nobres, de boa qualidade e aceites no mercado internacional” afirmou Faustino Ngonga numa entrevista ao Jornal de Angola.(Jornal de Angola, 2016))



85 Ambiente projetado - foyer

Atelier de Artesanato

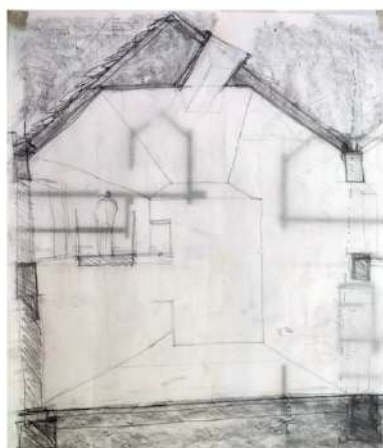
Do foyer, acede-se à primeira nave estruturante caracterizada por dois pisos. O piso térreo acolhe o atelier de Artesanato, que recebe luz oblíqua de norte através da claraboia localizada na pendente norte da cobertura inclinada. A luz nascente invade o interior através dos dois grandes vãos existentes na fachada este. O atelier possui uma zona de recolhimento, com um separador ascensor, onde se podem realizar algumas tarefas administrativas. As paredes e tetos são pintados de branco e o pavimento com uma superfície de 77 metros quadrados, será de cimento afagado.



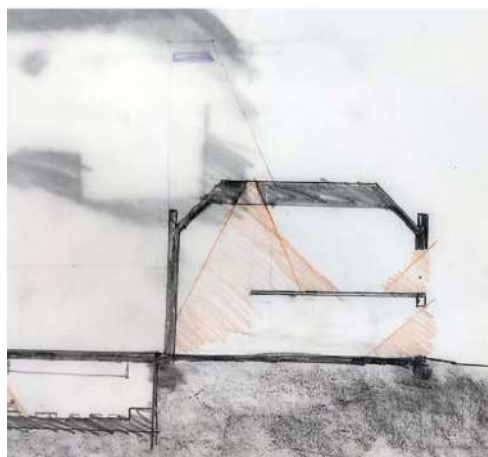
86 Esquema em corte e perspectiva atelier de Artesanato

Sala de Ensaio Dança e Música

Localizado na segunda nave, a sala de ensaio destaca-se no seu tratamento acústico das superfícies verticais e horizontais, i.e., teto e paredes semelhantes às do Auditório ou Sala de Formação Profissional, diferindo apenas no pavimento, que recebe o pavimento do atelier de Artesanato, revestido a cimento afagado. Outra relação de semelhança prende-se com os ganhos de luz que esta sala tem devido ao recuo de 3.70 metros da laje intermédia.



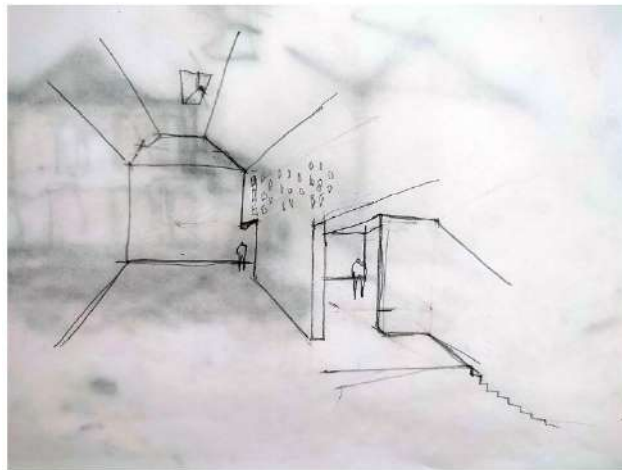
87 Esquema em corte – Sala de Música



88 Esquema em corte luz – Sala de Música

Sala Polivalente (Performance e Exposição)

A sala polivalente, com uma área de 183 m², é caracterizada por uma extensão longitudinal de aproximadamente 26 metros, duplo pé direito e um mezanino que a articula às restantes atividades do piso superior. Do mezanino, conseguem-se vislumbrar dois focos de luz vertical a cruzarem-se com a luz lateral que vem dos vãos quadrados de 50 centímetros por lado, que permitem regular a quantidade de luz que se pretende, tendo em conta o tipo de atividade e considerando também o risco de sobreaquecimento em determinada fase do ano. Tal torna-se possível graças aos painéis opacos e translúcidos de diversas cores que se podem encaixar, fazendo com que as paredes com acabamento em reboco pintado branco ganhem diferentes colorações ao longo do dia, sendo assim possível jogar com as cores de uma forma intuitiva.



90 Esquema em perspetiva - Sala Polivalente



89 Maqueta de análise - Sala Polivalente

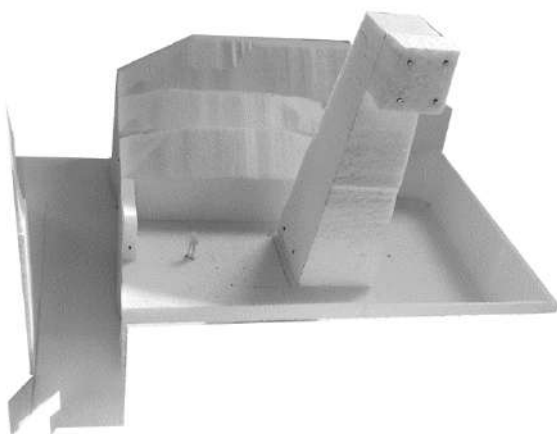


91 Ambiente Projetado com a inserção do sujeito usufruidor do espaço

Piso 1

Terraço

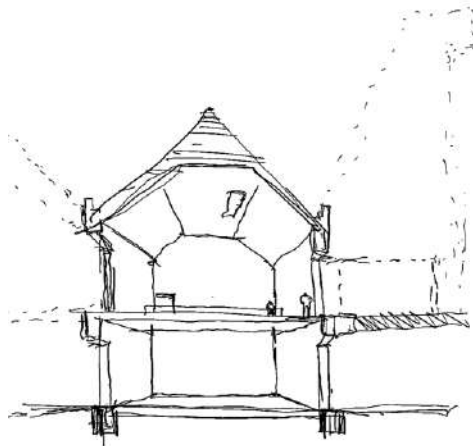
Do corpo novo vertical, estruturado internamente pela escada helicoidal, acede-se ao terraço. Este, à cota 3.80 metros e com uma área de 100 metros quadrados, proporciona uma experiência visual memorável, uma vez que é do terraço que se pode observar a zona de transição dos alçados desnivelados. Salienta-se que existe na fachada este um vão com porta, que abre para o terraço, cenário que se procurou preservar do existente.



92 Maqueta Conjunto - Vista terraço

Ateliê de Pintura

Localizado na nave onde se estabelece a ligação do novo corpo vertical com o existente, este atelier é uma extensão do atelier de Artesanato, localizado imediatamente abaixo do piso e, é caracterizado pela presença de inúmeros vãos, quatro que dão para o terraço e dois articulados a fachada nascente, a uma cota de 3.81 metros e com uma área útil de 56 metros quadrados, cujo pavimento é revestido em madeira local (ver descrição da página 83).



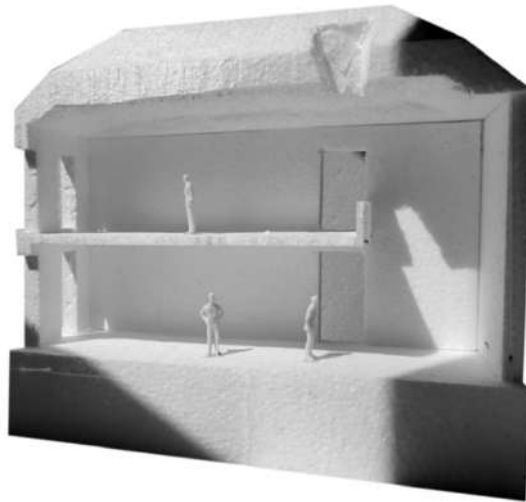
93 Esquema em corte perspectivado - Atelier de Pintura

Sala de Exposição 1

Esta sala recebe o passadiço que dá para o platô, estabelecendo uma relação interior – exterior. Por outro lado, ela serve de ligação entre o atelier de Pinturas e o Mezanino da Sala Polivalente. Por este caráter transitório, a sala alberga as exposições de longa duração que serão produzidas nos atelieres de pintura e de artesanato.



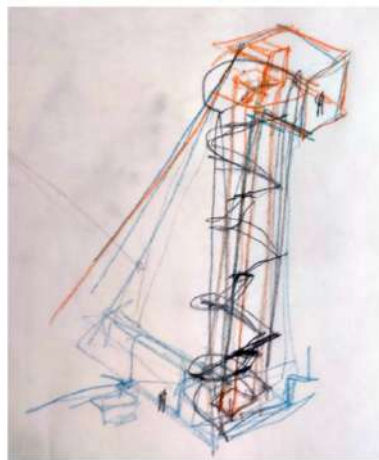
94 Estudo em perspectiva - Sala de Exposição



95 Maqueta corte - Sala de Exposição

Torre, Miradouro, Esfinge

No zénite do Centro Cultural está a torre, “a Esfinge”, que resulta de uma investigação e perseguição no sentido de proporcionar uma experiência capaz de convidar a envolvente de maior relevância, a Baía de Luanda, à participação dos momentos culturais que o centro se compromete a proporcionar aos luandenses, moradores e turistas. Assim, através de uma plataforma elevatória, consegue-se chegar até à altura de aproximadamente 20 metros em relação à cota de soleira. A esfinge também é capaz de olhar para trás devido a um quadro visual que dispõe nas costas, olhando para a frente enquadra-nos a fortaleza de São Miguel, localizado na cidade Alta, que apresenta uma arquitetura militar que foi construída segundo mandato de Paulo Dias de Novais.



97 Ensaio conceptual Torre "Esfinge"



96 Estudo em Perspetiva Torre/Esfinge 2

4. 2. 6. Estereotomia e tectónica do todo ao longo das partes:

A Matéria através das referências metamorfoseadas (colagens)

A seguir apresentam-se os ambientes projetados que adotam como aquisição projetos existentes e que fizeram parte do processo de concepção do projeto. Estes também legitimam e aproximam à realidade os ambientes projetados no imaginário concetual e gráfico:



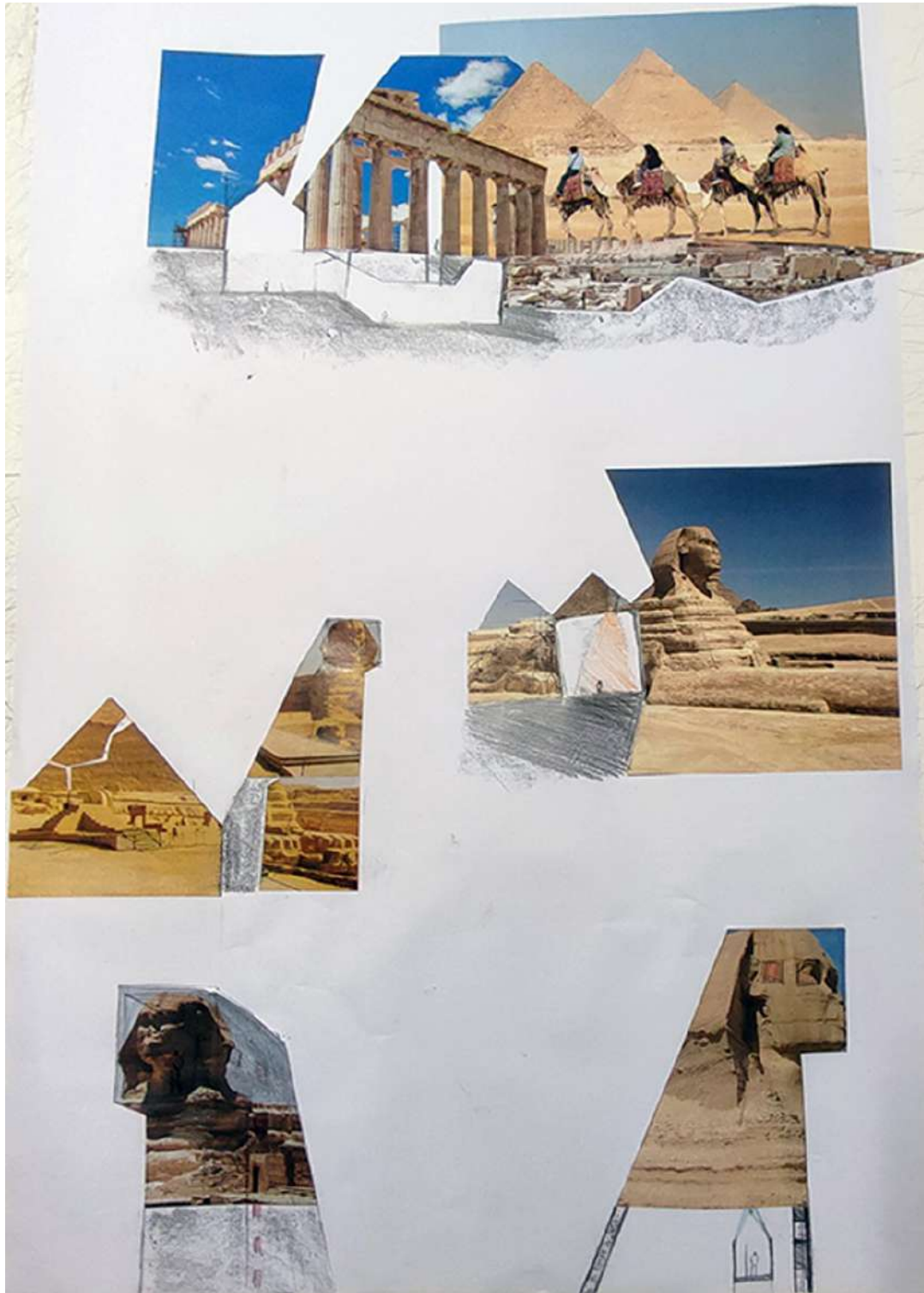
98 Painel 1 Ambientes projetados: Auditório, recepção, esquema em corte, Sala polivalente



99 Ambientes projetados: sala de ensaios e sala de exposição, esquema em corte



100 Ambientes e atmosferas projetadas: Interior-torre, auditório, atelier de pintura, átrio, sala de ensaios, átrio e recepção



101 Ambientes e atmosferas projetadas: torre, miradouro, esfinge

Mapa de acabamentos

A seguir, apresenta-se, ainda que parcialmente, um mapa de acabamentos que se julgam ser relevantes para uma melhor compreensão do projeto, entre muitos outros acabamentos (paredes exteriores, caixilhos, coberturas, pavimentos exteriores, etc.) que o compõem projeto:

Superfícies:	Pavimentos				Paredes				Tetos							
Material:	Cimento Alagado	Betonilha	Soalho (diverso)	Cerâmico	Lajetas de cimento	Reboco (pintado de branco)	Madeira Acústica	Cerâmico	Blocos de tijolo	Blocos de cimento	Granito Preto (Angola)	Pedra Aparente	Forro de Madeira acústica	Fibrocimento (pintado)	Reboco estanhado (gesso)	Reboco estanhado (cimento)
Sala de formação profissional																
Átrio e Platô																
Foyer e recepção																
Atelier de artesanato																
Sala de Ensaio (Dança e Música)																
Sala Polivalente																
Terraço																
Atelier de pintura																
Sala de exposição																
Torre Miradouro																
Instalação Sanitária																
Área técnica (apoio)																
Fachada Exterior (Norte)																
Fachada Exterior (Sul)																
Fachada Exterior (Este)																
Fachada Exterior (Oeste)																

5. Conclusão

Este trabalho, mais do que uma marcação de um fim, estabelece o início de um percurso. Claro está que os objetivos postos foram trabalhados de forma documentada e prática. O juízo acerca do alcance desta proposta fica ao cargo de quem a consultar, já que para nós interessava mais o processo e, como é obvio, a obtenção de resultados satisfatórios. Quanto a isto, não se pode negar o seu alcance.

Formalmente, pode dizer-se que, com esta dissertação, se apresentou uma hipótese válida acerca de uma das formas de produzir arquitetura, que exalta a componente lúdica da arte, cuja finalidade é evitar a insipiência.

Apresentou-se um olhar próximo acerca do elogio da luz feito por Alberto Campo Baeza, que é corroborado pelas “atmosferas” de Peter Zumthor. Ambos, mais do que praticar uma arquitetura centrada na luz, também documentam acerca desta, fundamentando a luz enquanto matéria e material e demonstrando que a arquitetura sem a luz é nula.

Adicionalmente, observa-se essencialmente a condicionante antrópica na arquitetura da cidade histórica, ação “humana” encontrada com frequência na vida terrestre, umas vezes para o bem e outras nem tanto. No presente trabalho, produziu-se uma série de questionamentos e provocações que levassem à consciência desta realidade. A arquitetura é produzida pelo homem e para este e na medida deste, dependendo daquilo que se pretende evidenciar. Há anos, a arquitetura servia a igreja na medida em que pretendia alcançar o divino, o sublime.

A arquitetura persegue uma condição topográfico-morfológica, no sentido da plasticidade volumétrica, algo que possa configurar o espaço e caracterizá-lo e com os elementos participantes da “boa” arquitetura (se é que podemos classificar uma arquitetura como boa ou má). Estes elementos são: a luz, a matéria, a forma, a escala, a proporção, etc.

Na cidade histórica, o tema é ainda mais provocatório, por ser um local onde os “participantes” estão regularmente numa relação de tensão, o que vai ao encontro com o que se conhece ser a arquitetura, um momento de interação entre a ação do homem e a natureza artificial ou natural pré-existente.

Não é o momento em se coloca o pé no chão, nem quando o pé está fora deste, mas sim o instante, que carece de congelamento, de tensão entre o pé e o chão, quando acontece

a deformação do chão e há a produção da pegada, e a sombra é garantida pelo pé tensionado. Neste momento, celebra-se o nascimento da arquitetura, a música congelada no tempo e no espaço. Importa referir que o congelamento, aqui, não pressupõe um momento estático, no congelamento é onde as moléculas se encontram em maior interação.

O enquadramento feito de Luanda permite-nos afirmar que esta é uma cidade com muitos desafios e responsabilidades, prendendo-se com o fato de possuir estratos, “camadas sobrepostas”, que informam sobre o seu passado delimitado pela era pré-colonial e pós colonial, acrescentando-se ainda duas condicionantes: sendo estas por um lado, a sua condição enquanto uma cidade em crescimento acelerado, com uma dualidade socioeconómica e, por outro lado, a condição contemporânea universal, preocupada com o clima, recomendando, conseqüentemente, soluções ecológicas.

Foi fundamental trabalhar sobre as perguntas conscientes de Paul Ricoeur questionando acerca da compatibilização destes estratos da cidade que nem o tempo pôde separar. Como se pode modernizar e simultaneamente retornar as fontes, as origens? Como despertar uma velha cultura adormecida e entrar na civilização universal?

Talvez o interesse destes questionamentos se prenda com a não resposta imediata, passando a ser um ponto de partida para a experimentação, a procura, o ensaio, considerando cada caso como singular, devendo merecer uma abordagem própria que muitas vezes não se sabe de antemão.

Acredita-se que a proposta de Reabilitação da Minerva para Centro Cultural, na sua proporção, confirma a realidade acima descrita. Procurou-se dar voz aos elementos que vibravam mostrando-se presentes, a ação principal foi a de equalizar todas as vozes, procurando produzir uma “sinfonia”.

Assim, o trabalho passou a ser, também, de eliminar os elementos dissonantes, quer isto dizer que nem tudo que é antigo possui valor suficiente que o habilite a ser preservado de forma materializada, sendo importante ter a consciência de que o que está mal, seja qual seja a sua idade, pode dar lugar a outras abordagens visando o melhoramento do todo.

A estratégia assente na consciência das partes para melhor compor o todo, foi a que vigorou na composição do Centro Cultural Minerva.

6. Bibliografia

- Bachelard. (1974). Union Général d'Éditions.
- Baeza, A. C. (2000). *Idea Construída, La*. Tecnica Cp 67.
- Baeza, A. C. (2018a). *A ideia construída*. Caleidoscópio.
<https://bibliografia.bnportugal.gov.pt/bnp/bnp.exe/registo?2019735>
- Baeza, A. C. (2018b, novembro 20). *2019 Il cielo in terra, Venezia*. Alberto Campo.
<https://www.campobaeza.com/2019-il-cielo-in-terra/>
- Birmingham, D. (2015). *Breve História de Angola [Séc. XIX- XX]*. Guerra e Paz.
- Bittencourt, L. S. (2016). ARQUITETURA E POESIA: REPENSANDO VALORES ARQUITETÔNICOS. *Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente*, 1(2), Art. 2. <https://doi.org/10.21680/2448-296X.2016v1n2ID16648>
- Caldas, J. V. (2008). *HPIP*. <https://hPIP.org/pt/heritage/details/76>
- Calvino, I. (2017). *As Cidades Invisíveis*. Companhia das Letras.
- Castro, J. C., Reschilian, P. R., & Zanetti, V. (2018). Os candongueiros e a “desordem” urbana de Luanda: Uma análise sobre a representação social dos transportes informais. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 10, 7–21.
<https://doi.org/10.1590/2175-3369.010.001.AO11>
- Climate-data. (2022). *Clima luanda: Temperatura de Luanda, Gráfico climático e Temperatura da Água—Climate-Data.org*. <https://es.climate-data.org/africa/angola/luanda/luanda-498/#climate-graph>
- Cohen, R. (1989). *Performance como linguagem: Criação de um tempo-espaço de experimentação*. Editora Perspectiva.
- Dicionário Etimológico*. (sem data). Dicionário Etimológico. Obtido 22 de agosto de 2022, de <https://www.dicionarioetimologico.com.br/brincar/>
- Faria, E. L. de, & Vieira, Á. S. (2014). *Imaginar o real: O enigma da concepção em arquitetura*. Caleidoscópio.
- Fernandes, M. S., David, A., & Rodrigues, J. (2007). *Pancho Guedes: Metamorfoses espaciais* (1ª ed). Caleidoscópio.

- Figueiredo, R. C. O. (2013). *A luz tangível* [MasterThesis, Universidade da Beira Interior]. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/2065?locale=en>
- Fry, P. S. (1996). *História do mundo*. Livros e Livros.
- Grilo, M. J. (2015). *Texto 6—Modernidad ignorada*.
<http://cargocollective.com/arquitecturamodernaluanda/Texto-6>
- Heidegger, M. (1959). *Qu'appelle-t-on penser?* Presses Universitaires de France.
- Heidegger, M. (2010). *A proveniência da arte e a determinação do pensar. (1967)*.
<https://pt.scribd.com/doc/80146729/A-proveniencia-da-Arte-e-a-determinacao-do-Pensar-Martin-Heidegger>
- Henriques, I. de C. (2004). *Território e identidade: A construção da Angola colonial (c.1872 - c.1926)*. Centro de História da Univ. de Lisboa.
<http://www.gbv.de/dms/subhamburg/472787101.pdf>
- Jornal de Angola. (2016). *Jornal de Angola—Notícias—Empresas madeireiras exportam para a Europa*. Jornal de Angola. <https://www.jornaldeangola.ao>
- Kopp. (1990). *Quando-o-moderno-nao-era-um-estilo-e-sim-uma-causa-anatole-kopp-tela.pdf*. <https://document.onl/documents/24988480-quando-o-moderno-nao-era-um-estilo-e-sim-uma-causa-anatole-kopp-telapdf.html>
- Kultermann, U. (1993). *The History of Art History*. Abaris Books.
- Luanda: Cultura, gastronomia e cena artística*. (2019, março 6). euronews.
<https://pt.euronews.com/2019/03/06/luanda-cultura-gastronomia-e-cena-artistica>
- Luanda volta a ser a cidade mais cara do mundo*. (2017). [Negócios].
jornaldenegocios. <https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/luanda-volta-a-ser-a-cidade-mais-cara-do-mundo>
- Martins, R. (2006). *A maçã de Newton: História, lendas e tolices* (pp. 167–189).
- Medeiros, M. D. D. (2014, maio 30). Blog do professor marciano dantas: angola: país africano de língua portuguesa e com forte ligação com o brasil. *Blog do professor marciano dantas*.

- <https://professormarcianodantas.blogspot.com/2014/05/angola-pais-africano-de-lingua.html>
- Oliveira, H. P. de. (2015). *Modernidade e espaço urbano: Vazios urbanos - o caso da Covilhã*. <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/3997>
- Pacheco, L. M., Costa, P., & Tavares, F. O. (2018). *História económico-social de Angola: Do período pré-colonial à independência*. <http://repositorio.uportu.pt:8080/handle/11328/2282>
- Pinto, P. (2017). Batismo do rei do Congo. *RTP Ensina*. <https://ensina.rtp.pt/artigo/batismo-do-rei-do-congo/>
- População de Angola*. (2022, agosto 25). [Countrymeters]. Countrymeters. <https://countrymeters.info/pt/Angola>
- Ricoeur, P. (1955). *Histoire et vérité—Paul Ricoeur—Seuil—Grand format—Paris Librairies*. Le Seuil. <https://www.parislibrairies.fr/livre/9782020023917-histoire-et-verite-paul-ricoeur/>
- Roveda, F. (sem data). *A Catedral de Florença*. Obtido 22 de agosto de 2022, de <https://www.pexels.com/photo/brown-and-white-concrete-building-4179480/>
- Russo, J. A., & Nucci, M. F. (2020). Parindo no paraíso: Parto humanizado, ocitocina e a produção corporal de uma nova maternidade. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 24. <https://doi.org/10.1590/Interface.180390>
- Sousa, M. T. de J. C. P. de. (2008). *ÓSCAR RIBAS – A ORALIDADE QUE SE ESCREVE* [MasterThesis, UNIVERSIDADE DE LISBOA]. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/399/3/21389_ulflo71272_tm.pdf
- Tostões, A. (2013). *Arquitetura Moderna em África: Angola e Moçambique*. Caleidoscópio.
- Tostões, A. (2016). ANA TOSTÕES. VISÕES CRUZADAS. UM LABORATÓRIO DE ARQUITETURA ENTRE GLOBAL E LOCAL. *Estudo Prévio*. <https://www.estudoprevio.net/ana-tostoes-visoes-cruzadas-um-laboratorio-de-arquitetura-entre-global-e-local/>
- UCCLA. (sem data). Obtido 24 de agosto de 2022, de <https://www.uccla.pt/membro/luanda>

- Unhabitat. (2017). *Documento do programa-país Habitat-Minotth Para o desenvolvimento Urbano Sustentável de Angola 2018-2022* | UN-Habitat.
<https://unhabitat.org/node/143365>
- United Nations. (2022). *World Population Prospects—Population Division—United Nations, 2022* [United Nations]. United Nations.
<https://population.un.org/wpp/Graphs/DemographicProfiles/Line/24>
- Vargas, H., & Souza, L. de. (2011). A colagem como processo criativo: Da arte moderna ao motion graphics nos produtos midiáticos audiovisuais. *Revista Comunicação Midiática*, 6(3), Art. 3.
- Vieira, Á. S. (2014, maio 20). 1987-94FAUP, Porto,pt. *Portuguese Architecture*.
<https://portuguesearchitectures.wordpress.com/siza-vieira/1987-94faup-portopt/>
- Virtudes, A. (2015). Reabilitação Urbana: O novo paradigma de fazer cidade. *Resdomus - revista de cultura arquitectónica, Outono / FAUP*, 1–8.
- Zumthor, P., & Grabow, A. (2006). *Atmosferas: Entornos arquitectónicos as coisas que me rodeiam*. Gustavo Gili.

7. Apêndice

7.1. Inquérito - Projeto de Reabilitação e Conversão de Antigo Edifício da Tipografia Minerva em Centro Cultural, Luanda

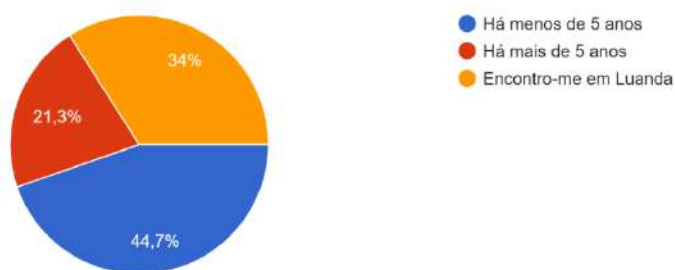
O presente formulário, é realizado no âmbito da Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura (Martinho Kutaya, sob a orientação do Professor Doutor José Neves Dias). Este inquérito procura perceber o parecer dos visitantes/ex. ou moradores/ex. em Luanda, acerca da implementação de um Centro Cultural na cidade, num edifício reabilitado, projeto a que esta dissertação se propõe.

Informa-se que a sua participação é ANÓNIMA, VOLUNTÁRIA e CONFIDENCIAL. A sua informação terá o uso exclusivo ao fim a que se destina (Dissertação de Mestrado), como referido acima.

O inquérito realizado era constituído por sete questões que, segundo estimativas, poderiam levar em torno de 2 minutos.

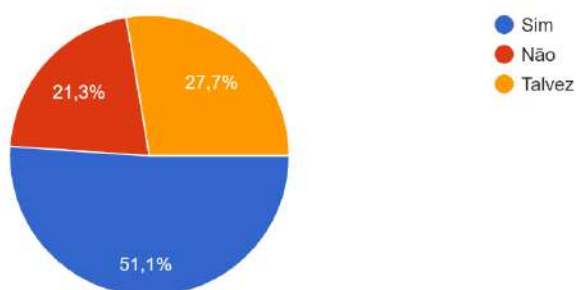
Seguidamente apresentam-se os resultados obtidos:

1. Qual foi a última vez que esteve em Luanda?



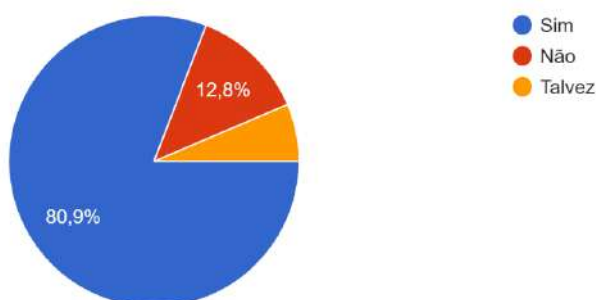
Maior parte dos inquiridos (44,7%) estiveram em Luanda há menos de 5 anos, permitindo-nos recolher uma informação atualizada com margem de apenas 5 anos, reforçando que a segunda maior parcela dos inquiridos (34%) encontrava-se em Luanda.

2. Acredita que Luanda é uma cidade rica culturalmente?



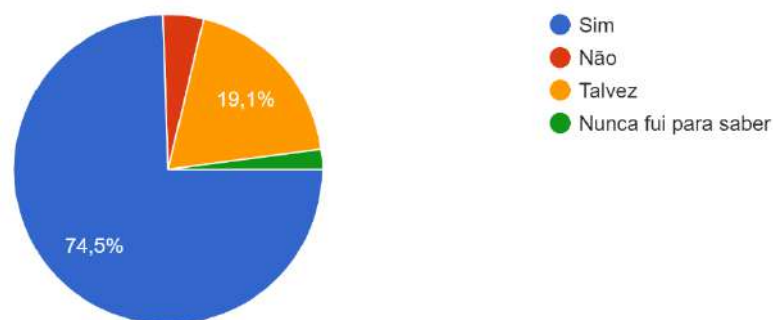
Metade da população de Luanda admite que Luanda é uma cidade rica de um ponto de vista cultural. Este dado é relevante, permitindo uma melhor ponderação acerca do tipo de programa ou equipamento a propor.

Tem algum tipo de afeto pela cidade?



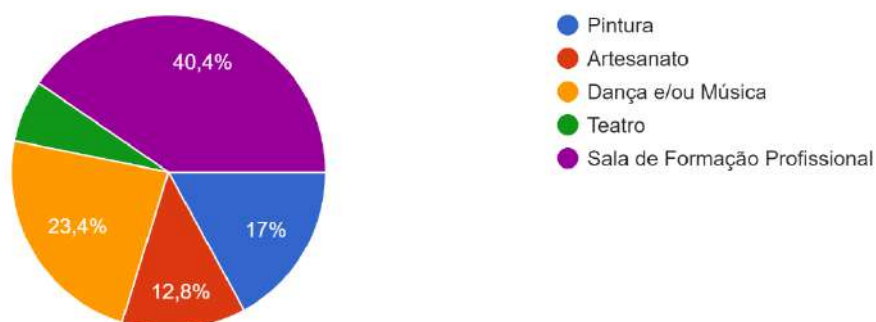
Foi fundamental perceber que mais da metade da população luandense (80,9%) terá desenvolvido algum afeto pela cidade. Isto permite-nos afirmar que, ao contrário do que se poderia pensar de uma cidade em constante mudança, as populações residentes e não residentes sentem-se parte desta e pretendem vê-la em melhores condições, mostrar-se-ão recetivos quanto às políticas de preservação que poderão ser levadas a cabo.

3. Acredita que o "Centro Cultural Minerva "(com atelieres de pintura, artesanato, dança, teatro e sala formação profissional) seria uma opção viável para a valorização e/ou preservação da identidade cultural local em detrimento de um Museu, Biblioteca ou Livraria?



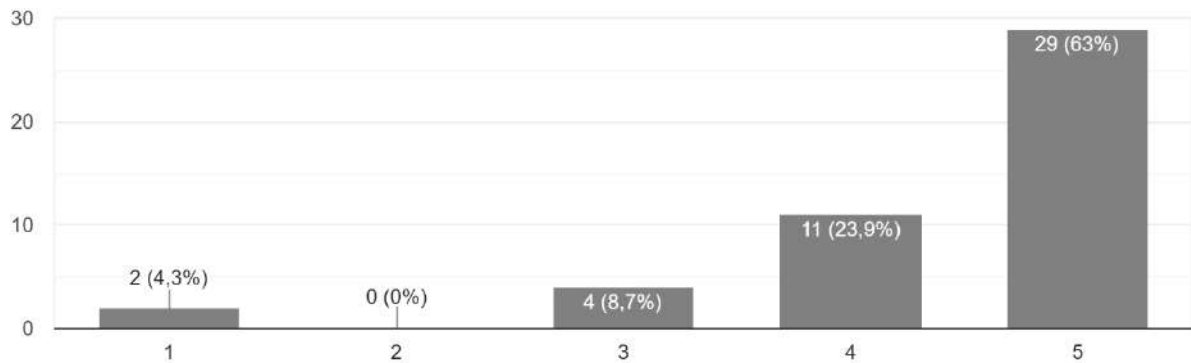
Concomitantemente, este resultado foi muito esclarecedor quanto à escolha do tipo de equipamento e confirma o resultado da segunda pergunta em relação à riqueza cultural de Luanda.

4. Qual dos atelieres priorizaria?



A importância desta pergunta reside na hierarquização dos espaços e o resultado revelou que deverá haver uma atenção especial ao espaço destinado à Formação Profissional, a seguir, em ordem decrescente, viriam o atelier de Dança / Música, Pintura, Artesanato e Teatro.

5. Qual o seu grau de interesse pela preservação do património (herança) urbano e edificado de Luanda?



Segundo estes dados, pode-se concluir que a população luandense tem muito interesse na preservação do património urbano e edificado. Assim, a presença de muitos edifícios antigos desprovidos de tratamentos poderia seguramente ser amenizada com a existência de boas políticas por parte das entidades competentes.

Finalmente, apresentam-se algumas frases breves, disponibilizadas pelos inquiridos anonimamente acerca de Luanda, em resposta à seguinte pergunta:

6. Em breves palavras o que diria ser a cidade de Luanda para si. 2 Dicas; (1- Luanda é viver a vida a cada dia, 2- Cidade Baixa: Baía-Marginal, Sonangol, BNA, etc.

Tendo resultado nas frases que se seguem:

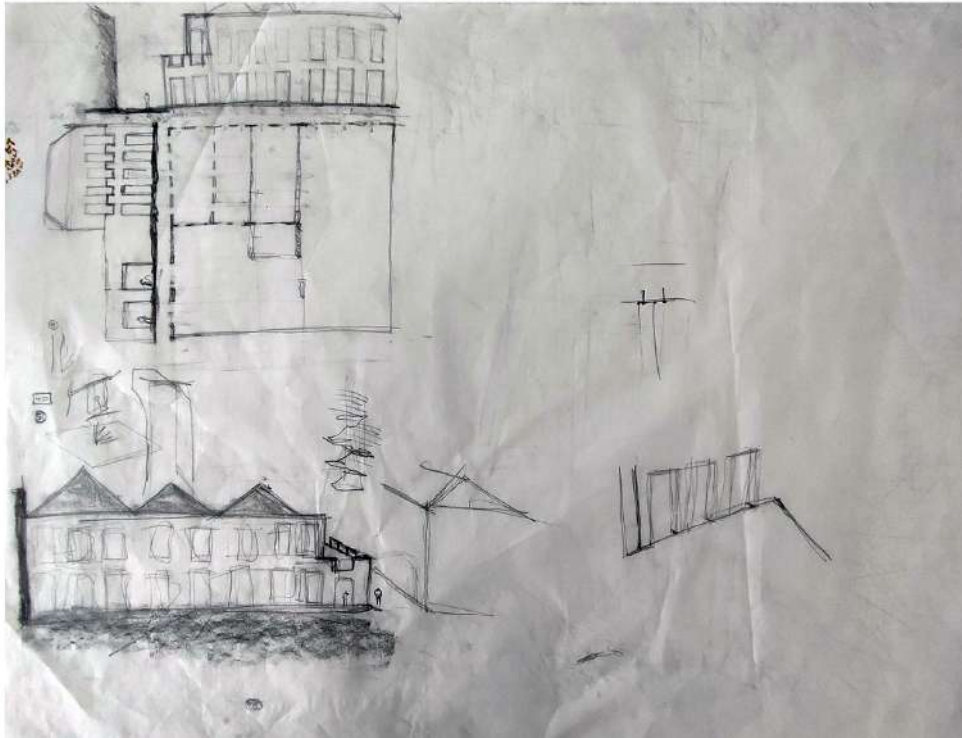
1. “Luanda é o coração de Angola, é o ponto de encontro dos angolanos, Luanda é a força de Angola porque nela está o maior número de jovens angolanos”
2. “Luanda é a pressa dos cansados a busca de um sonho esquecido, o centro do potencial não visto e o balcão de destaques que precisa ser visto e analisado com prioridade, Luanda é arte”.

3. “Luanda tem os seus encantos, o seu projeto fará total diferença”.
4. “Uma linda cidade que apenas precisa de novos líderes para ajudá-la no desenvolvimento e investimento no Turismo”.
5. “Uma maravilha, é um lugar bom para viver”.
6. “O caos de um país em um ponto só”.
7. “Luanda viver a vida um dia de cada vez”.
8. “Cidade multicultural”.
9. “Uma cidade heterogénea, com bastante diferenças entre zonas urbanizadas com as rurais”.
10. “Luanda é uma selva onde sobrevivem apenas os mais fortes...”
11. “Luanda é viver a vida a cada dia”.
12. “Sonangol”.
13. “Luanda é viver ao máximo todas as culturas”.
14. “O coração de Angola”.
15. “É uma cidade muito bonita”.
16. “Baía-Marginal”.
17. “Cidade muito cara, dificuldade para encontrar trabalho”.
18. “Cidade linda, mas poderia ter uma melhor organização em todos os aspetos principalmente no que toca à educação, saúde e alimentação”.
19. “Luanda é sentir na pele cada cultura de Angola”.

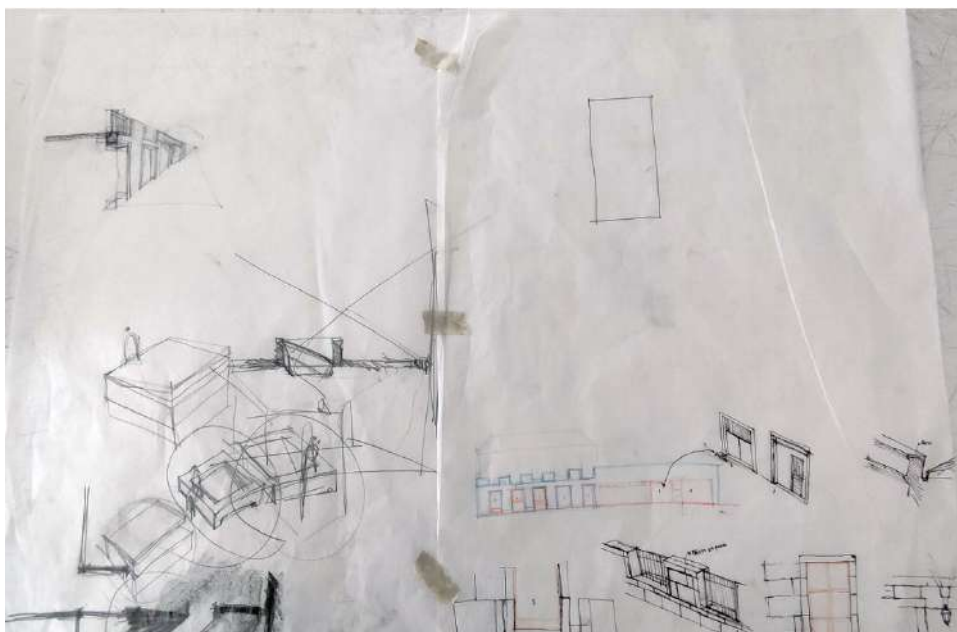
20. “Luanda é vida!”.
21. “Baía Marginal”.
22. “É apenas mais uma cidade”.
23. “Viver em Luanda é viver cada dia um dia apesar de ser rica tanto cultural como é comicamente”.
24. “Luanda é viver a vida a cada dia”.
25. “Capital política e económica”.
26. “Luanda tem muito para ser explorada e descentralizada”.
27. “Luanda é uma cidade que precisa de organização”.
28. “Recordar é viver!”.
29. “Luanda é viver a cada dia”.
30. “Uma cidade acolhedora, tornou-se lar de povos oriundas de distintas zonas”.
31. “Uma cidade abarrotada devido à falta de descentralização”.
32. “É uma cidade Complicada de viver”.
33. “Terra onde nasci cheia de gente que luta pelo que quer”.

7.2. Peças gráficas complementares (Proposta)

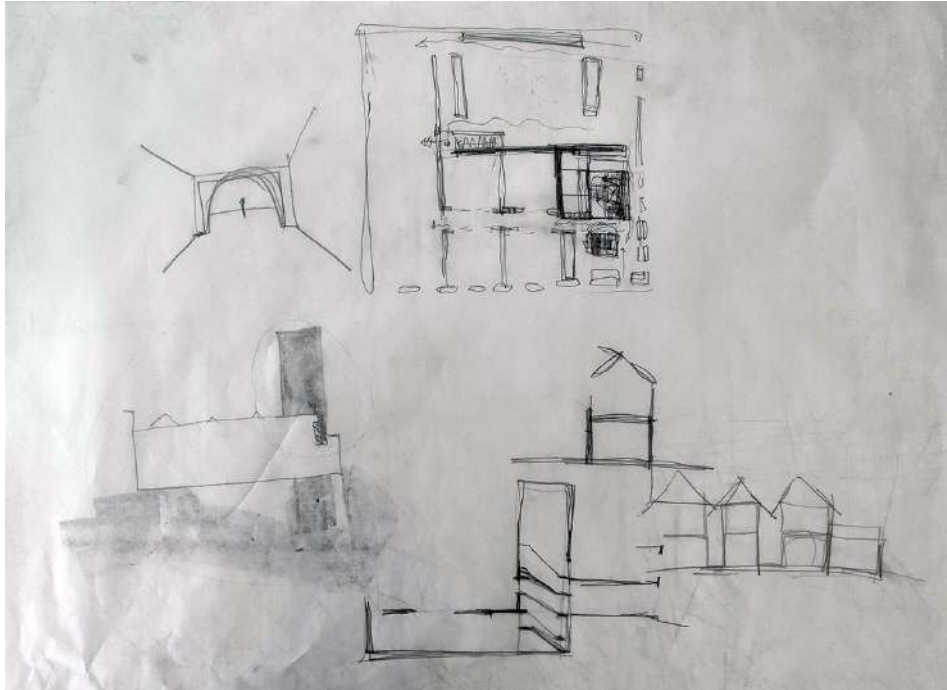
Ambientes e atmosferas, esquemas conceptuais e volumétricos (painéis)



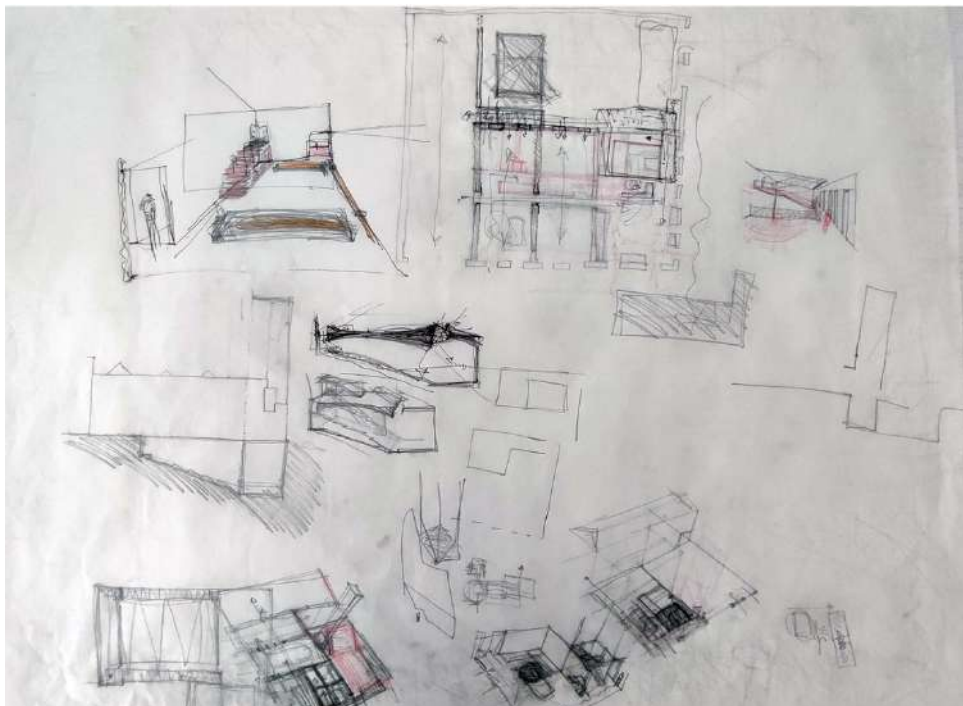
Estudo dos alçados e plantas do existente



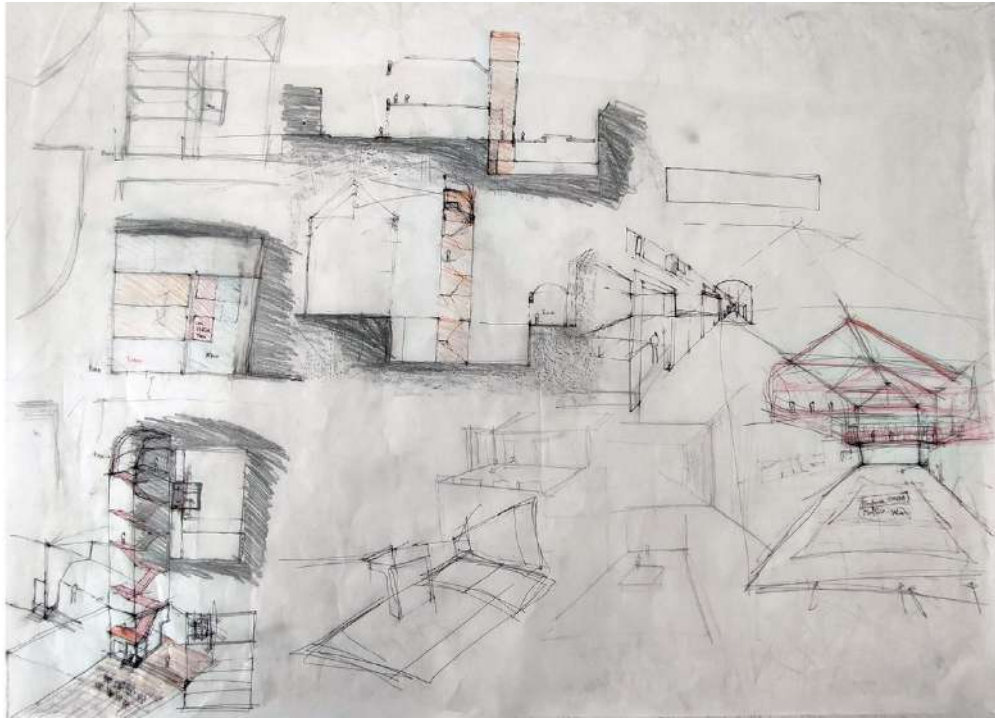
Estudo de tipos e pormenores



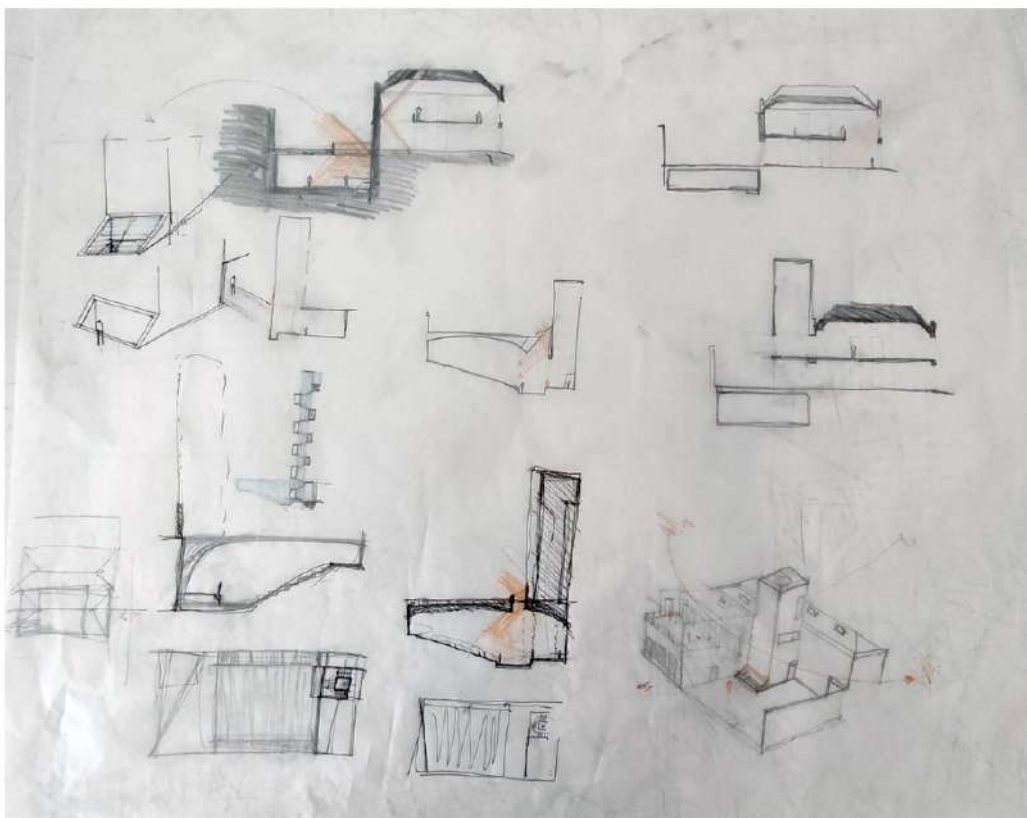
Ensaio em plantas e cortes



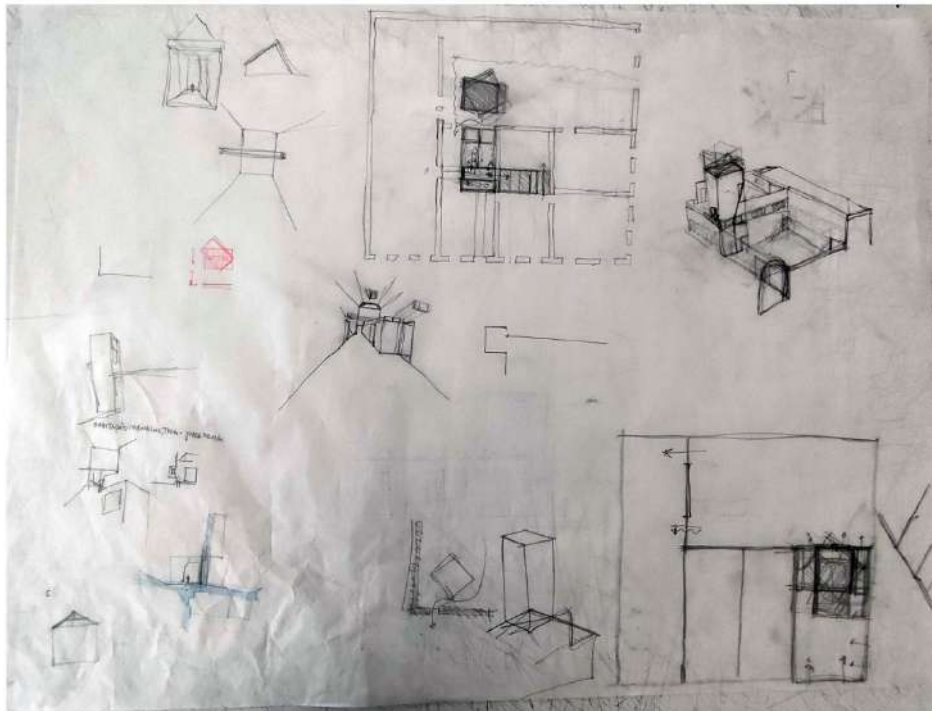
Ensaio em plantas, cortes e perspectivas 2



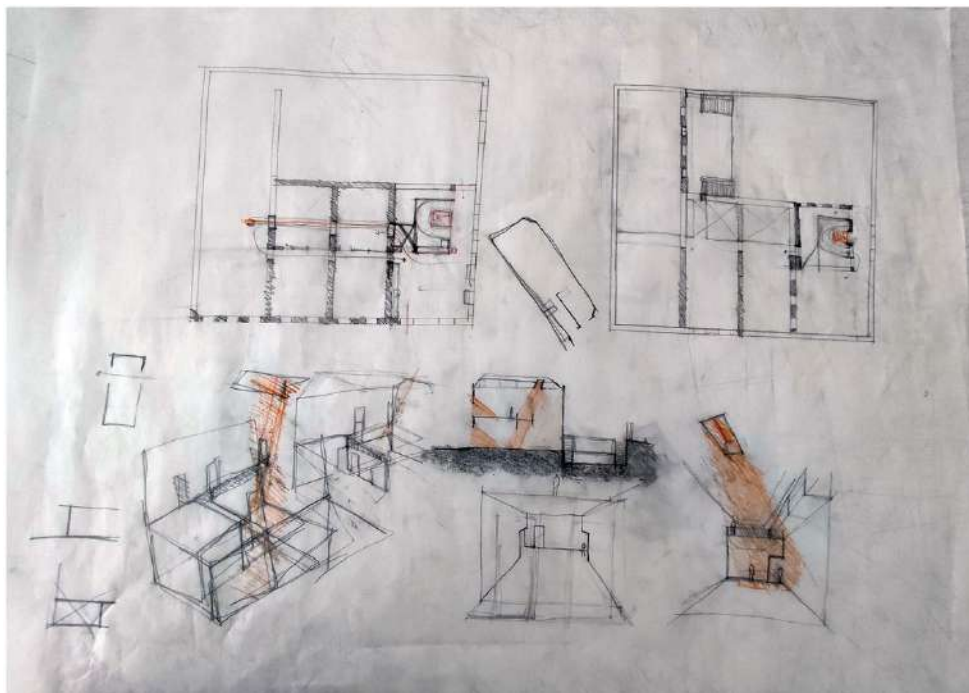
Ensaio em plantas, cortes e perspectivas 1



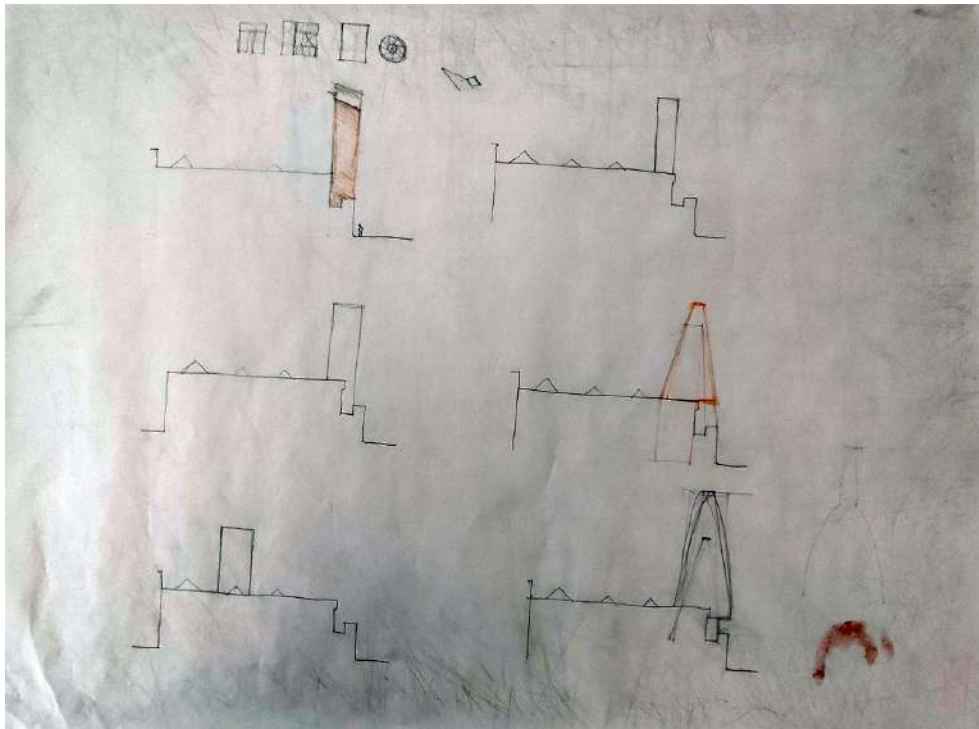
Ensaio em plantas, cortes e perspectivas 3



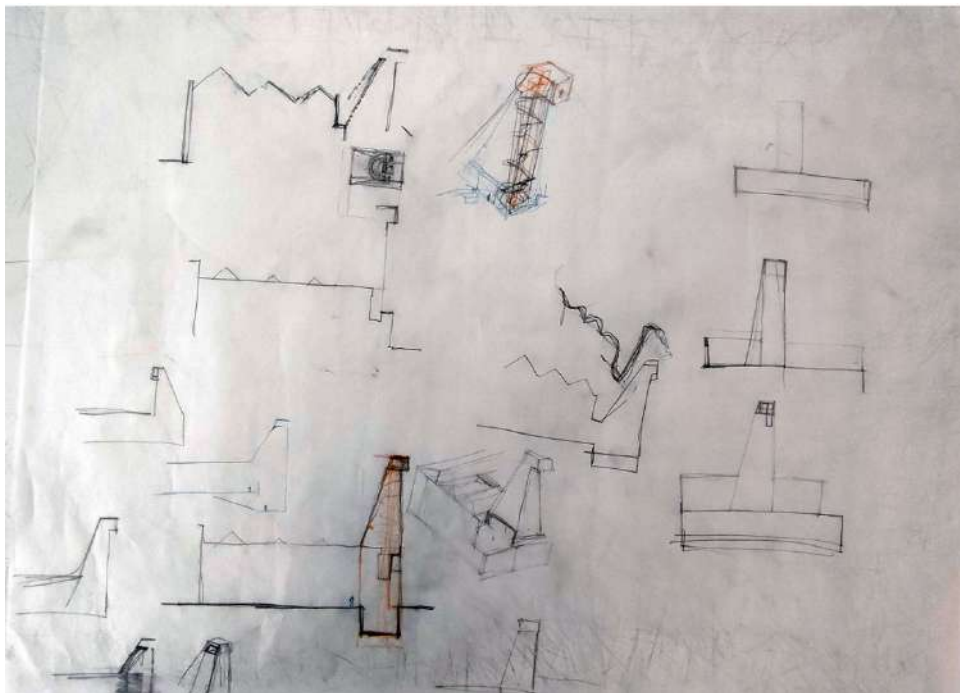
Ensaio em plantas, cortes e perspectivas 4



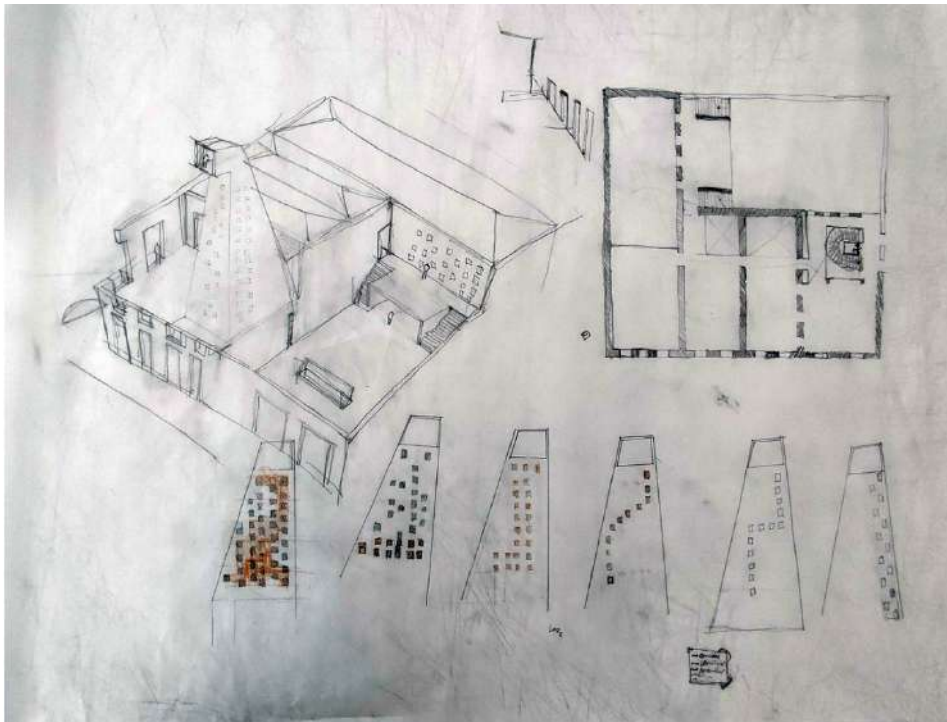
Ensaio em plantas, cortes e perspectivas 5



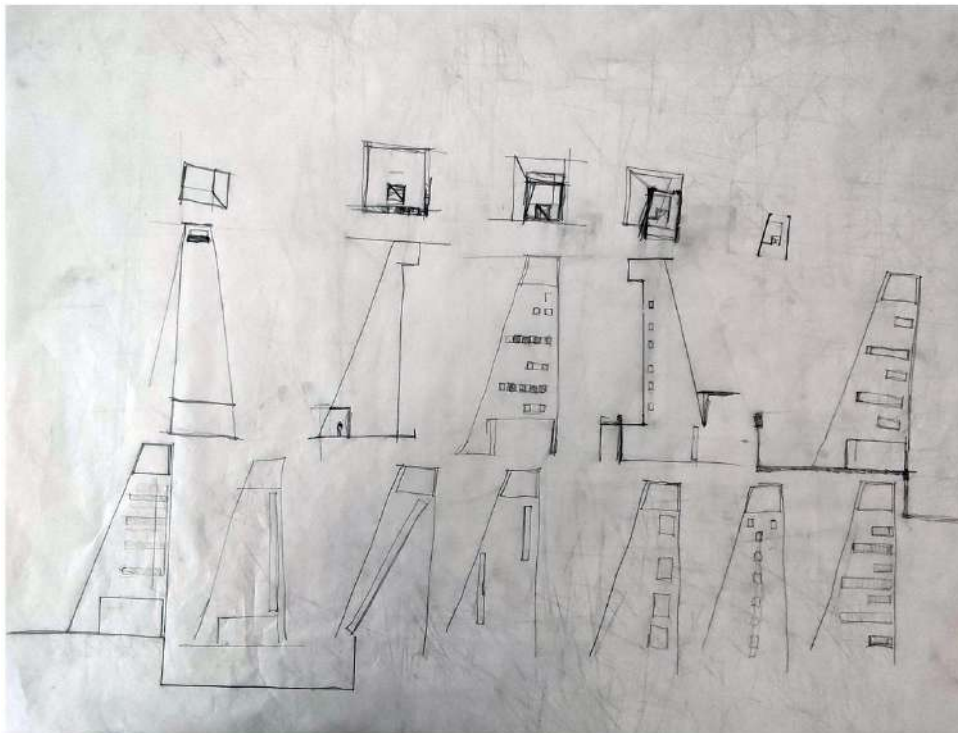
Ensaio da torre em alçado



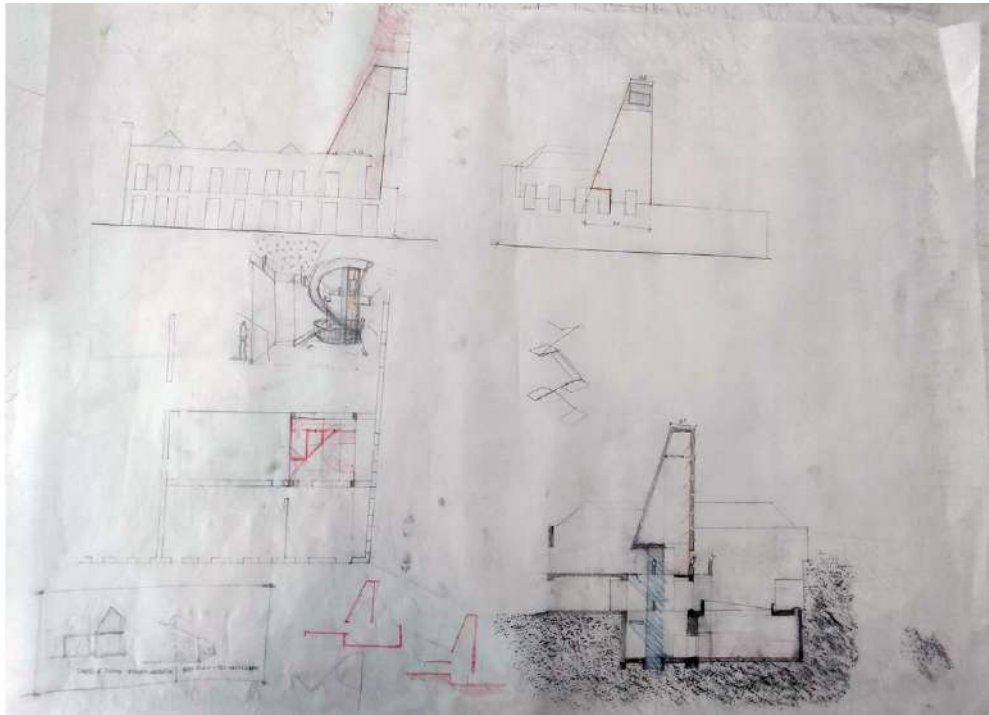
Ensaio da torre em alçado e perspetivas 2



Ensaio em plantas e perspectivas



Ensaio da torre em alçado e perspectivas 3



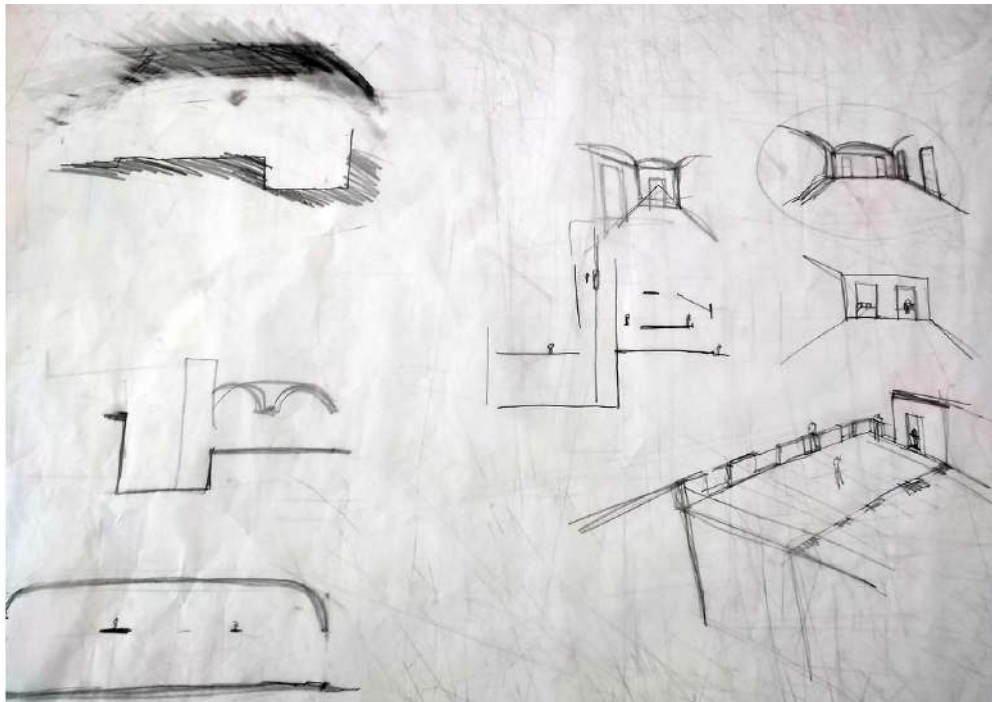
Ensaio em plantas, cortes e perspetivas 6



Ensaio em plantas, cortes e perspetivas 7



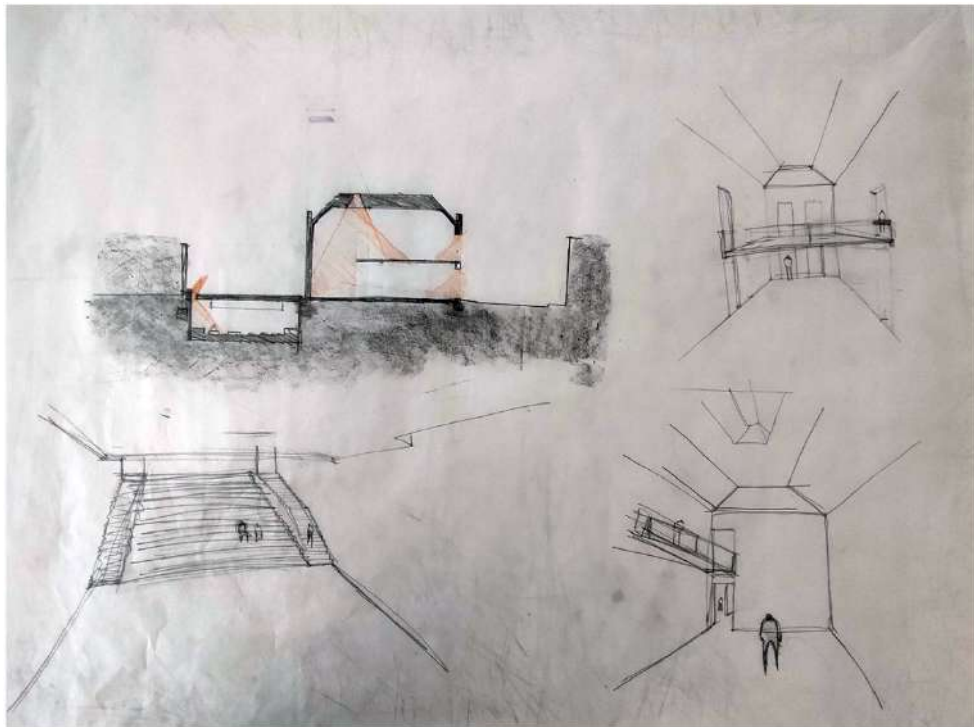
Ensaio em plantas, cortes e perspectivas 8



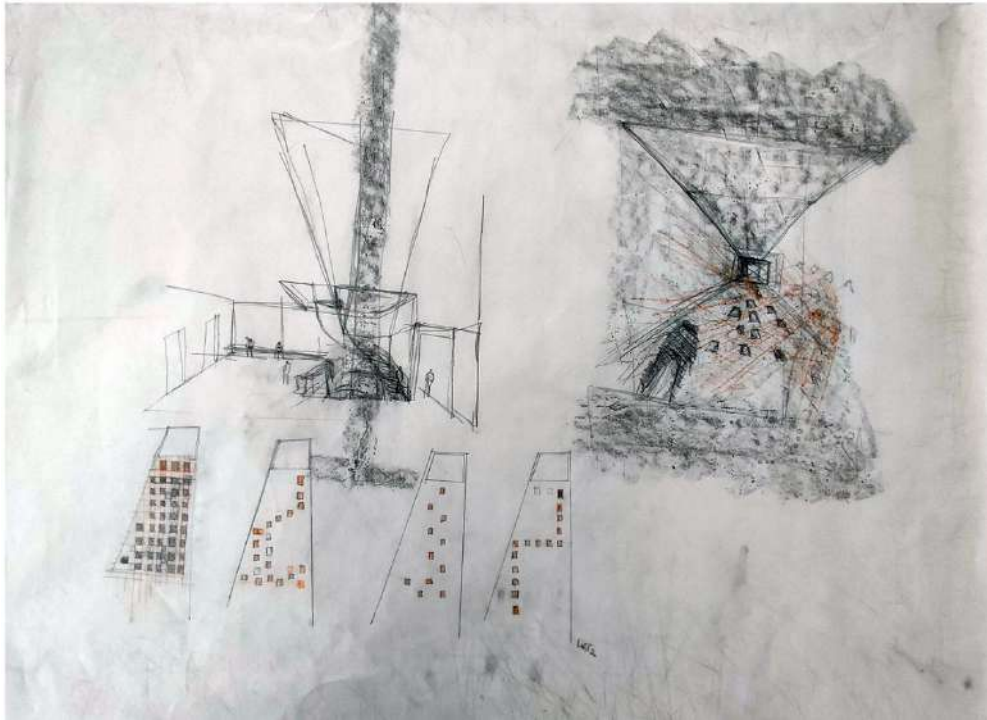
Ensaio em perspectivas e cortes (ambientes e atmosferas)



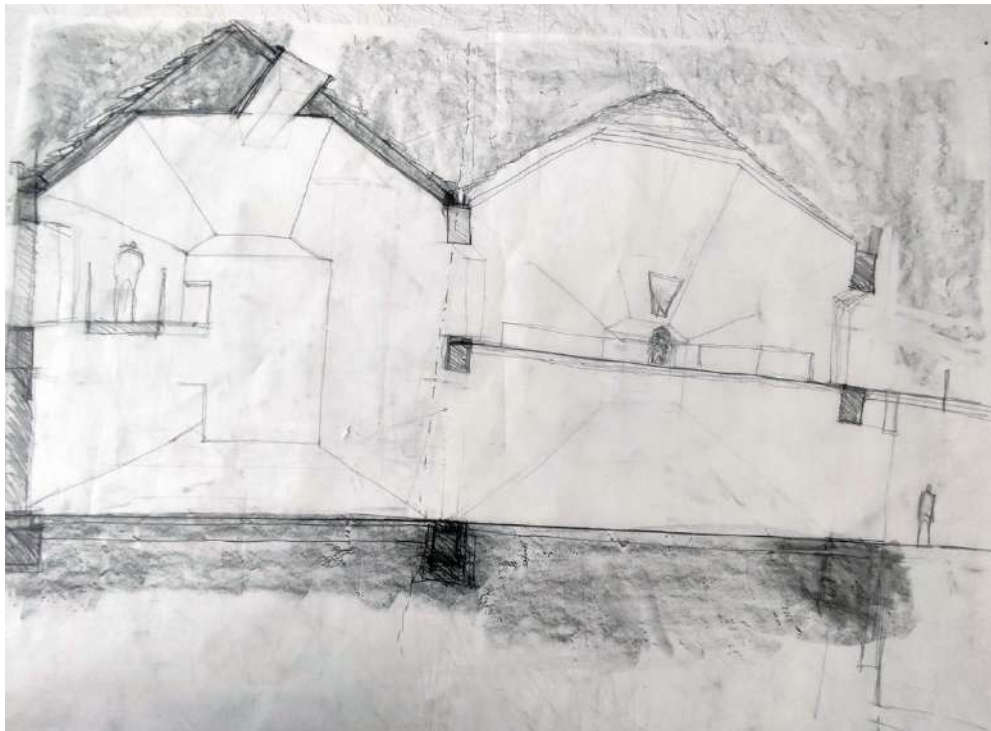
Ensaio em perspectivas e cortes (ambientes)



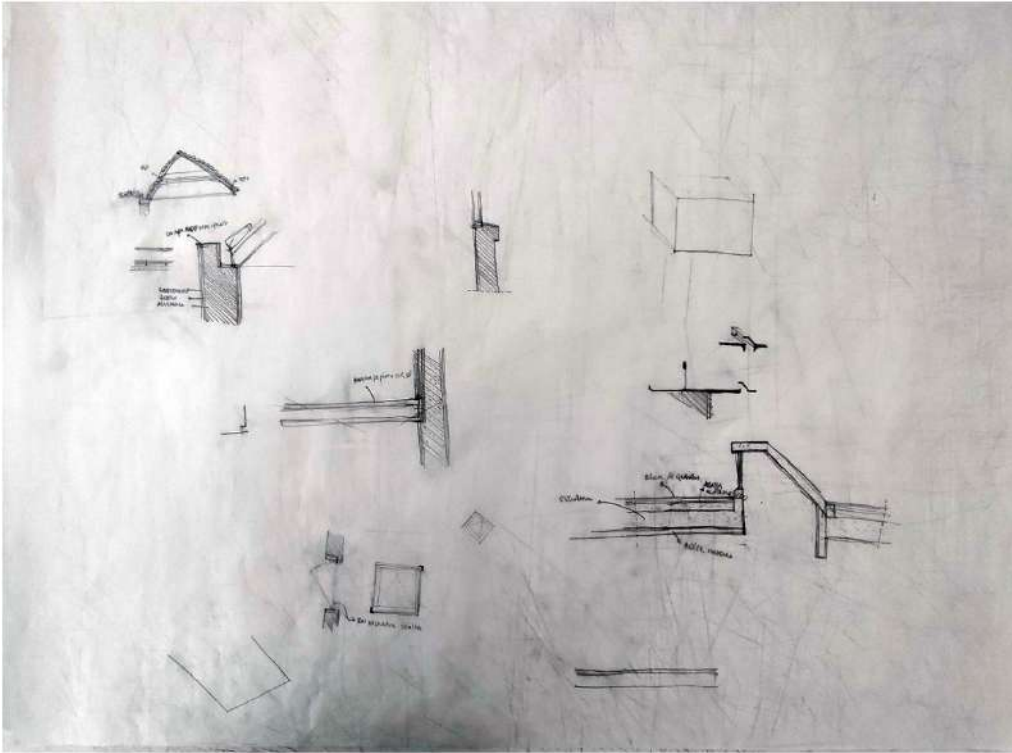
Ensaio em perspectivas e cortes (ambientes e atmosferas)



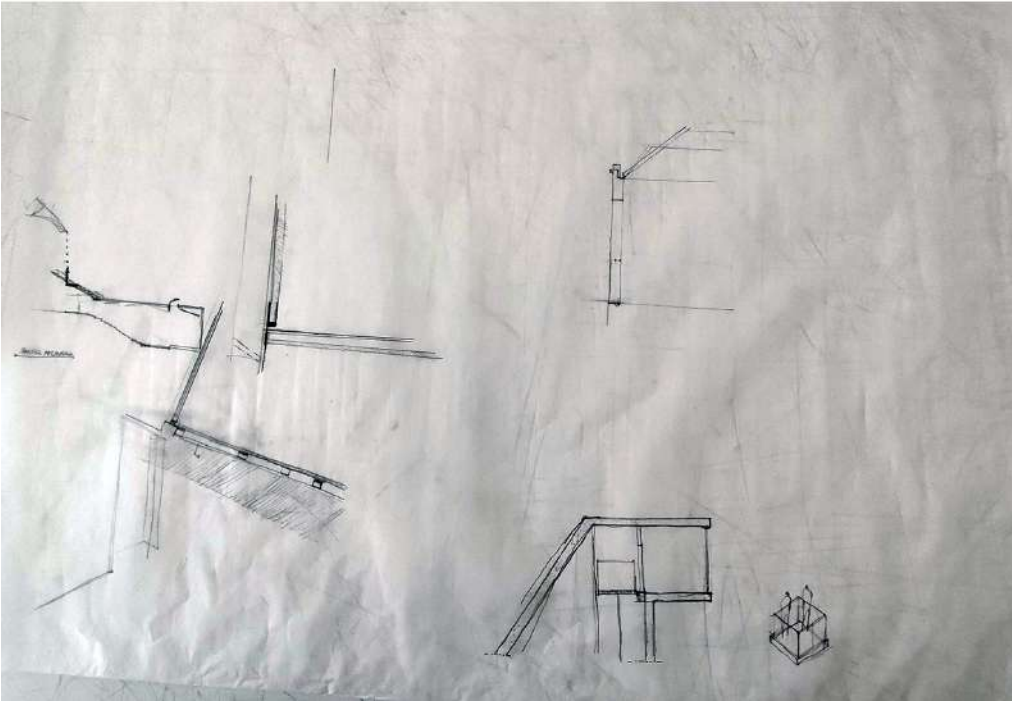
Ensaio em perspectivas e cortes (ambientes e atmosferas)



Estudo em corte perspectivo

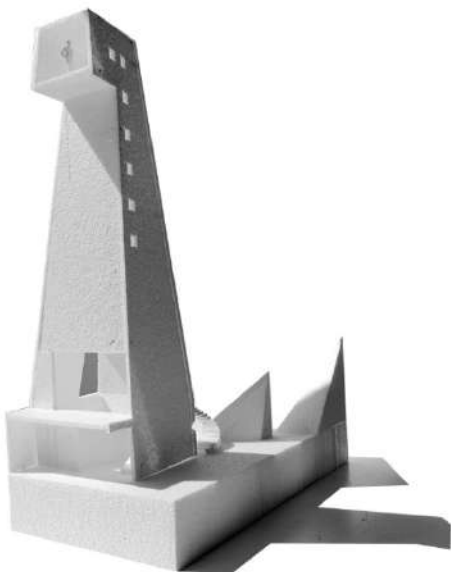
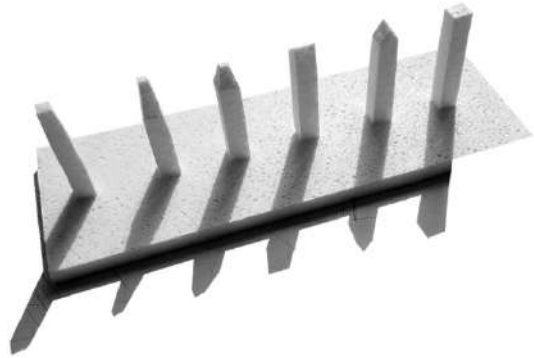
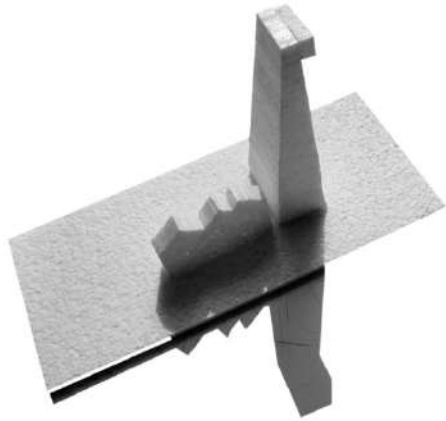


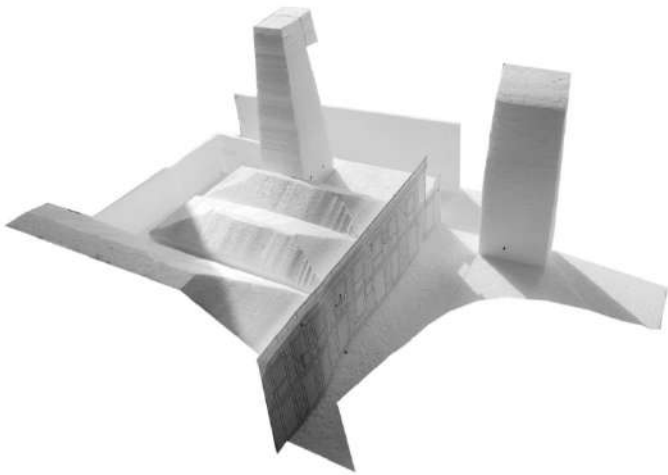
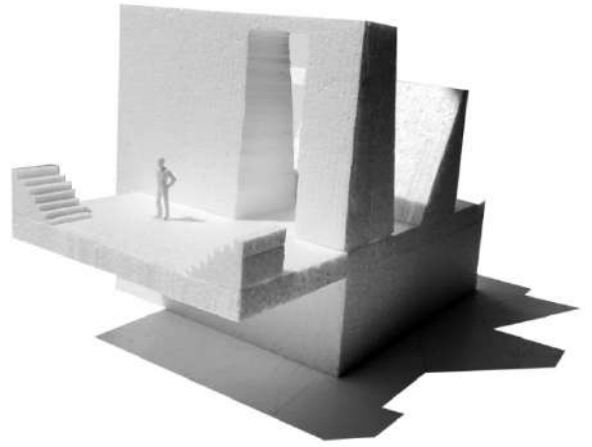
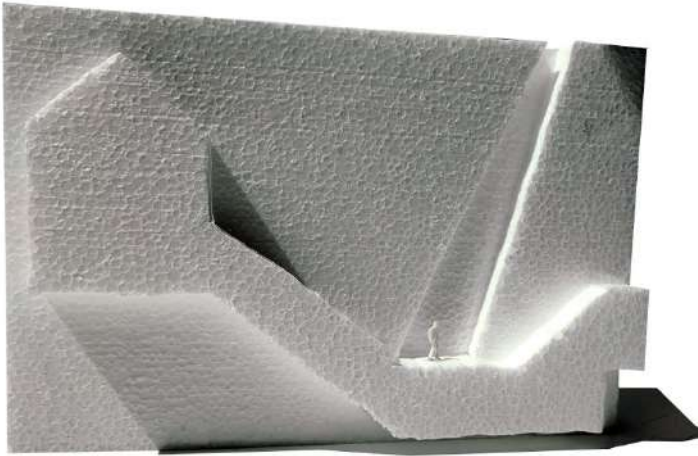
Estudo de pormenores



Estudo de pormenores

Modelos físicos e conceituais (ensaios)



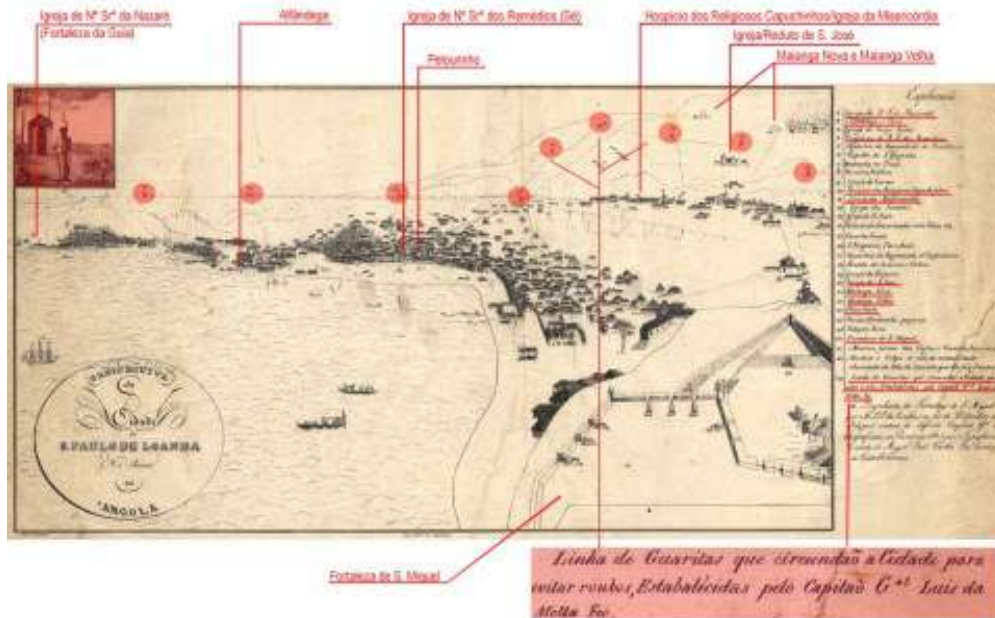


Sala 24 horas Polo de Arquitetura UBI (exposição progressiva)

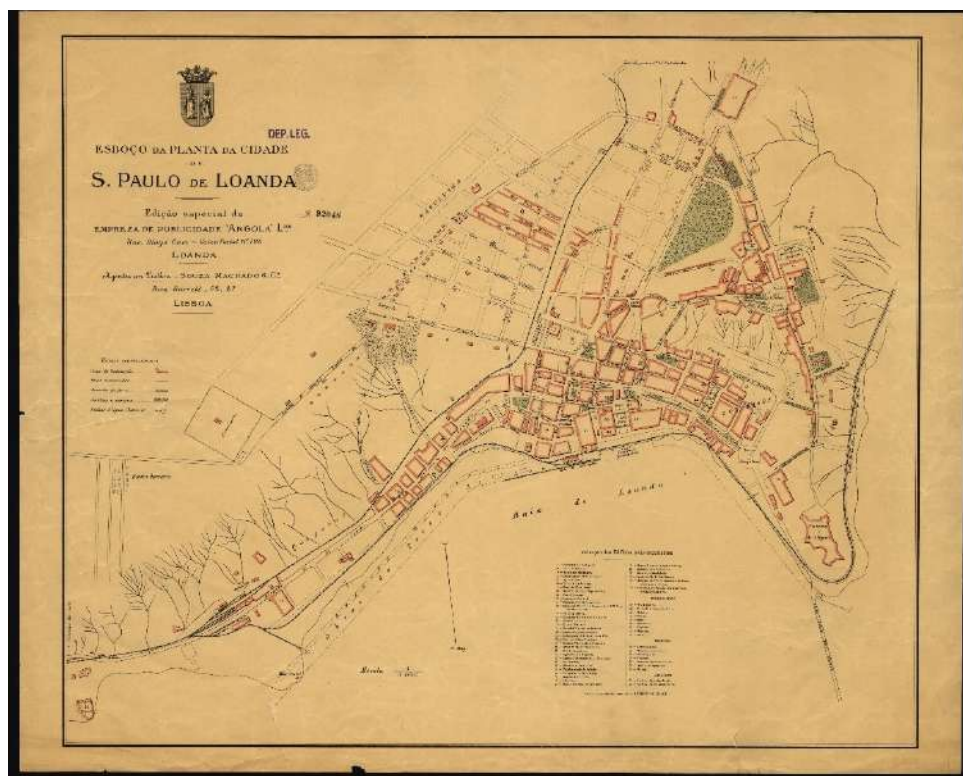


8. Anexos

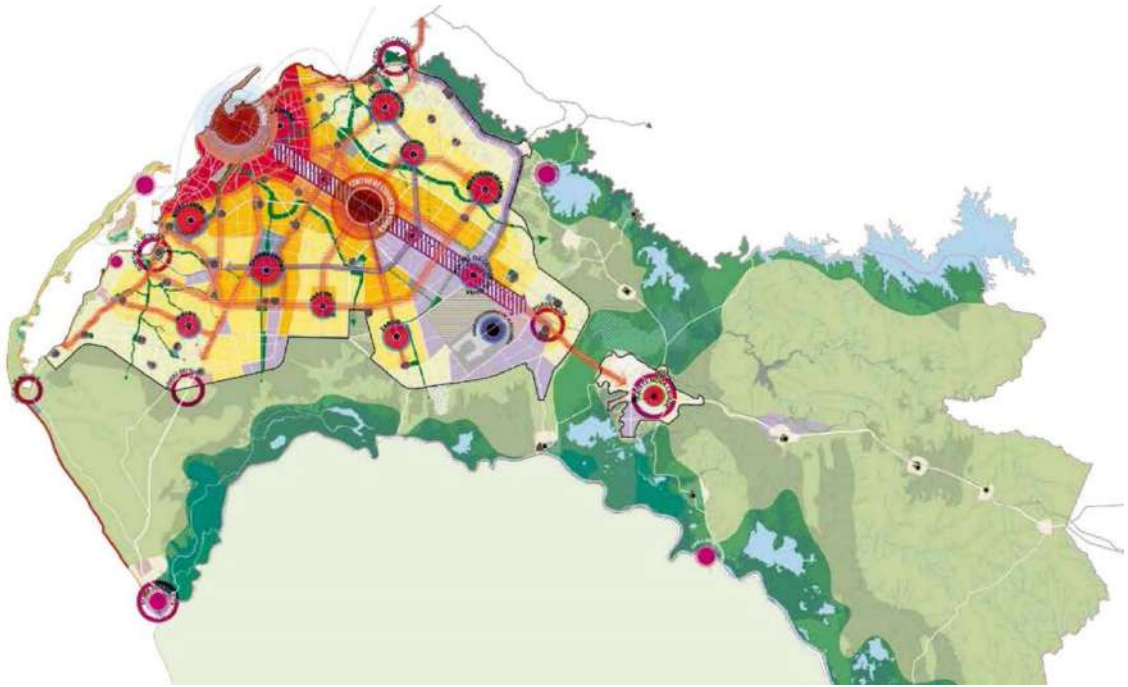
8.1. Estudos preliminares (levantamento)



São Paulo de Luanda Macao Fonte: journals.openedition.org/cidades/619



Planta da cidade de Luanda. Fonte: journals.openedition.org/cidades/619

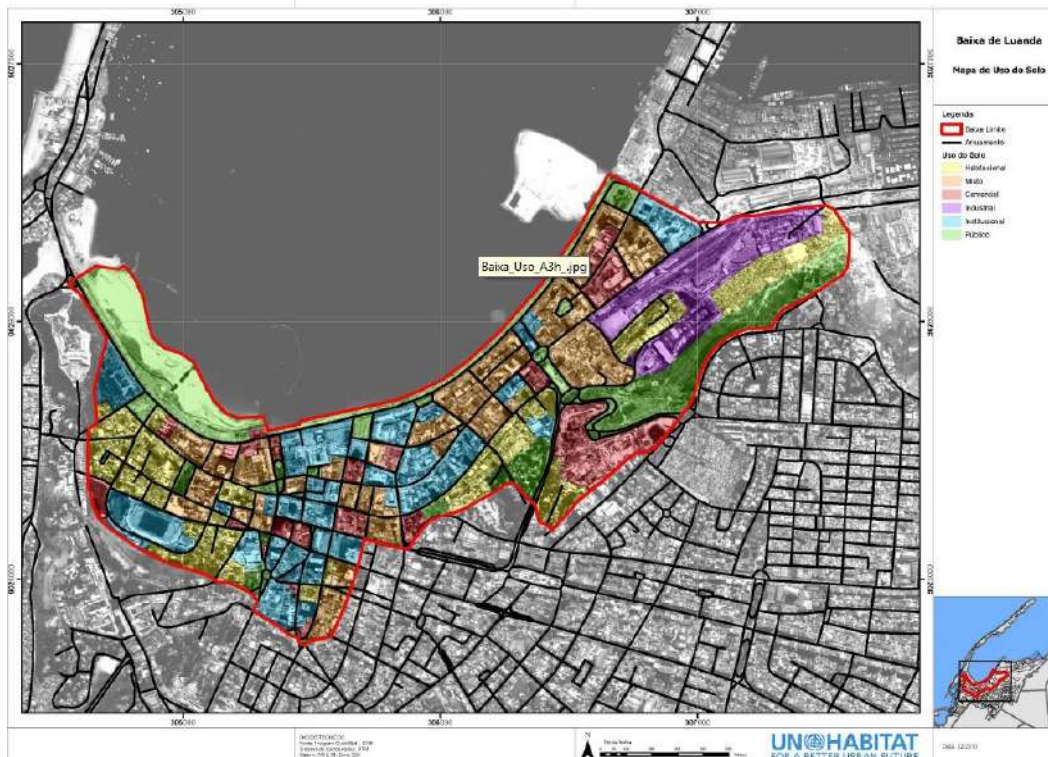


- | | |
|--|--|
| — 01. Limite da Área de Projecto | 21. Parques Ribeirinhos Propostos |
| — 02. Estradas Principais | 22. Parque Costeiro: Praia |
| — 03. Estradas Secundárias | 23. Parque Costeiro: Falésia |
| — 04. Ferrovia (Mercadorias e Passageiros) | 24. Principais Centros de Educação |
| — 05. Planos de Água : Lagos e rios | 25. Principais Zonas de Emprego |
| — 06. Limite de Área Urbana | 26. Agricultura - Espaços destinados ao cultivo e pecuária. |
| ■ 07. Luanda Centro da Cidade | 27. Expansão Potencial do Aeroporto |
| ■ 08. Luanda Cidade Interior | ● 28. Centros Locais |
| ■ 09. Viana Cidade Interior | ● 29. Centros Metropolitanos / Distritos
Ampla área de usos mistos |
| ■ 10. Residencial - Densidade Alta | ● 30. Centro da Cidade de Luanda e Viana
As áreas centrais de negócios. |
| ■ 11. Residencial - Densidade Média | ● 31. Portais da Cidade
Portais para quem vem de outras Províncias. |
| ■ 12. Residencial - Densidade Baixa | ● 32. Núcleos Rurais - Principais assentamentos rurais. |
| ← 13. Principais Corredores de Emprego | ● 33. Núcleos Turísticos / Lazer |
| — 14. Principais Rotas de Transportes Públicos | ← 34. Eixo Commercial de Catete |
| ... 15. Linhas de Transporte Marítimo | ← 35. Corredores de Trânsito
Principais rotas de transportes públicos |
| ■ 16. Parques | |
| ■ 17. Espaço Aberto | |
| ■ 18. Paisagem Protegida: Bosque | |
| ■ 19. Paisagem Protegida: Manguezais | |
| ■ 20. Zonas de Inundação | |

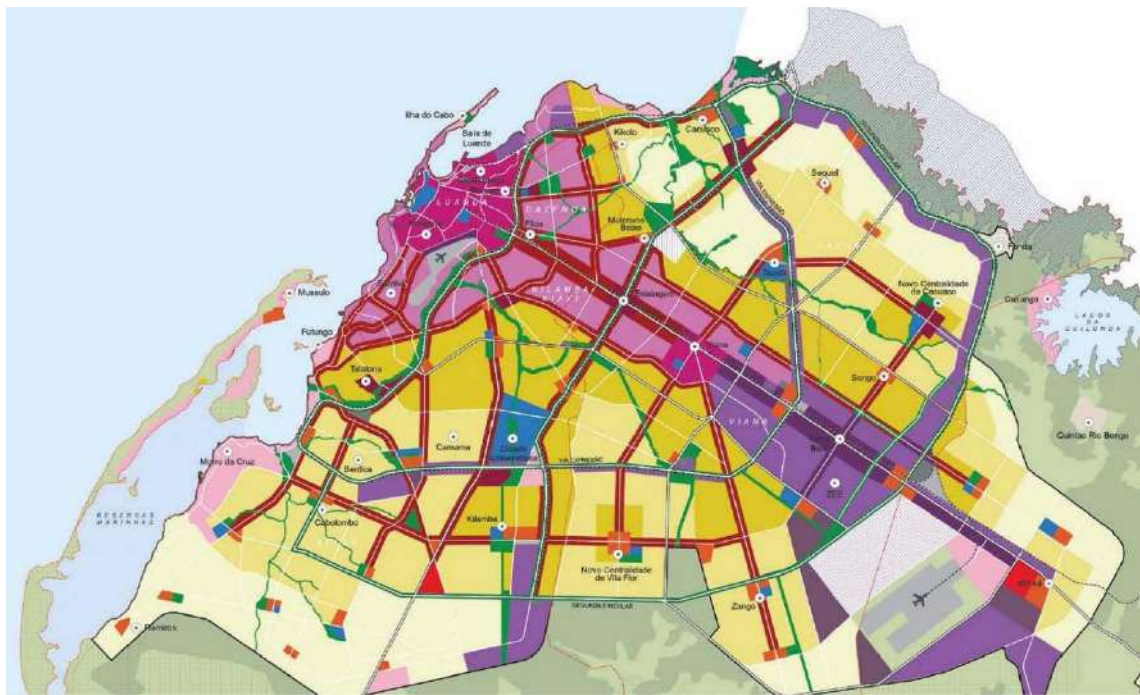
Planta Síntese do PDGML (Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda)



Mapa de Luanda segundo Ilídio Amaral

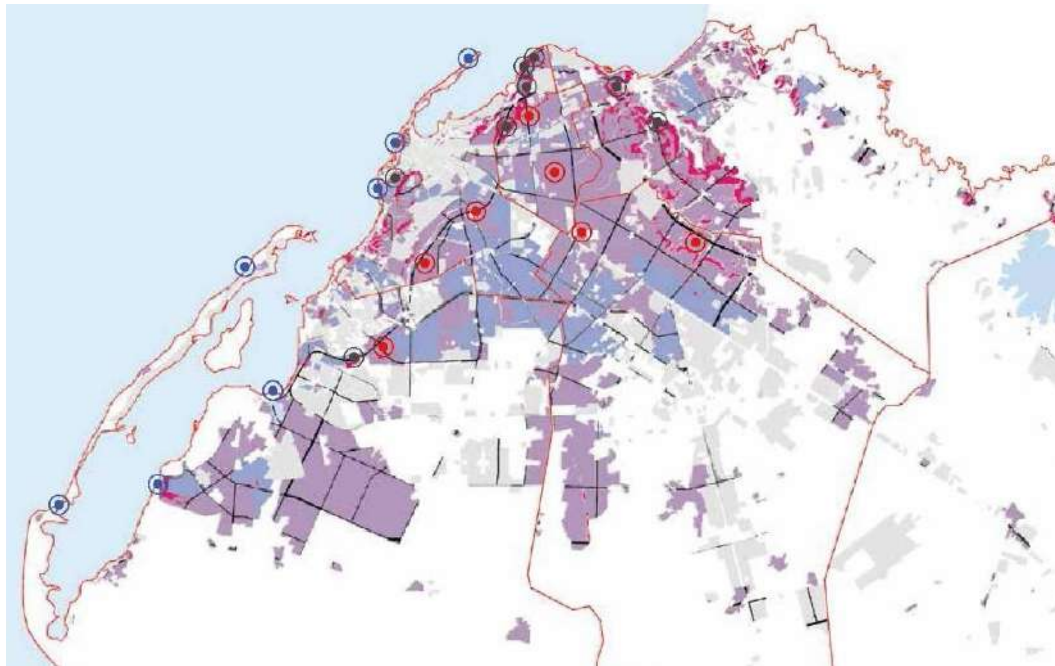


Mapa de uso do solo da baixa de Luanda segundo Unhabitat, de Marta Carvalho



- | | |
|---|---|
| 01. Usos Mistos: Centro da Cidade | 17. Transporte |
| 02. Usos Mistos: Cidade Interior | 18. Infra-estrutura |
| 03. Usos Mistos: Centro Primário | 19. Zona de Aterro / Futura Rega |
| 04. Usos Mistos: Centro Secundário | 20. Reservas Naturais |
| 05. Usos Mistos: Corredor Urbano | 21. Espaço Aberto Urbano |
| 06. Retail Park | 22. Espaço Aberto |
| 07. Usos Mistos: Escritórios Comercial | 23. Agricultura |
| 08. Usos Mistos: Parque Comercial | 24. Planos de Água |
| 09. Institucional | 25. Reservas Marinhas |
| 10. Indústria | 26. Zonas de Inundação |
| 11. Expansão Potencial do Aeroporto | |
| 12. Recreação | |
| 13. Residencial Rural | |
| 14. Residencial - Densidade Baixa | |
| 15. Residencial - Densidade Média | |
| 16. Residencial - Densidade Alta | |

Mapa de Uso dos solos segundo o PDGML (Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda)



- Limites dos Municípios
 - Planos de Água
 - Áreas Inundáveis
 - Áreas de Risco de Deslizamento de Terras
 - Musseque Estruturado
 - Musseque Não-Estruturado
 - Corredores de Mobilidade e Infraestruturas
 - Extensão Urbana Actual
-
- Risco de Incêndios
 - Áreas na Zona Costeira e Inundáveis
 - Deslizamento de Terras

Mapa de Riscos de Incêndios e Inundações segundo o PDGML (Plano Diretor Geral Metropolitano de Luanda)



29ºLeilão Cartas Publicitárias. Fonte: <http://leiloes.cfportugal.pt/>



Carta Roteiro de Angola. Fonte: www.bestnetleiloes.com



Luanda, ano de 2000 (observação do estado de conservação da Tipografia Minerva). Fonte: Google Earth Pro



Luanda, ano de 2004 (observação do estado de conservação da Tipografia Minerva). Fonte: Google Earth Pro



Luanda, ano de 2013 (observação do estado de conservação da Tipografia Minerva). Fonte: Google Earth Pro

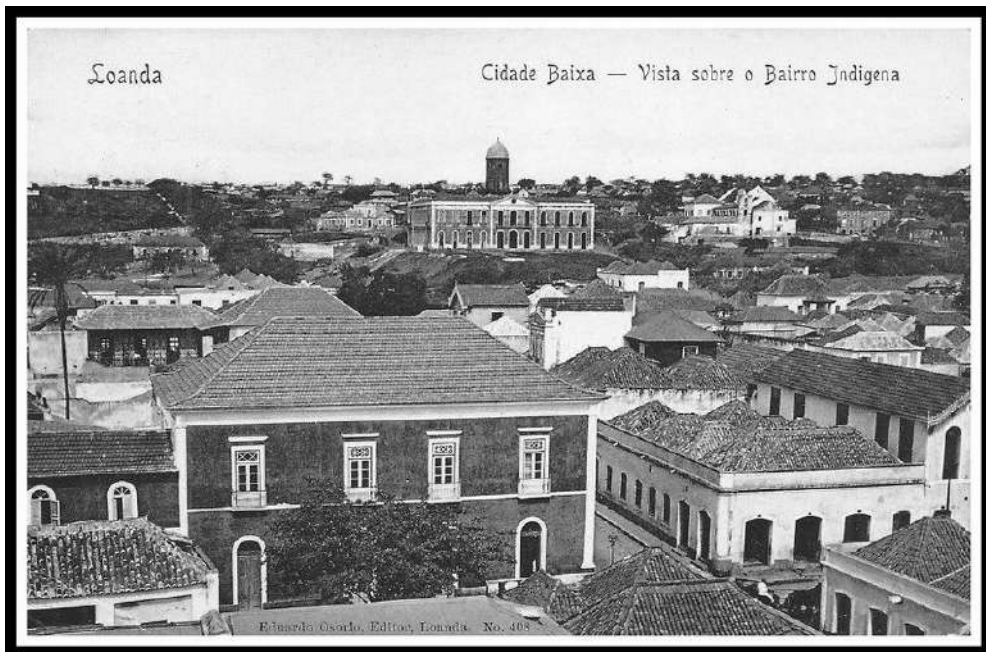


Luanda, ano de 2022 (observação do estado de conservação da Tipografia Minerva). Fonte: Google Earth Pro

8.2. Imagens Antigas de Luanda

Fonte: www.facebook.com/LuandaAntiga





8.3. Excertos Complementares (Notícias, publicações, etc.)

Abandonados, degradados e devolutos antigos edifícios clamam por reabilitação

Fonte: www.novafrica.co.ao

Home / Destaques / Abandonados, degradados e devolutos antigos edifícios clamam por reabilitação

Destaques **Infraestruturas** **Sociedade**

Abandonados, degradados e devolutos antigos edifícios clamam por reabilitação

O edifício da antiga tipografia está sem cobertura, os gradeamentos enferrujados, as paredes sujas e com fissuras. Foram feitos alguns desenhos murais para mudar a sua imagem, mas o perigo voltou a assombrar os moradores.

editor4 1 Janeiro 8, 2019 0 1.256 2 minutos lidos

[f](#) [t](#) [G](#) [in](#) [v](#) [t](#) [p](#) [e](#)



Vários edifícios da Baixa de Luanda estão abandonados, em estado avançado de degradação e correm o risco de desabar a qualquer momento. Muitos desses edifícios foram estabelecimentos comerciais e são considerados património histórico e cultural que necessitam de uma reabilitação urgente no sentido de se manter viva a memória e a História.

Estão nessa situação o antigo edifício do Clube Transmontano, localizado na rua Pedro Félix Machado e a antiga tipografia Minerva, na zona dos Coqueiros, defronte da agência da EPAL, que foi transformado em residência e pode desabar a qualquer momento.

No mesmo edifício da antiga tipografia o tecto está sem cobertura, os gradeamentos enferrujados, as paredes sujas e com fissuras. Foram feitos alguns desenhos de várias cores para mudar um pouco a imagem. Mas o perigo voltou a assombrar os moradores, devido à presença dos meliantes que ali se instalaram.

O espaço onde funcionou a antiga Farmácia Popular, na rua Amílcar Cabral, também foi abandonado. Restam apenas as estruturas arruinadas e sujas. Até algum tempo atrás o lugar era abrigo de marginais e casa de banho pública, onde o cheiro de urina e fezes "perfumavam" a zona.



No edifício onde está o Elinga Teatro, funcionou uma casa de Ferragens, que comercializava parafusos, pregos, cabos eléctricos, entre outros artigos. Esta também foi encerrada sem nenhum aviso prévio.

O mesmo aconteceu com a antiga Farmácia Popular, onde qualquer pessoa podia adquirir os medicamentos desde que tivesse a receita prescrita por um médico.

A reabilitação do Grande Hotel Luanda é uma iniciativa de se louvar. Durante algum tempo esteve abandonado. Actualmente funciona como Casa de Cultura Angola-Brasil. A sua estrutura foi conservada. Situado na rua Cerveira Pereira, nos Cosqueiros, o Grande Hotel Luanda teve um grande salão de jogos, um pátio com esplanada e bar. A Casa da Cultura Angola-Brasil é um projecto da Fundação Eduardo dos Santos (FESA). Além de actividades culturais como teatro e dança, o espaço dispõe de salas de Internet, biblioteca, galeria de arte e um anfiteatro. (Jornal Metropolitano)

Por: Arcângela Rodrigues

Uma publicação e opiniões acerca do estado da Minerva 1

Fonte: www.facebook.com

 **Nelson Nascimento**
14 de fevereiro de 2020 · 🌐

RUÍNAS DO EDIFÍCIO DA LIVRARIA MINERVA, LOCALIZADO NA TRAVESSA DA SÉ- LUANDA JAN.2020



👍👎 121 16 comentários 24 partilhas

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

 **Manuel Albergaria de Santaclara**
Mais um edifício que deveria ser recuperado e conservado. Poderia quiça ser o Instituto Camões ou um Museu
Partilhar · 1 ano(s)
↳ 3 respostas

 **Ana Isabel**
Merece ser restaurado. Lindo.
Partilhar · 1 ano(s)

 **Natalino Silva**
É assim que se desenvolve um país, destruindo o que de belo tem ? Vai lá, vai !!!!!
Partilhar · 1 ano(s)

 **Elisa Ramalho**
Quem conheceu a beleza deste Edifício não fica indiferente a esta foto! 😞
Partilhar · 1 ano(s) 👍👎 3

 **Mária Maçorano Cardoso**
Tantas compras aí feitas...
Partilhar · 1 ano(s)

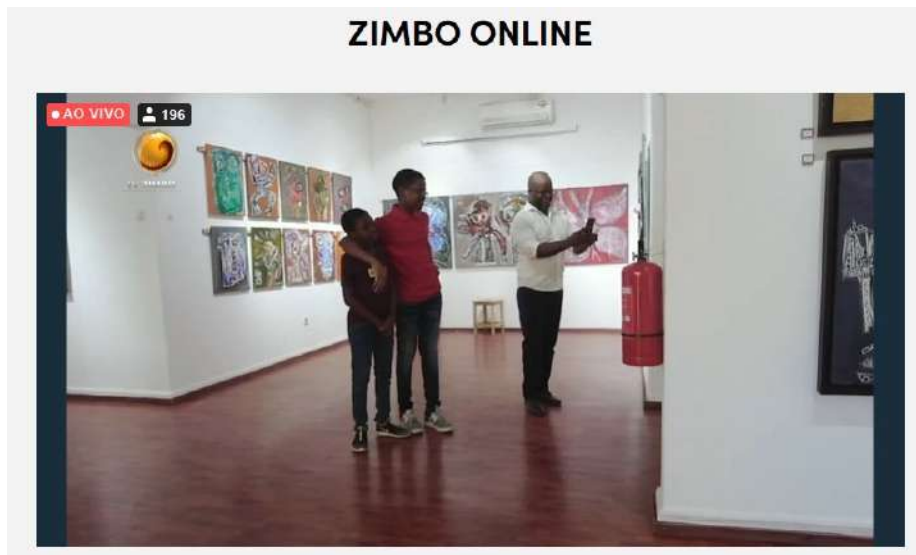
 **Lino Pinheiro**
Espetáculo só falta por palha para o telhado
Partilhar · 1 ano(s)

 **Mario Cunha**
Não sei se sinto saudades, nostalgia ou...desgosto. Foi aí que trabalhei, ao balcão da papelaria e livraria durante muitos anos! Entrei com 17 anos, saí com 28, quando em 1976, vim embora para não mais voltar! Estou grato a quem me fez voltar a ver, onde passei parte da minha juventude e onde fui feliz! Pena a degradação em que se encontra esse magnífico edifício.
Partilhar · 1 ano(s) · Editado 👍👎 3

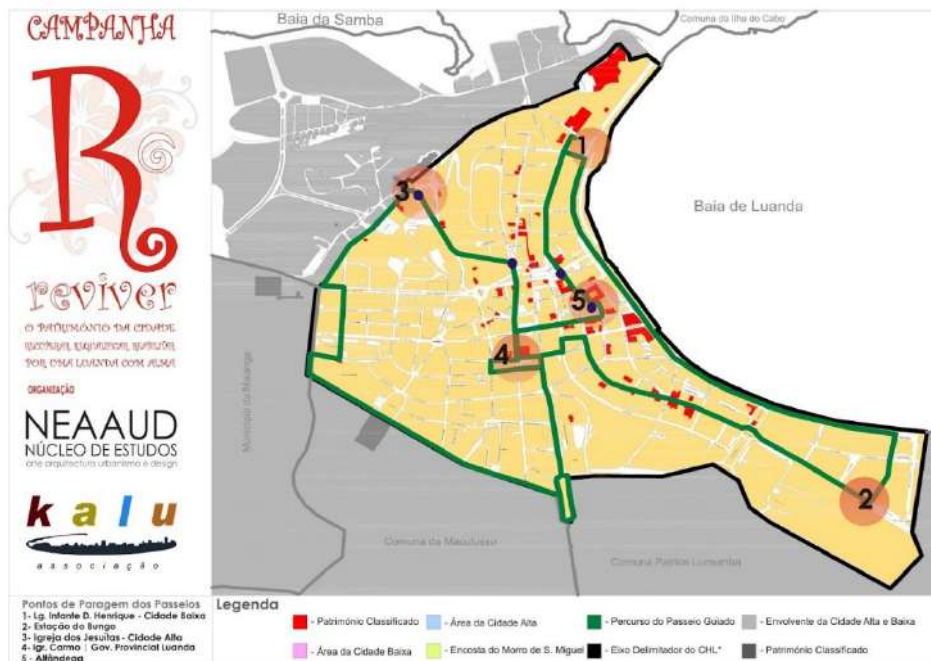
 **Rui Pereira**
Nestes novos tempos globalizados temos de acompanhar o progresso e a modernização
Partilhar · 1 ano(s) 👍 1
↳ 3 respostas

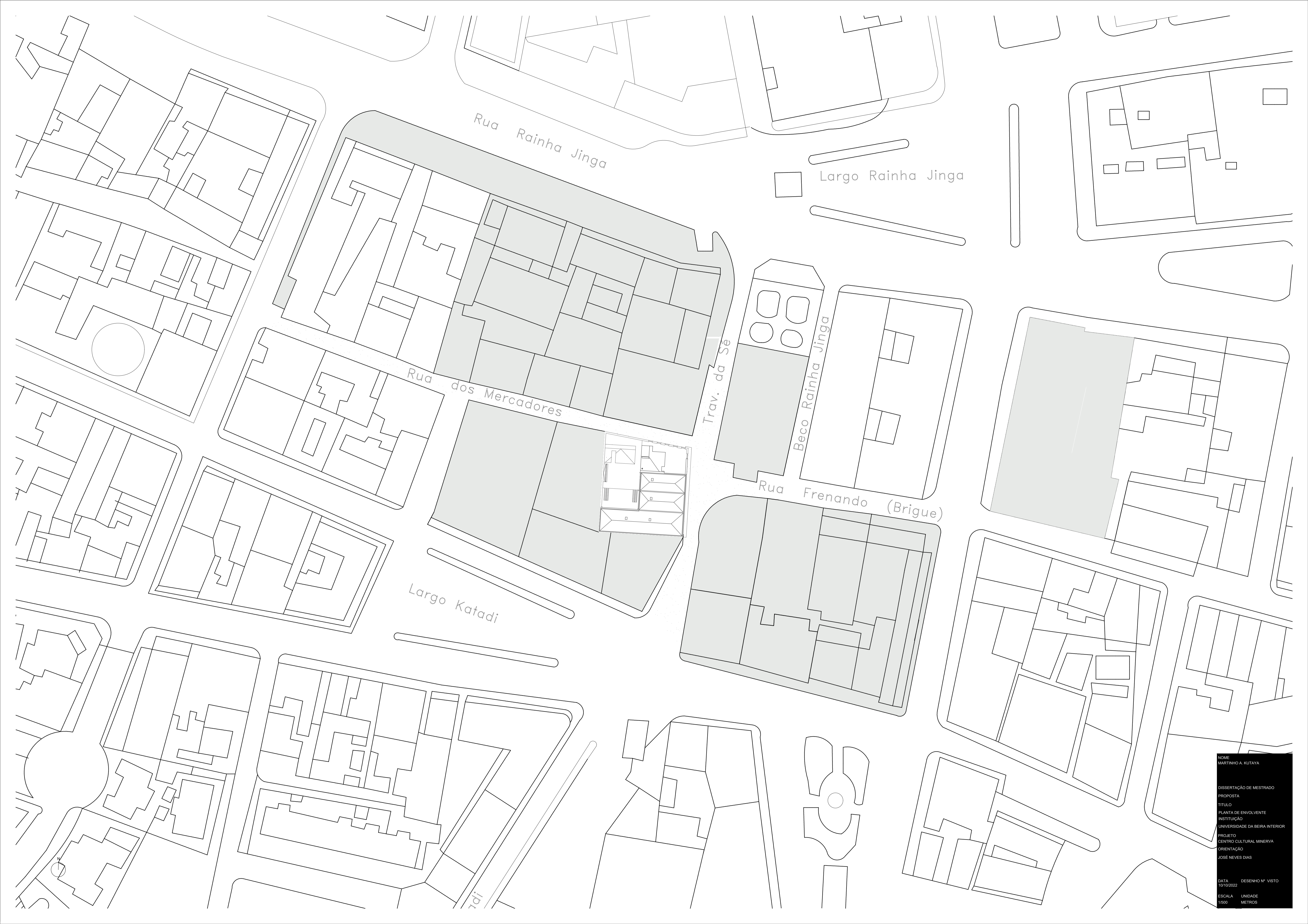
 **Carla Maria**
E uma pena não ser conservado
Partilhar · 1 ano(s)

Promoção e valorização da arte através do programa televisivo de cadeia nacional “Cooltura” Fonte: www.tvzimbo.ao/ao



Campanha reviver Luanda Fonte: angolafieldgroup.com





Rua Rainha Jinga

Largo Rainha Jinga

Rua dos Mercadores

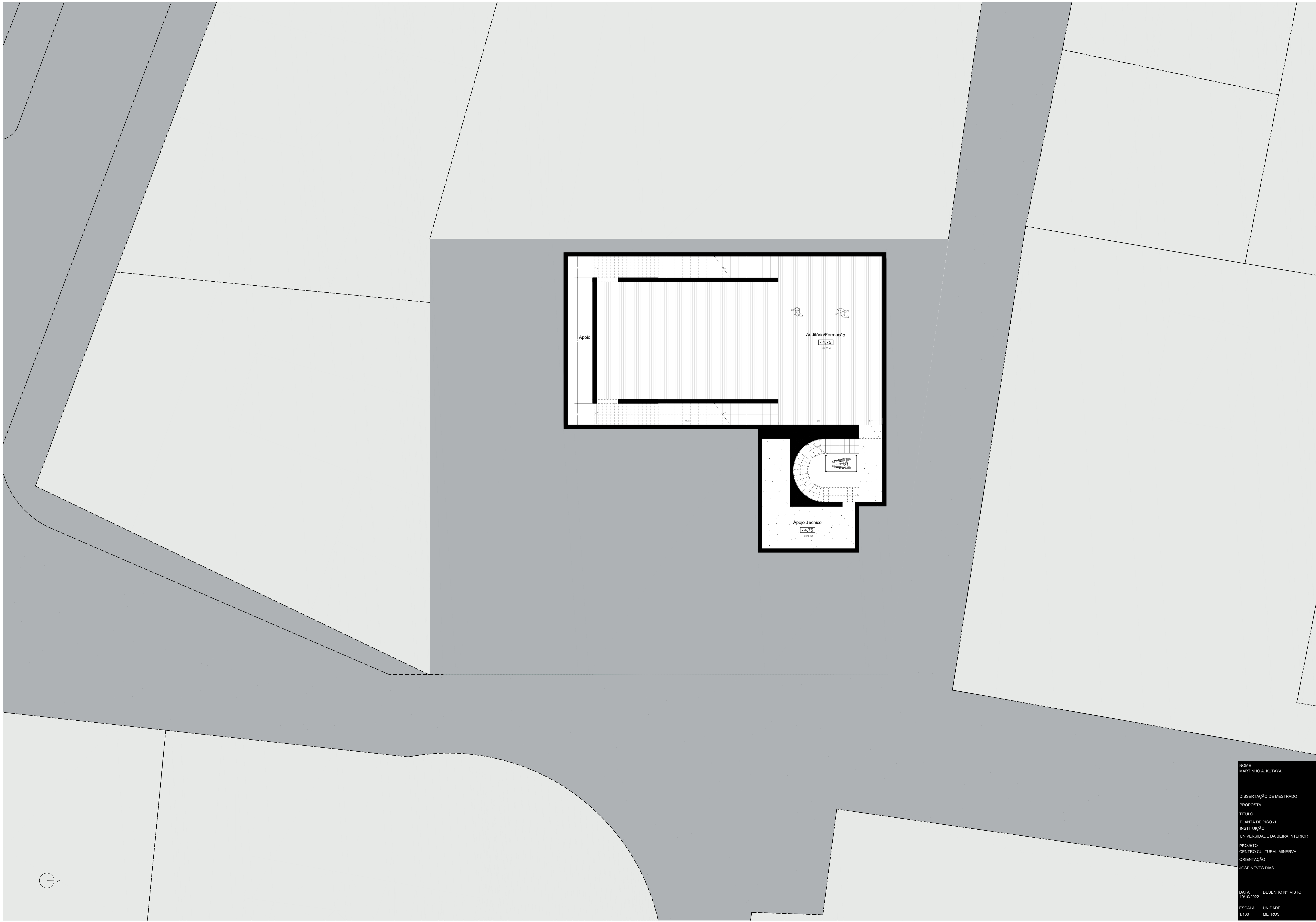
Trav. da Se

Beco Rainha Jinga

Rua Frenando (Brigue)

Largo Katadi

NOME
MARTINHO A. KUTAYA
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TÍTULO
PLANTA DE ENVOLVENTE
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS
DATA
10/10/2022
DESENHO Nº VISTO
ESCALA
1:500
UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE Mestrado

PROPOSTA

TÍTULO
PLANTA DE PISO -1

INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

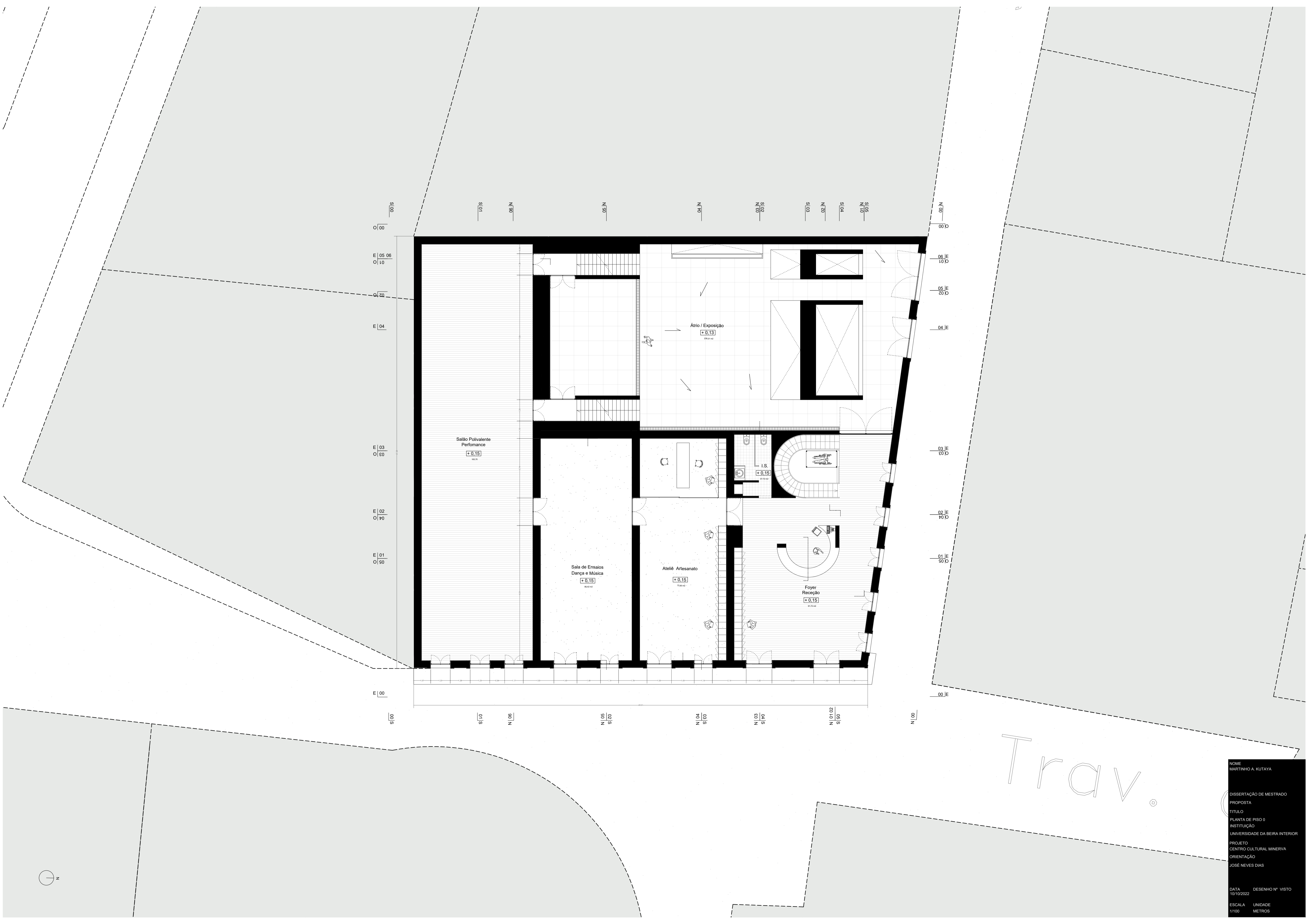
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



Trav.

NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROPOSTA

TÍTULO
PLANTA DE PISO 0

INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

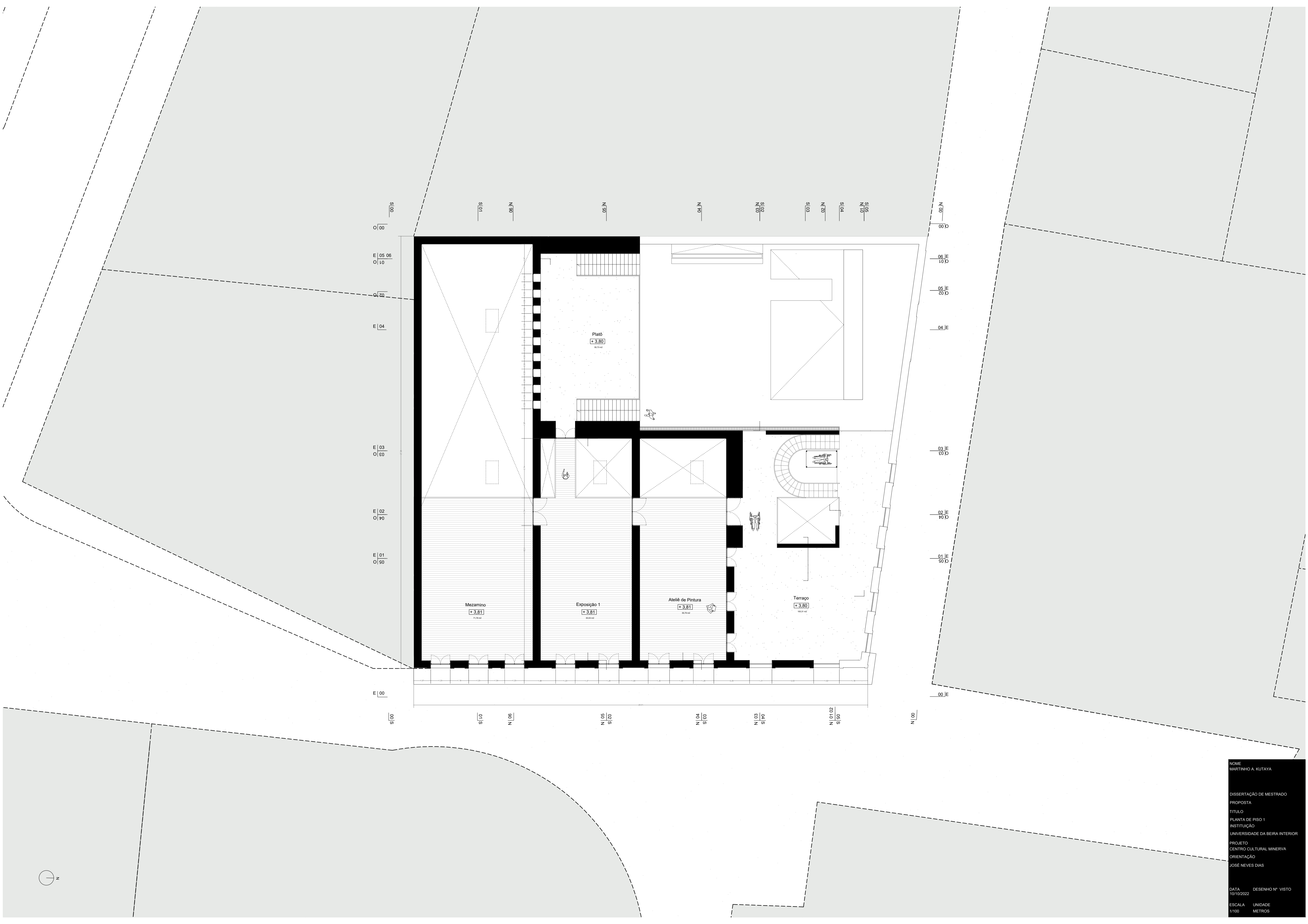
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

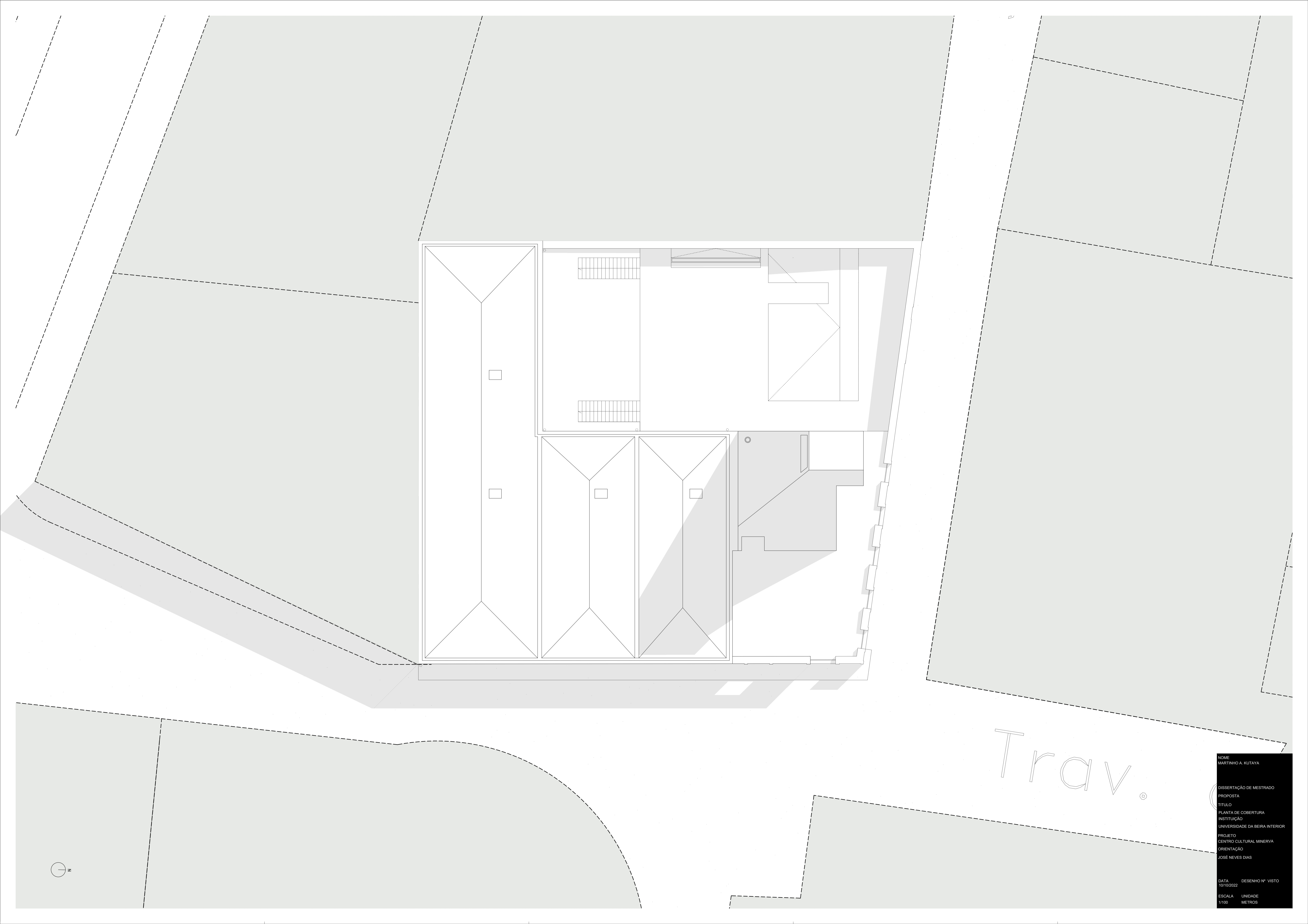
DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



NOME
 MARTINHO A. KUTAYA
 DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
 PROPOSTA
 TÍTULO
 PLANTA DE PISO 1
 INSTITUIÇÃO
 UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
 PROJETO
 CENTRO CULTURAL MINERVA
 ORIENTAÇÃO
 JOSÉ NEVES DIAS
 DATA
 10/10/2022
 ESCALA
 1/100
 DESENHO Nº VISTO
 UNIDADE
 METROS



Trav.

NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROPOSTA

TÍTULO
PLANTA DE COBERTURA

INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO

ALÇADO ESTE
INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

ORIENTAÇÃO

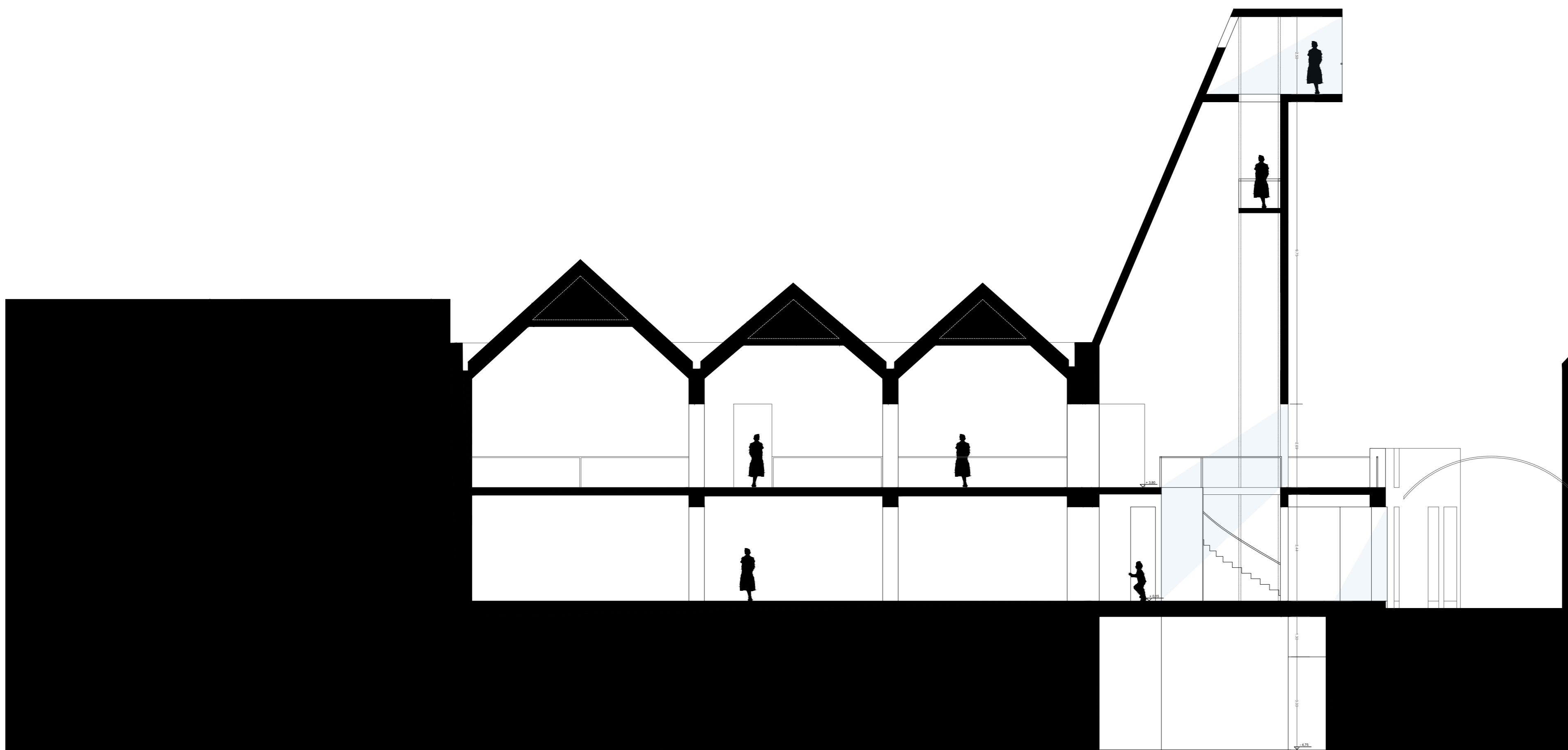
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE ESTE 2
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

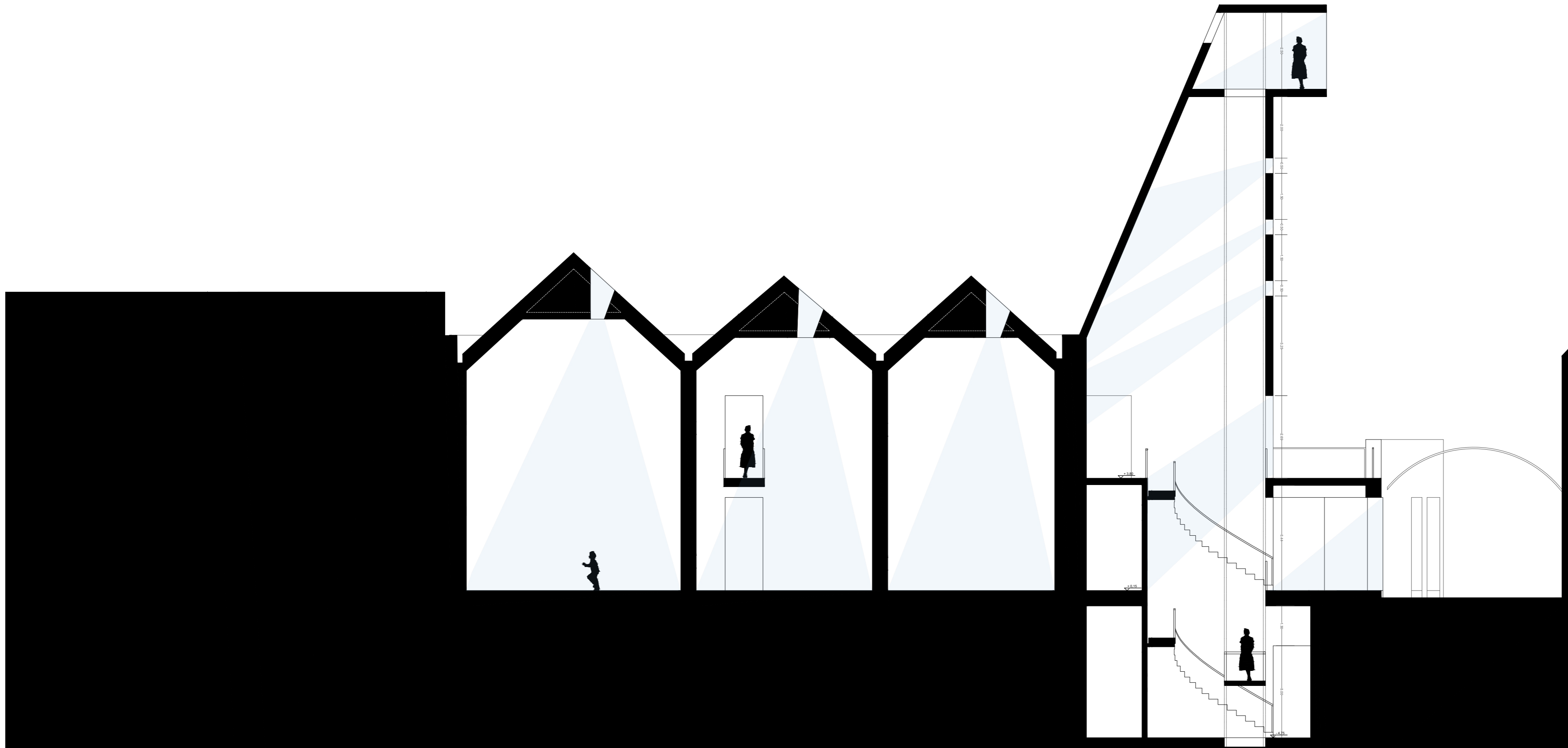
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE ESTE 3

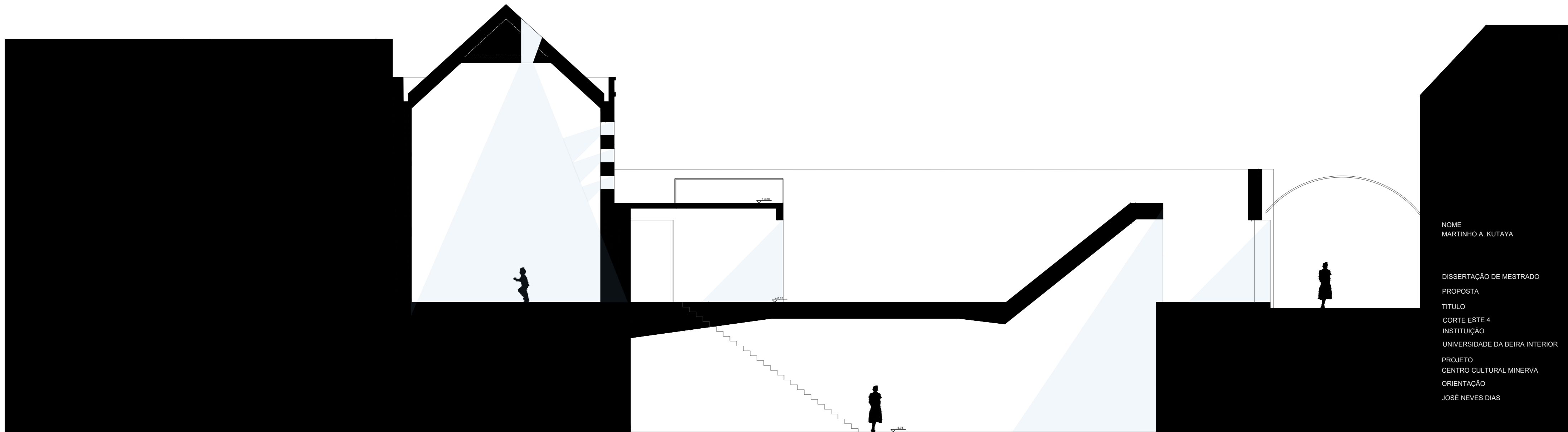
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE ESTE 4
INSTITUIÇÃO

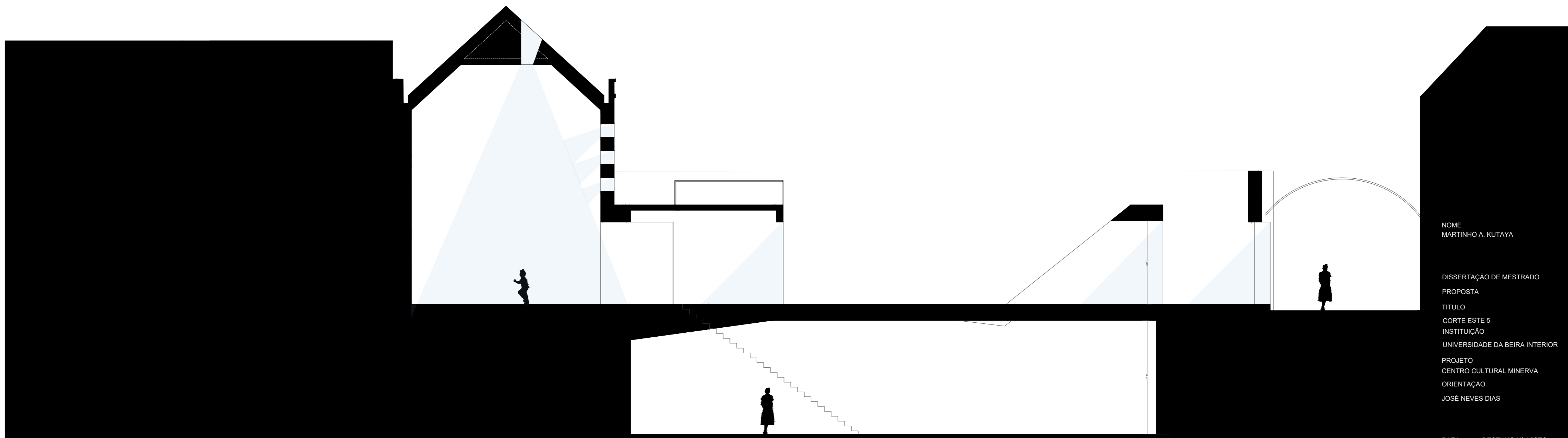
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO

CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO

JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE ESTE 5
INSTITUIÇÃO

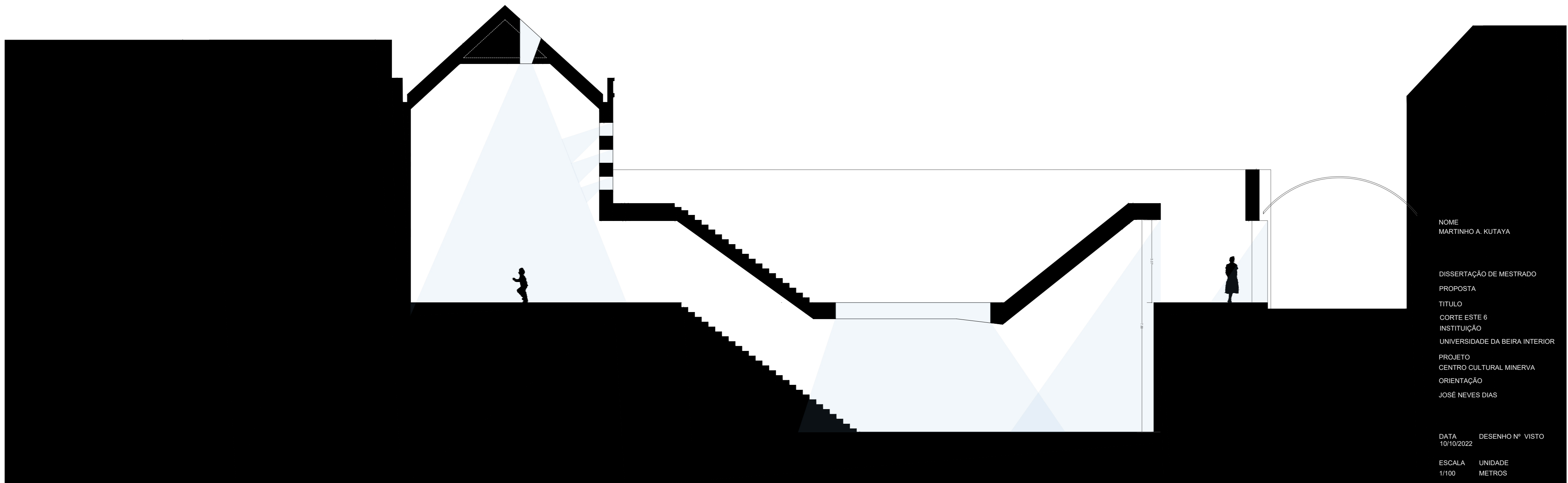
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO

CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO

JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

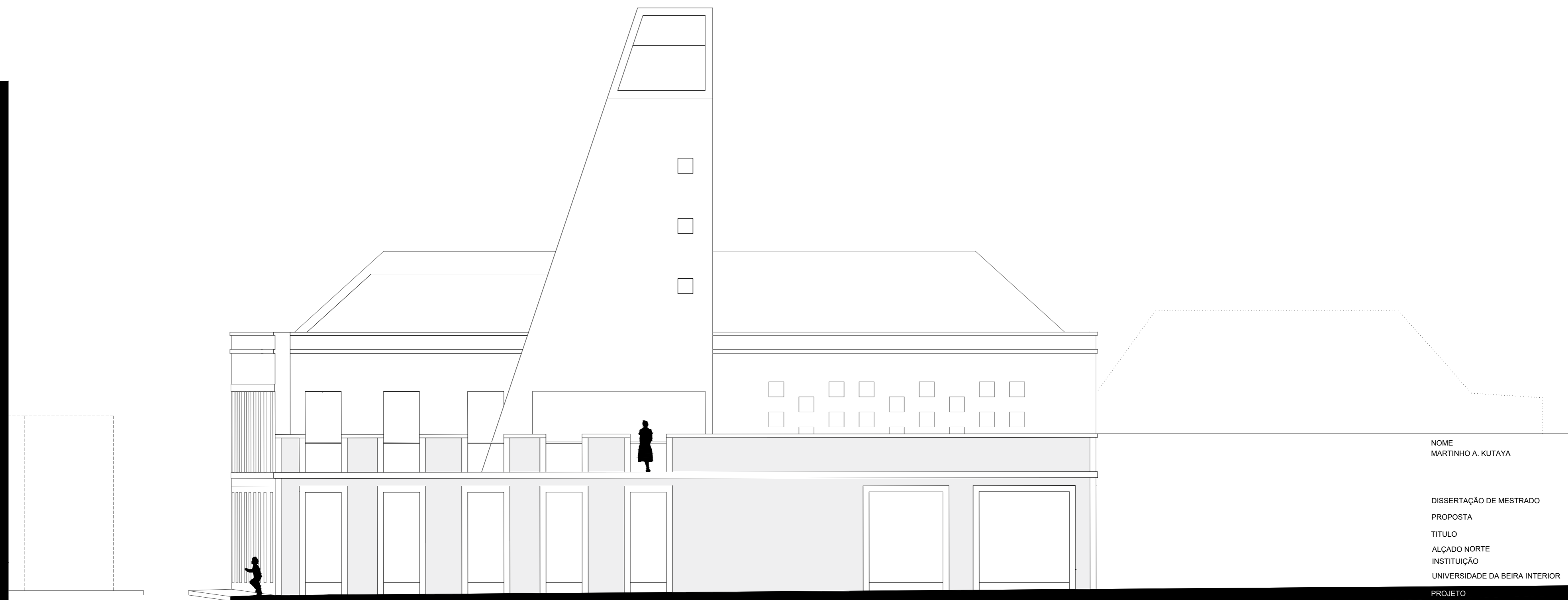
DISSERTAÇÃO DE Mestrado
PROPOSTA

TITULO
CORTE ESTE 6
INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PRÓJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TITULO
ALÇADO NORTE
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

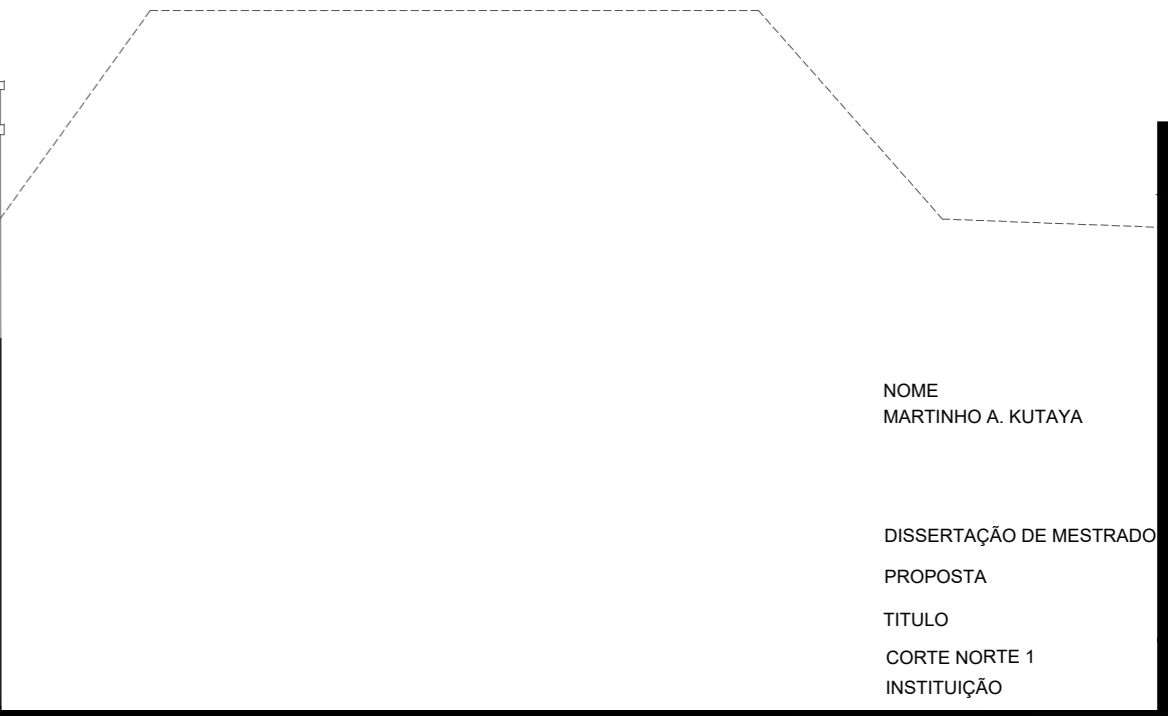
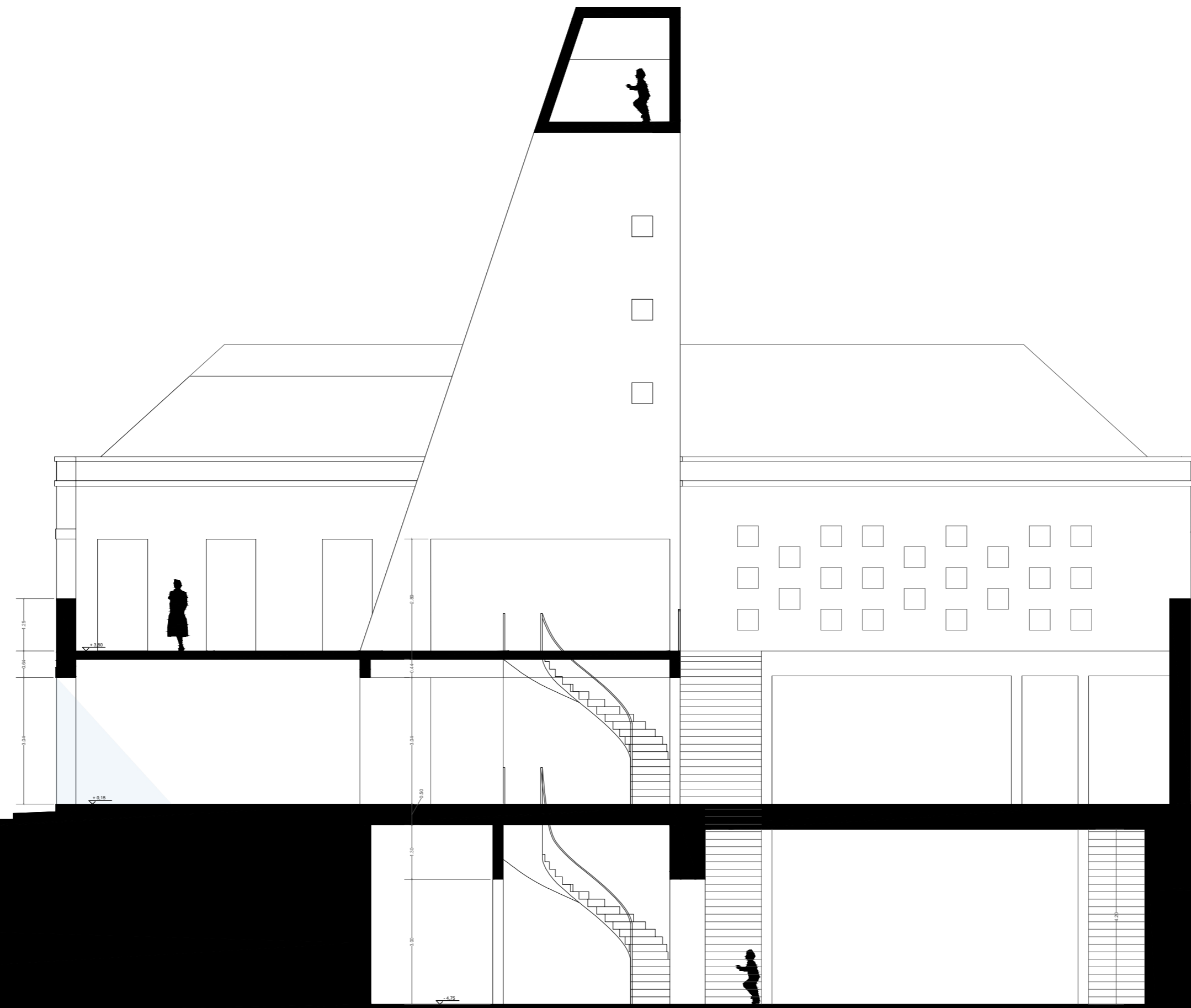
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TÍTULO
CORTE NORTE 1
INSTITUIÇÃO

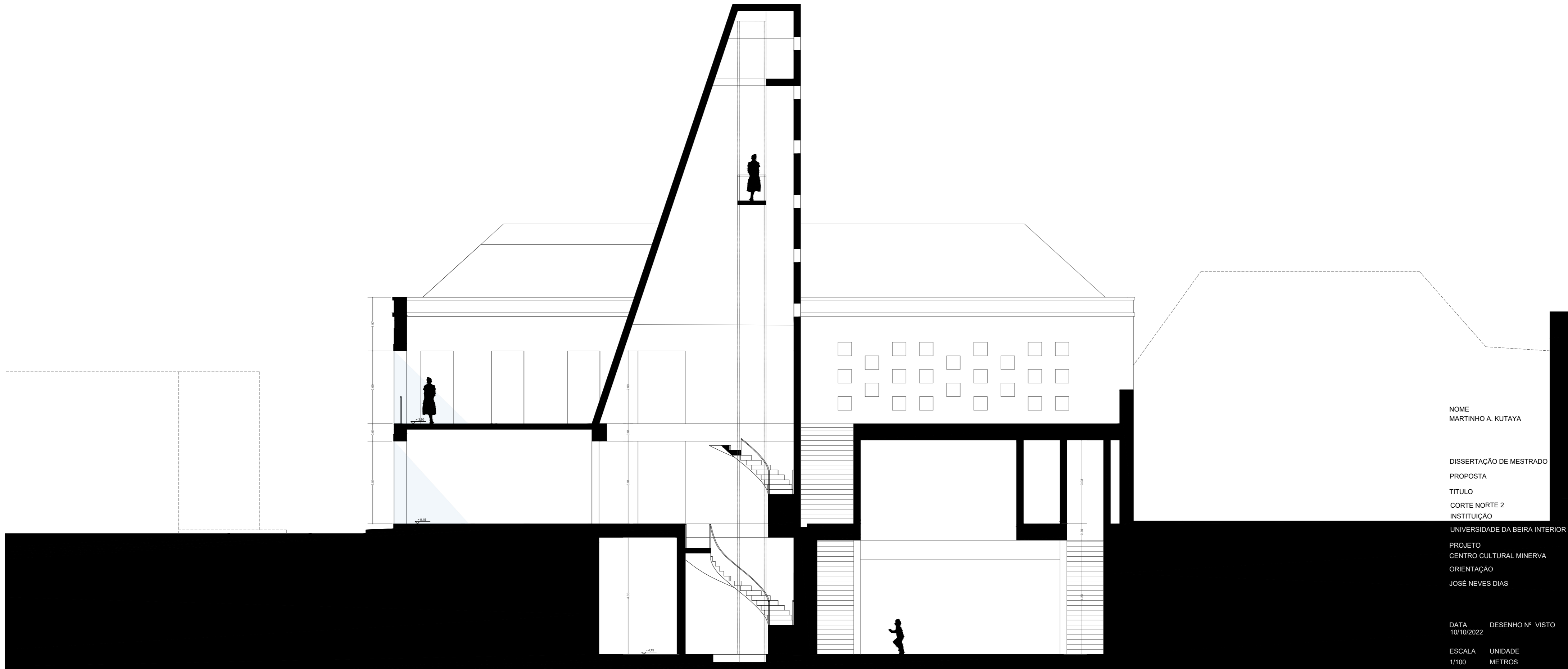
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

ESCALA
1/100

DESENHO Nº VISTO

UNIDADE
METROS



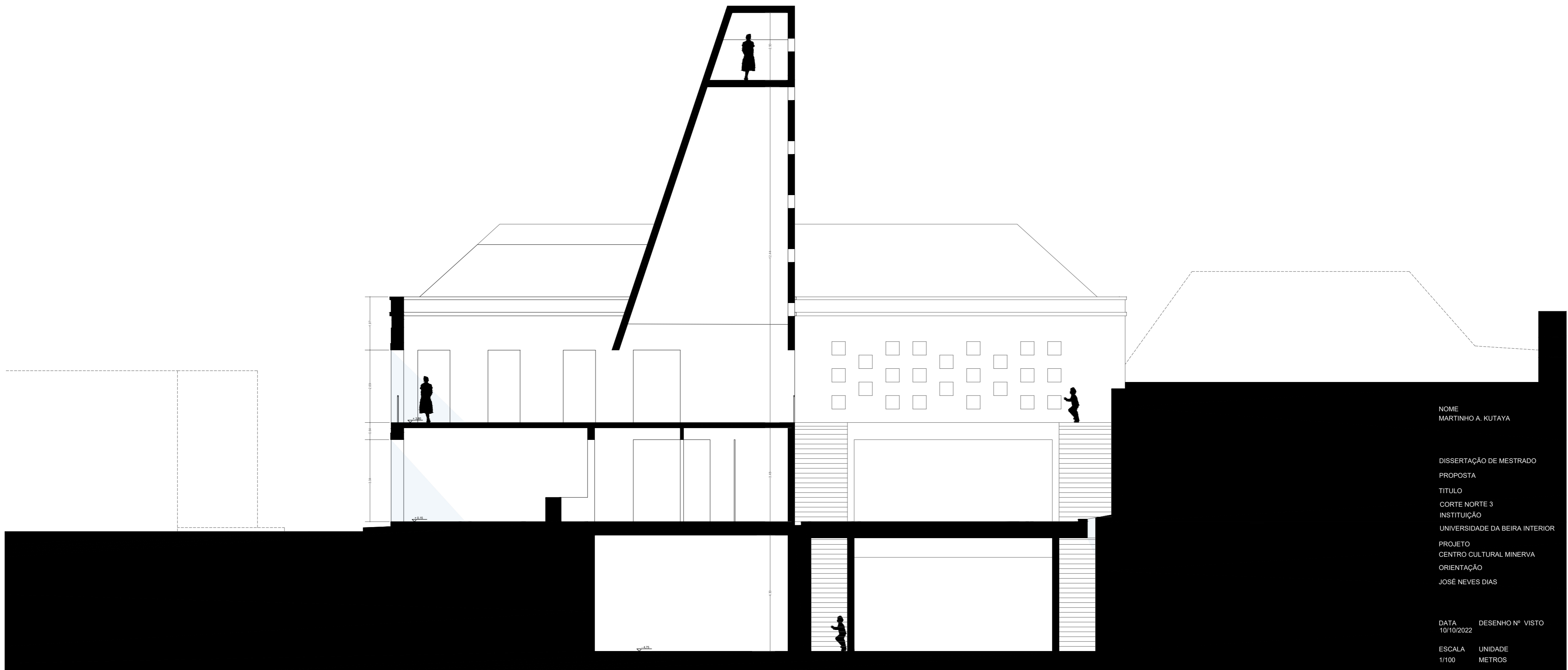
NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE Mestrado
PROPOSTA
TITULO
CORTE NORTE 2
INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

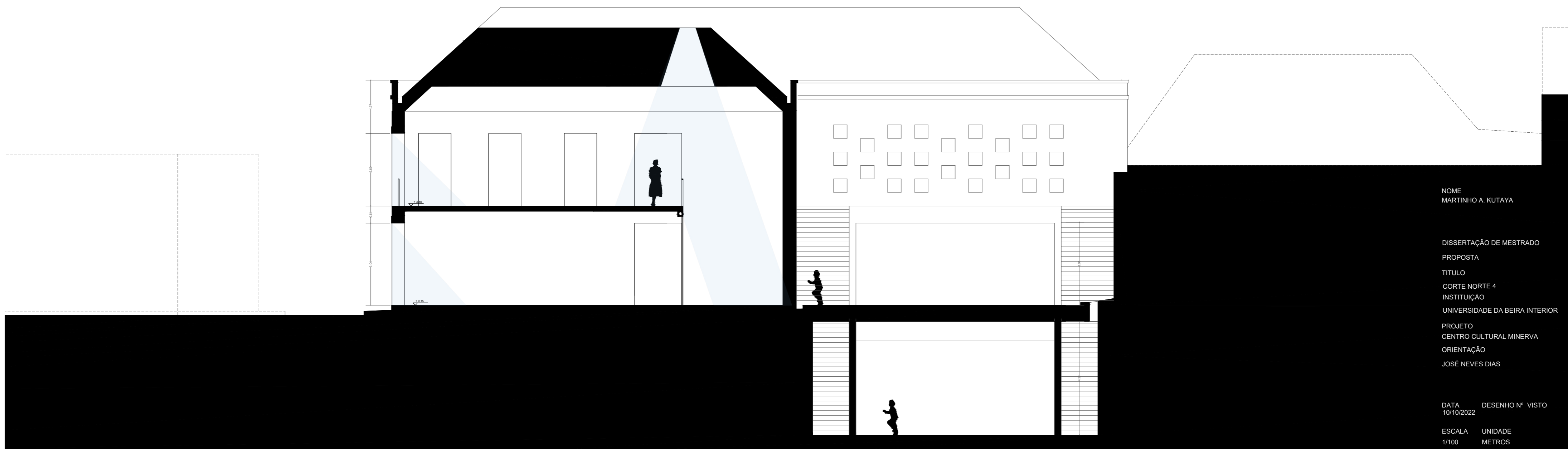
TÍTULO
CORTE NORTE 3
INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

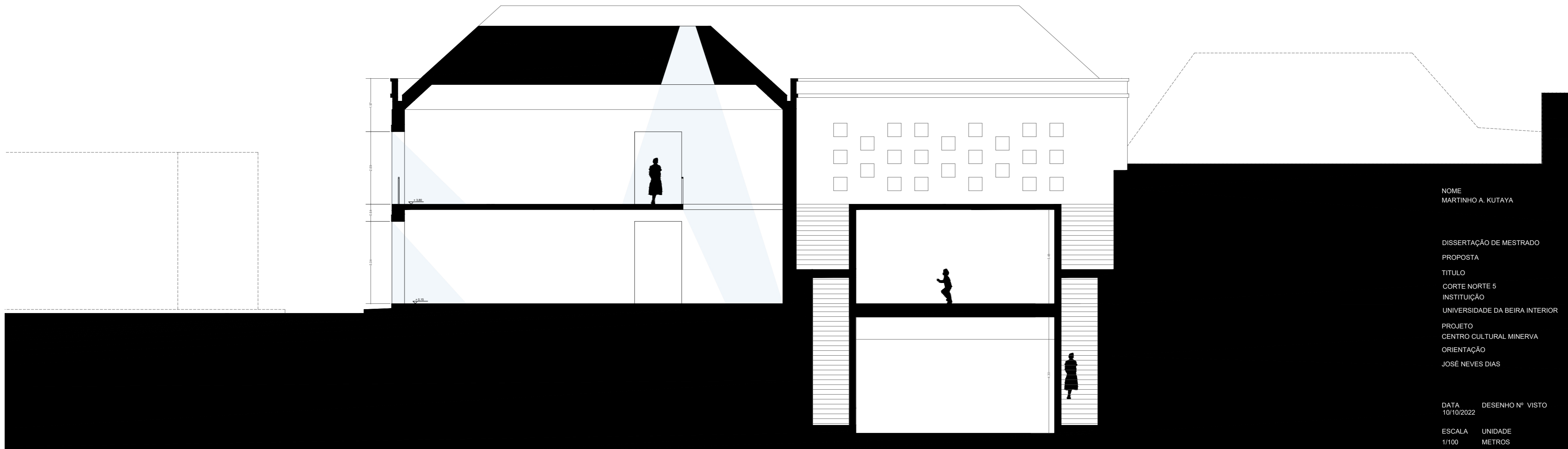
DESENHO Nº VISTO
ESCALA UNIDADE
1/100 METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TÍTULO
CORTE NORTE 4
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS

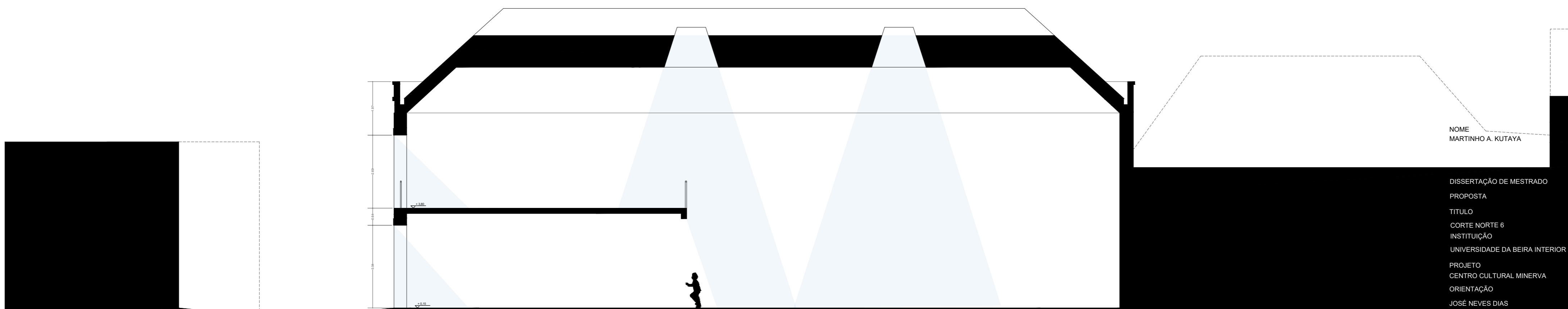


NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TITULO
CORTE NORTE 5
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PRÓJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

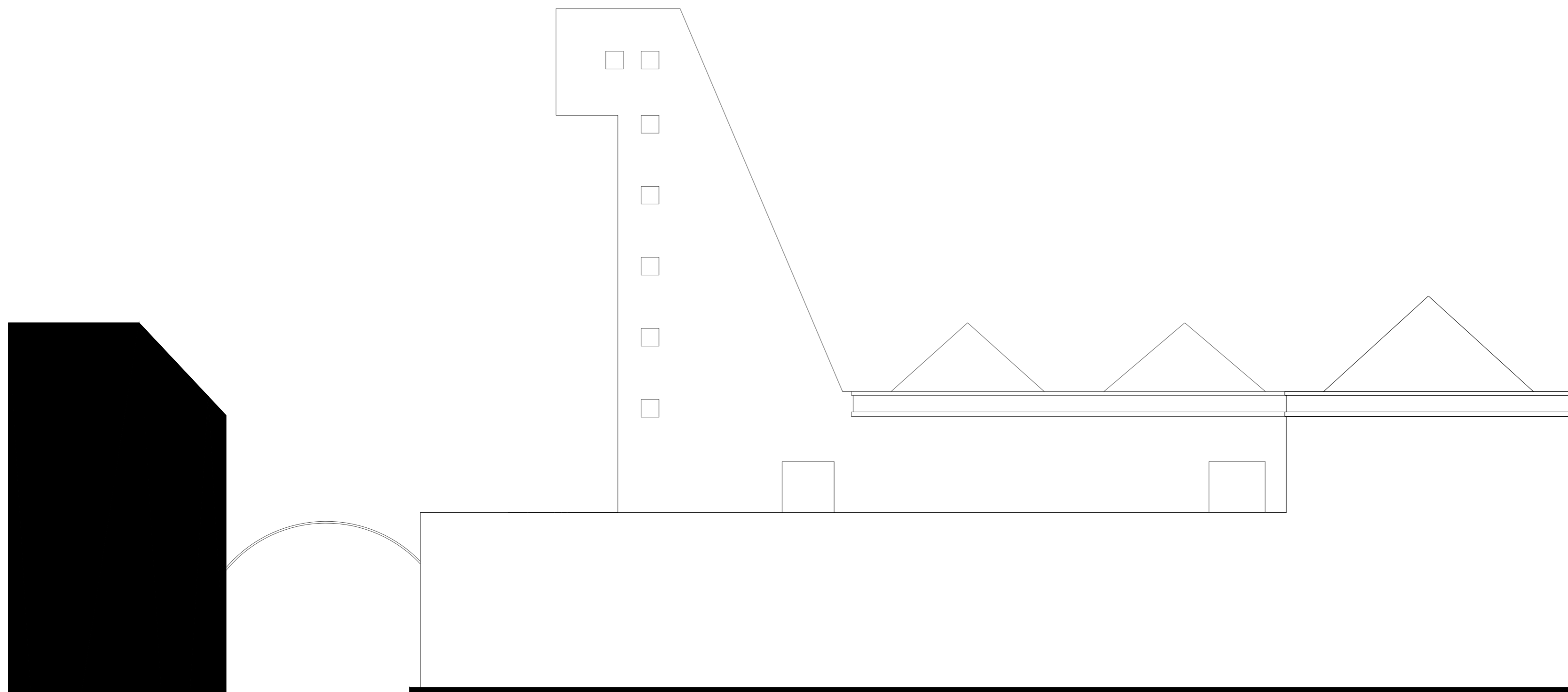
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TÍTULO
CORTE NORTE 6
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
ALÇADO OESTE
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

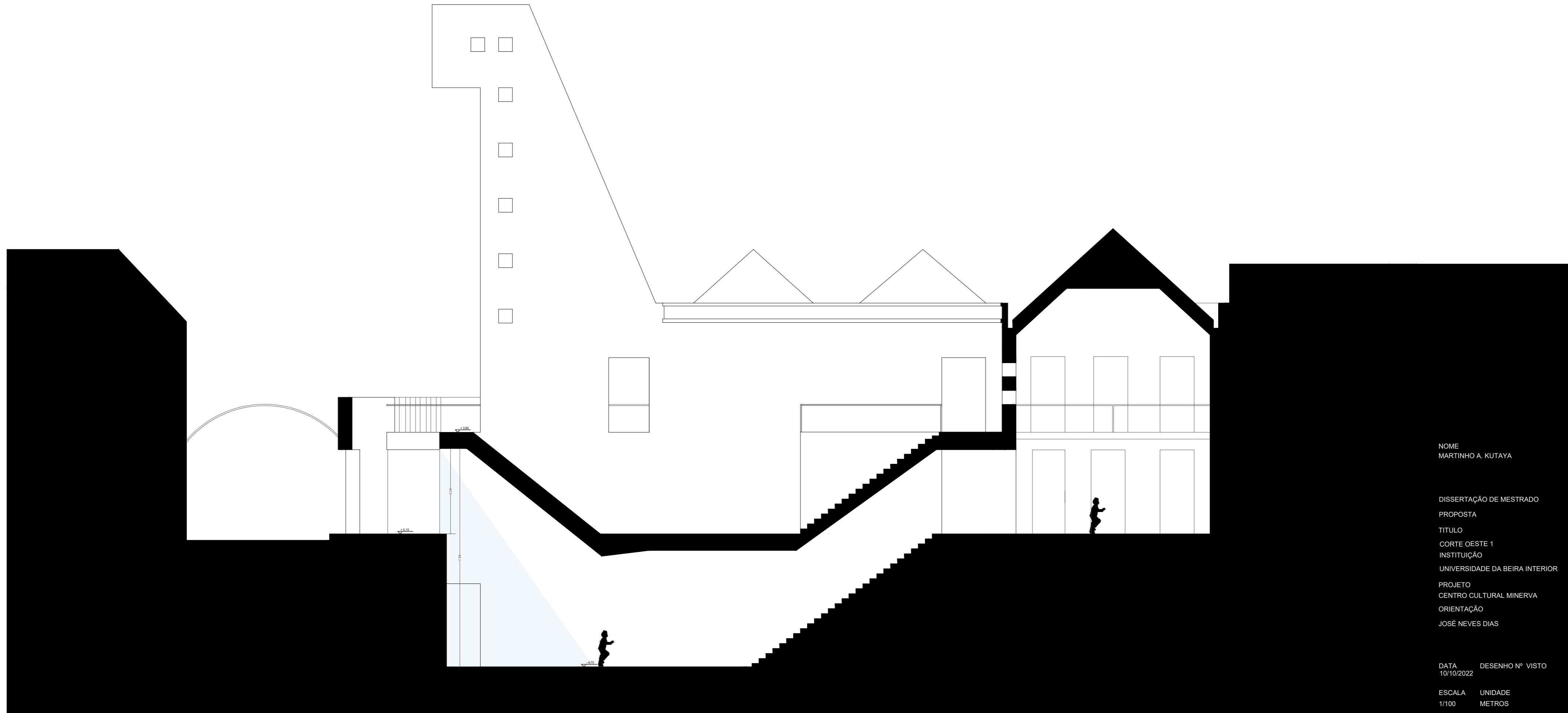
DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE

METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

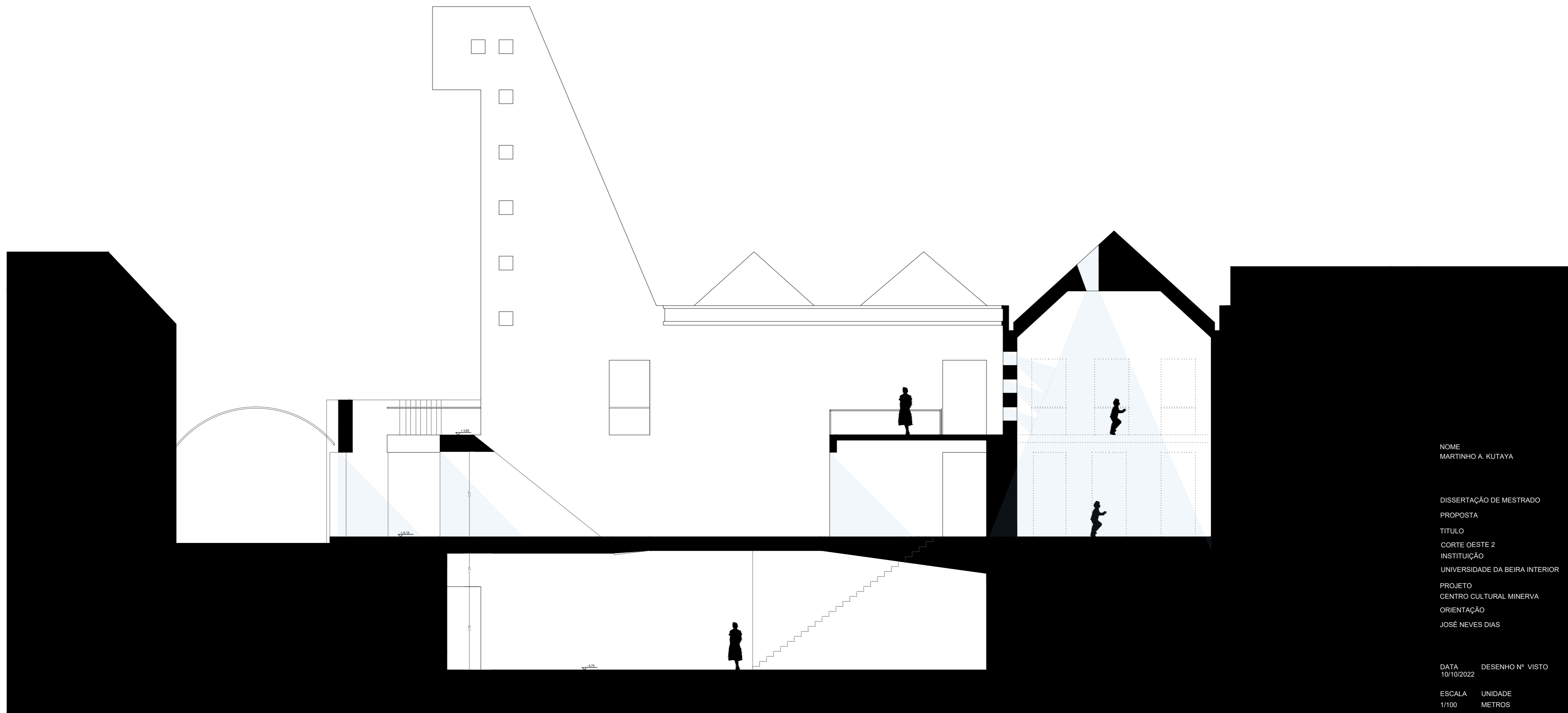
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE OESTE 1
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO
ESCALA UNIDADE
1/100 METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

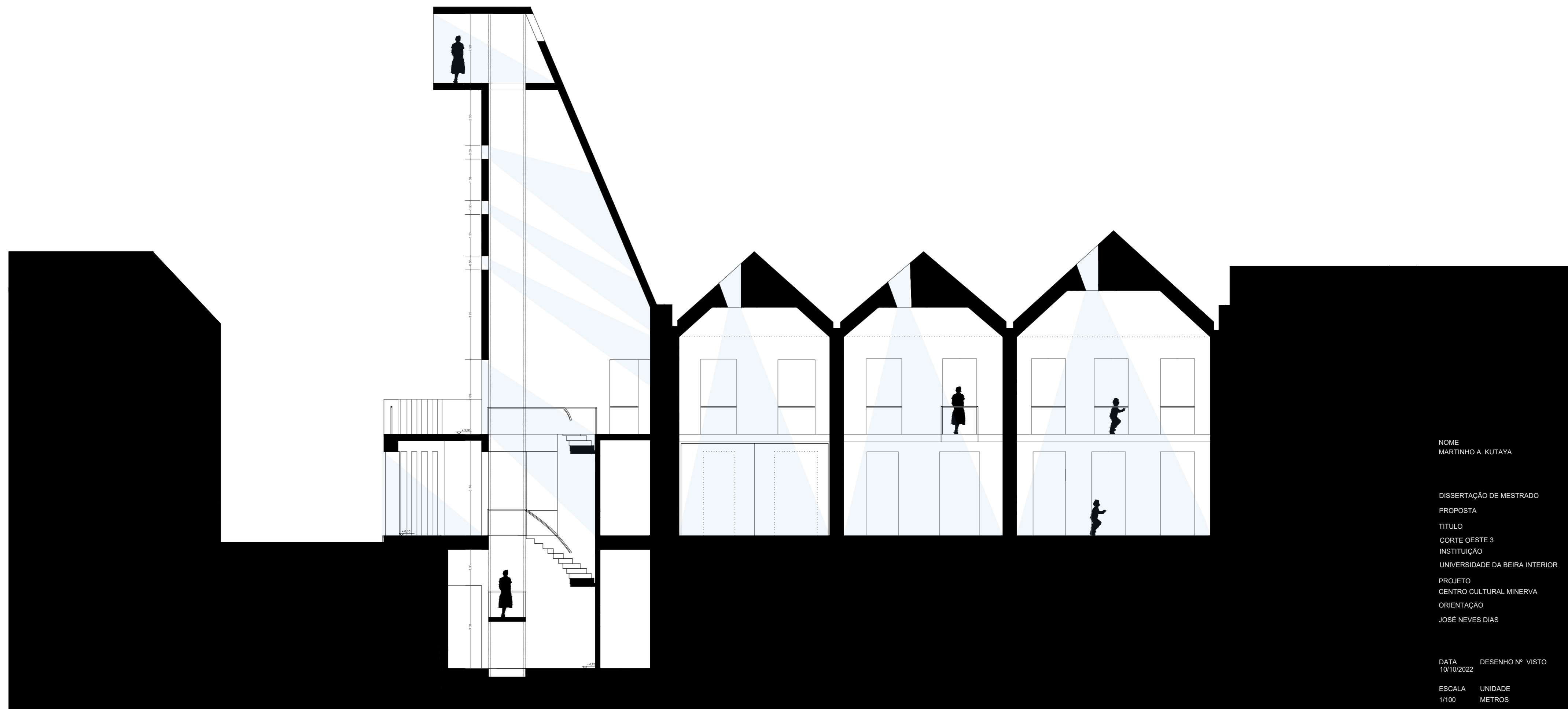
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE OESTE 2
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO
ESCALA UNIDADE
1/100 METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE OESTE 3

INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

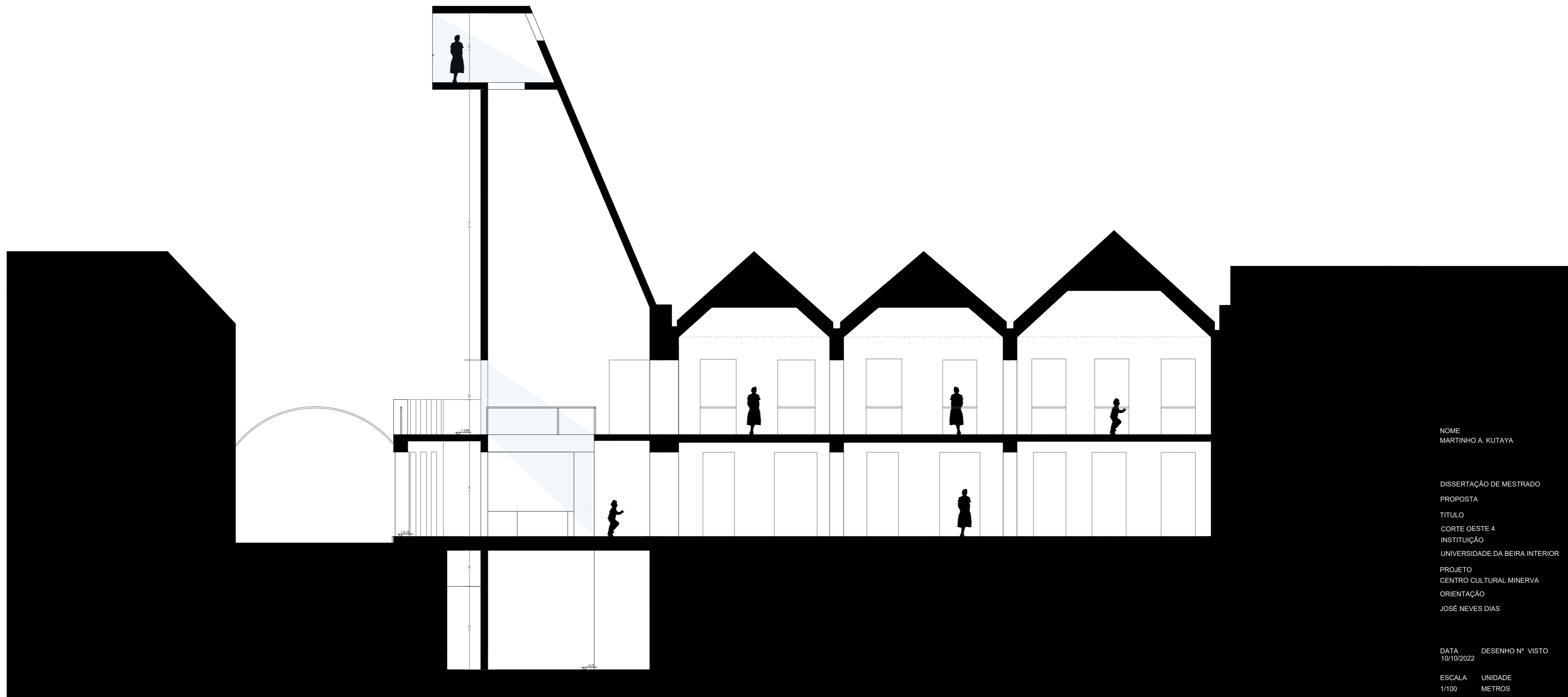
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE OESTE 4
INSTITUIÇÃO

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE OESTE 5
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

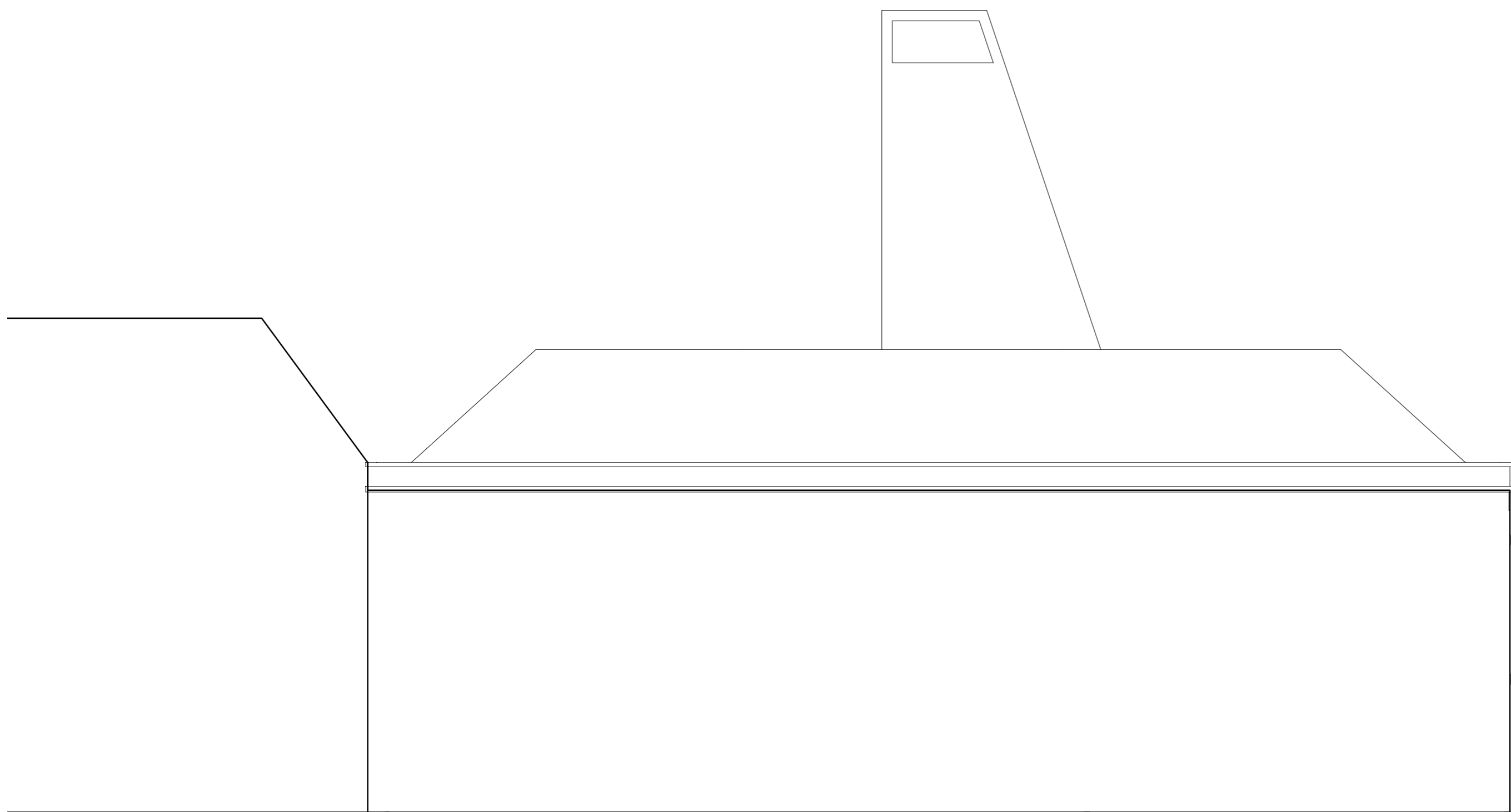
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/100

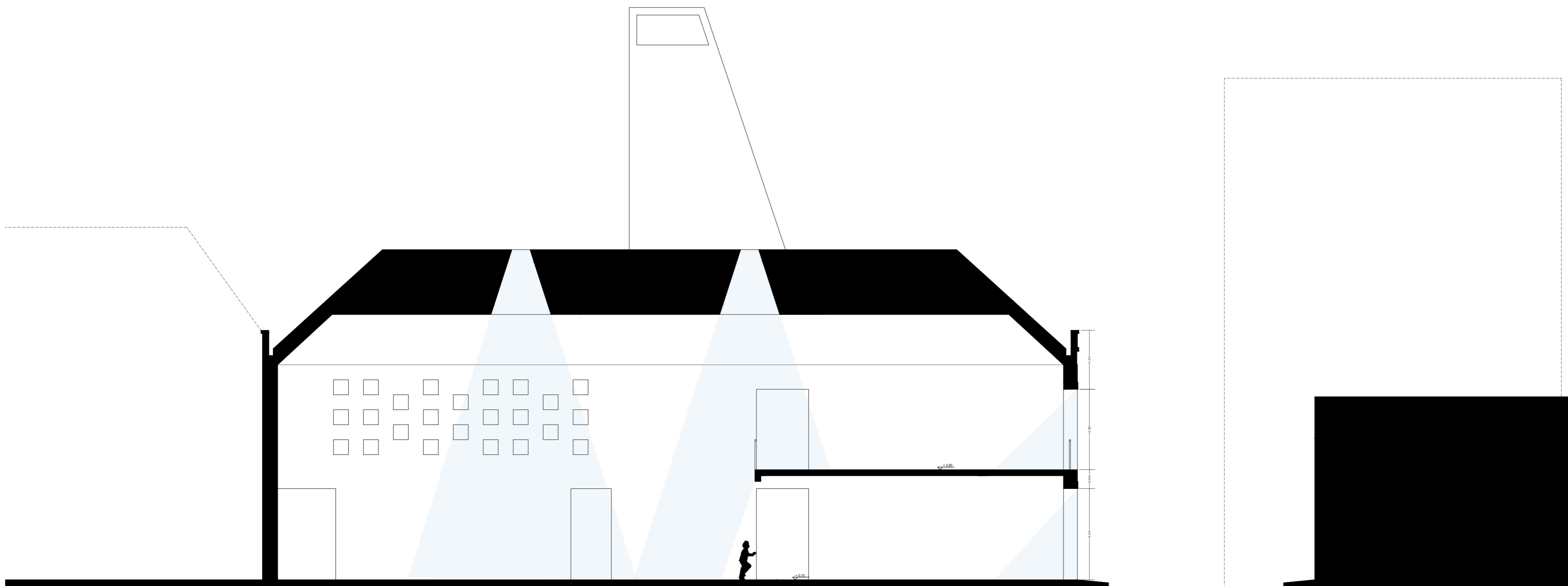
UNIDADE
METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TITULO
ALÇADO SUL
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

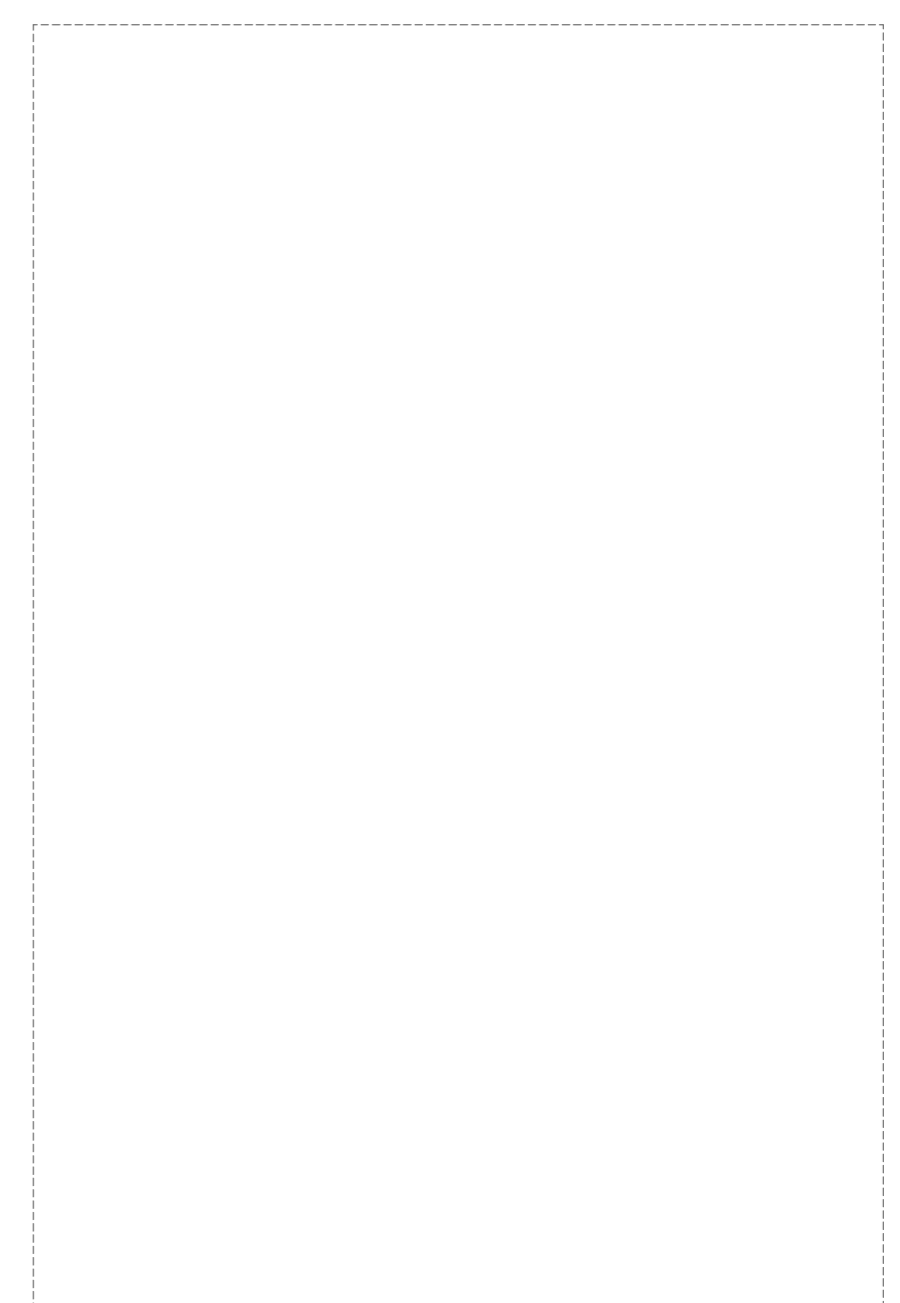
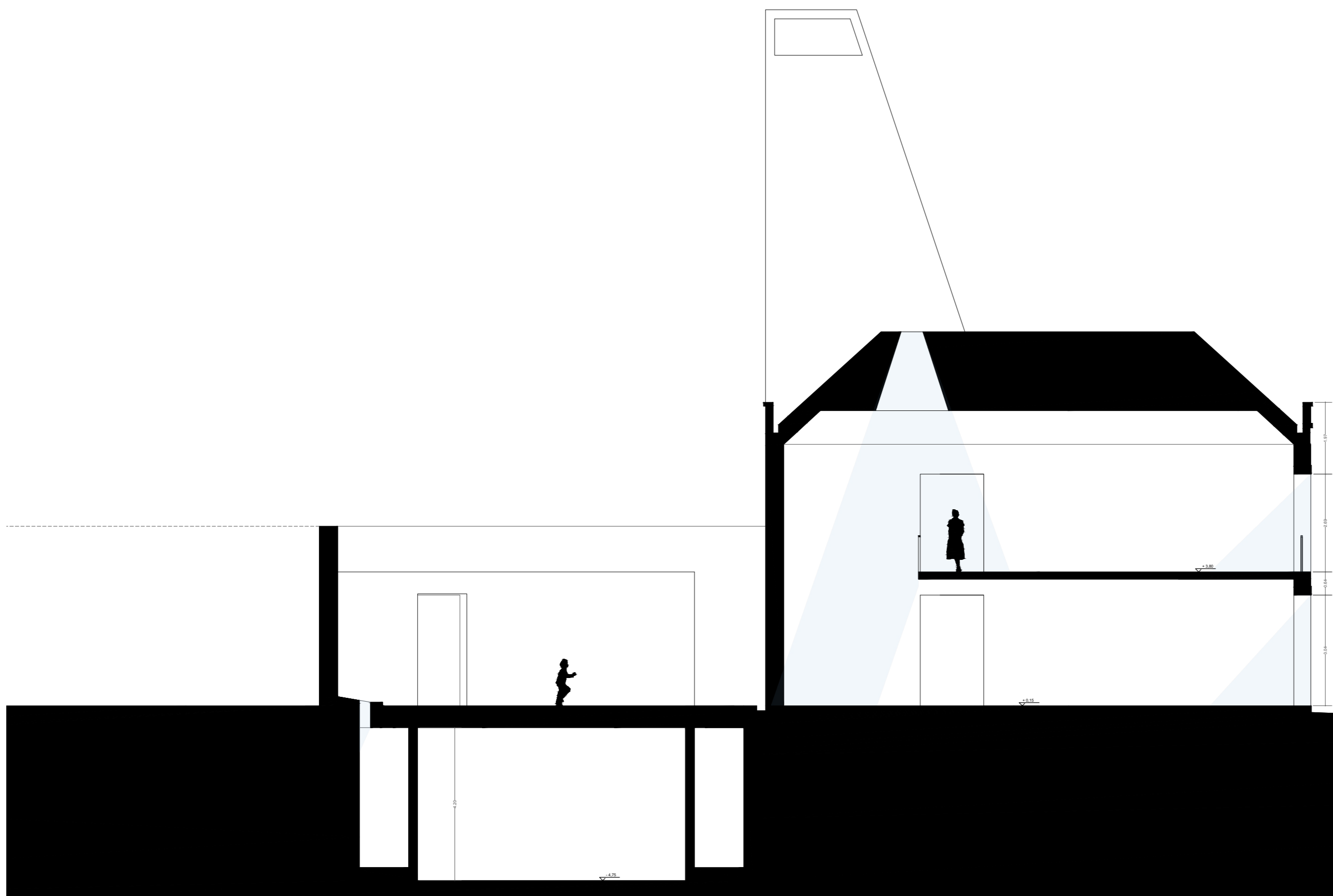
DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TÍTULO
CORTE SUL 1
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

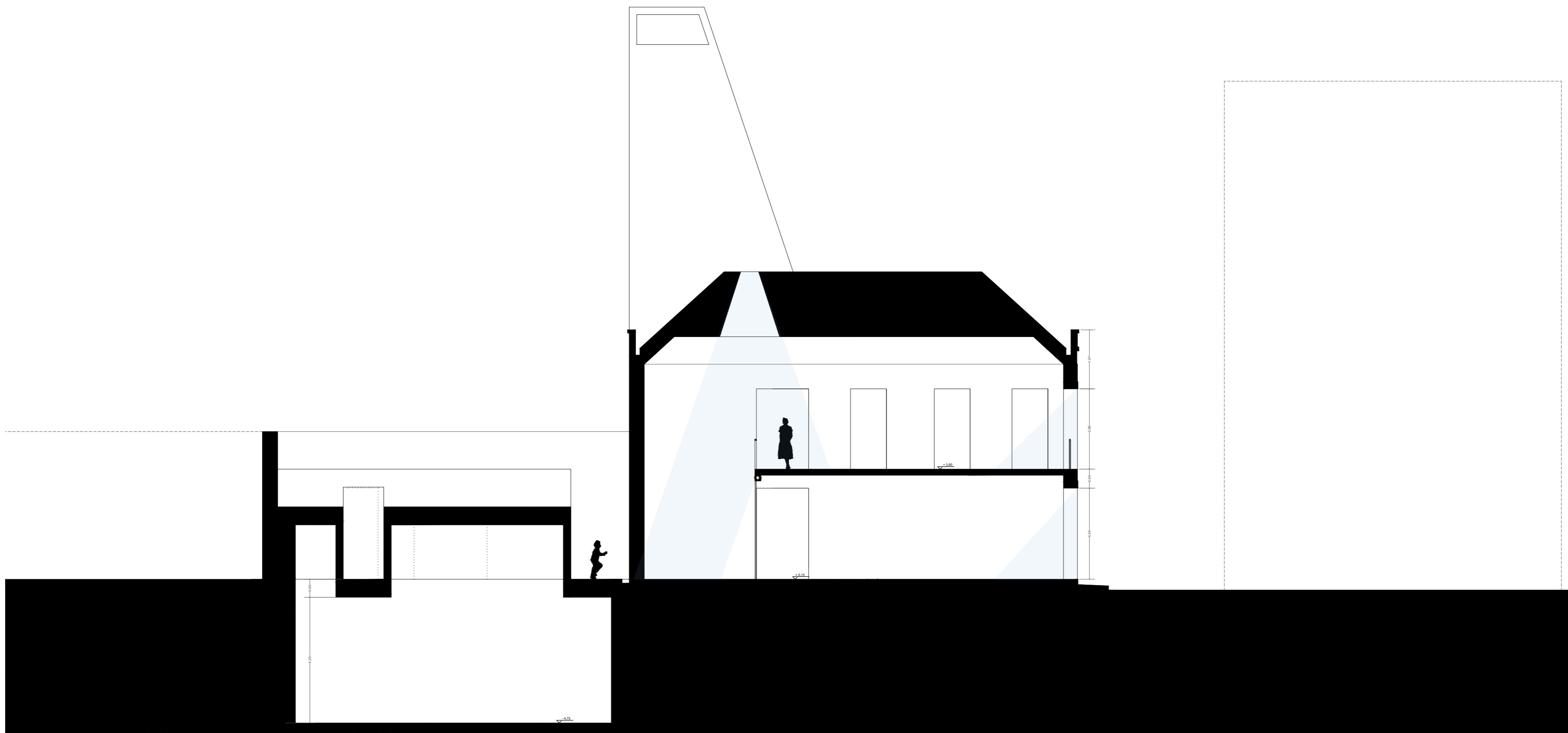
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA

TÍTULO
CORTE SUL 2
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



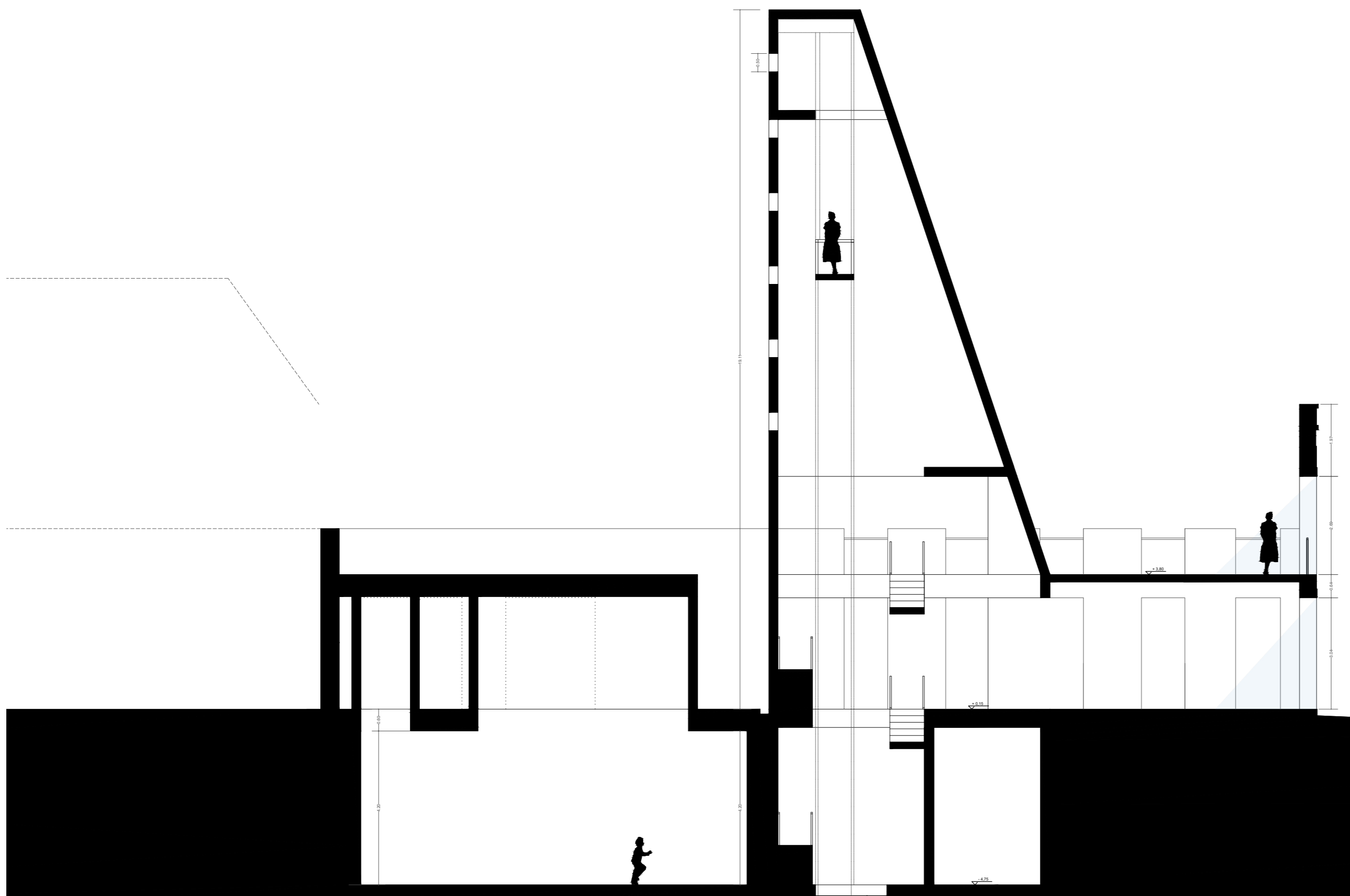
NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TITULO
CORTE SUL 3
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



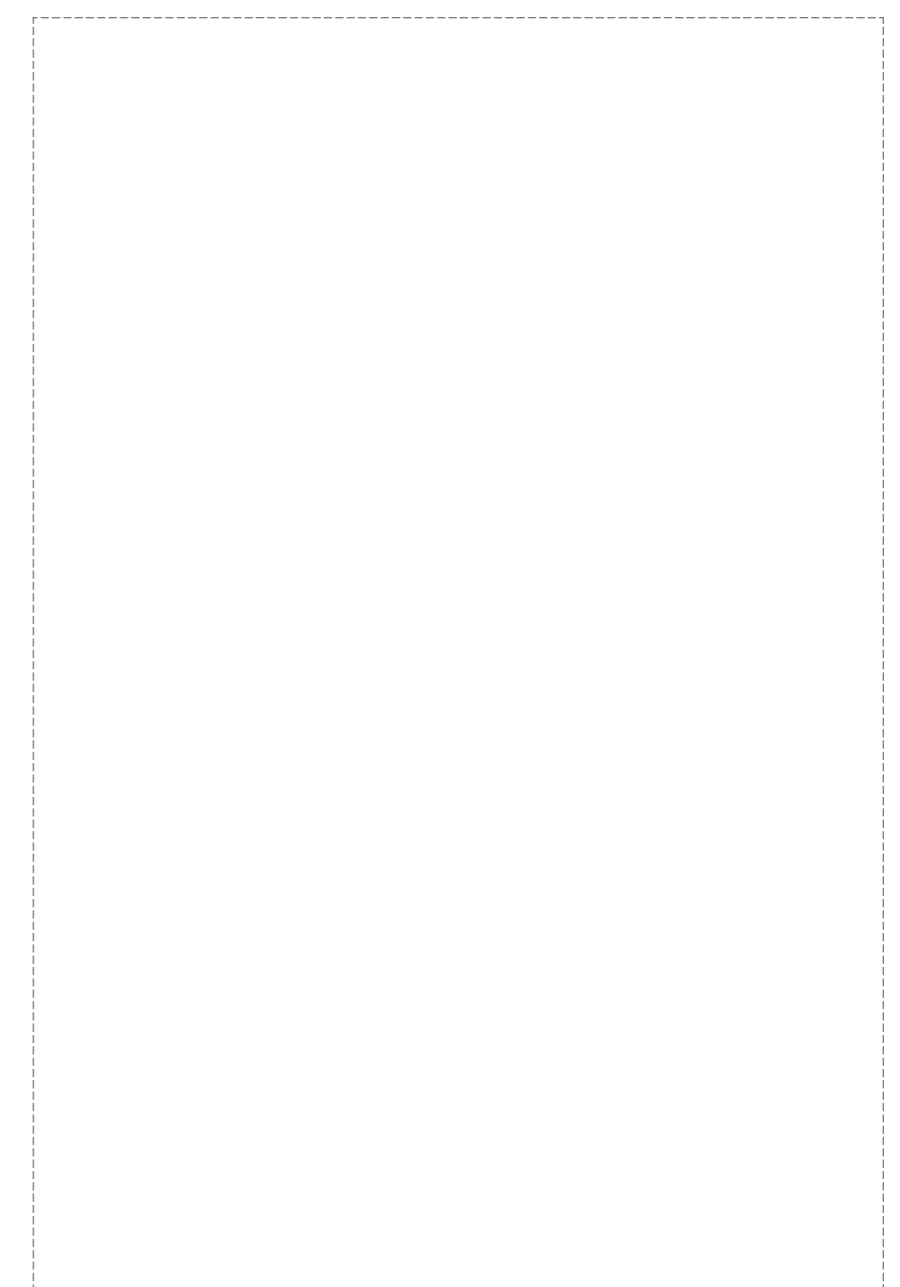
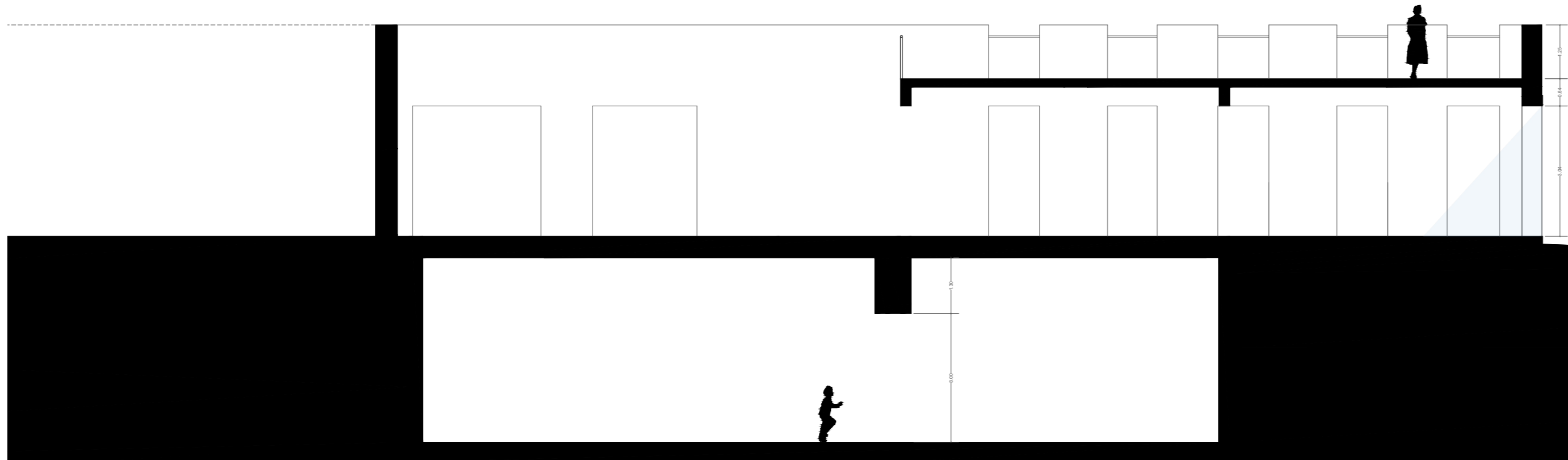
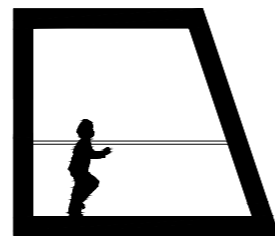
NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TITULO
CORTE SUL 4
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA 10/10/2022 DESENHO Nº VISTO

ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



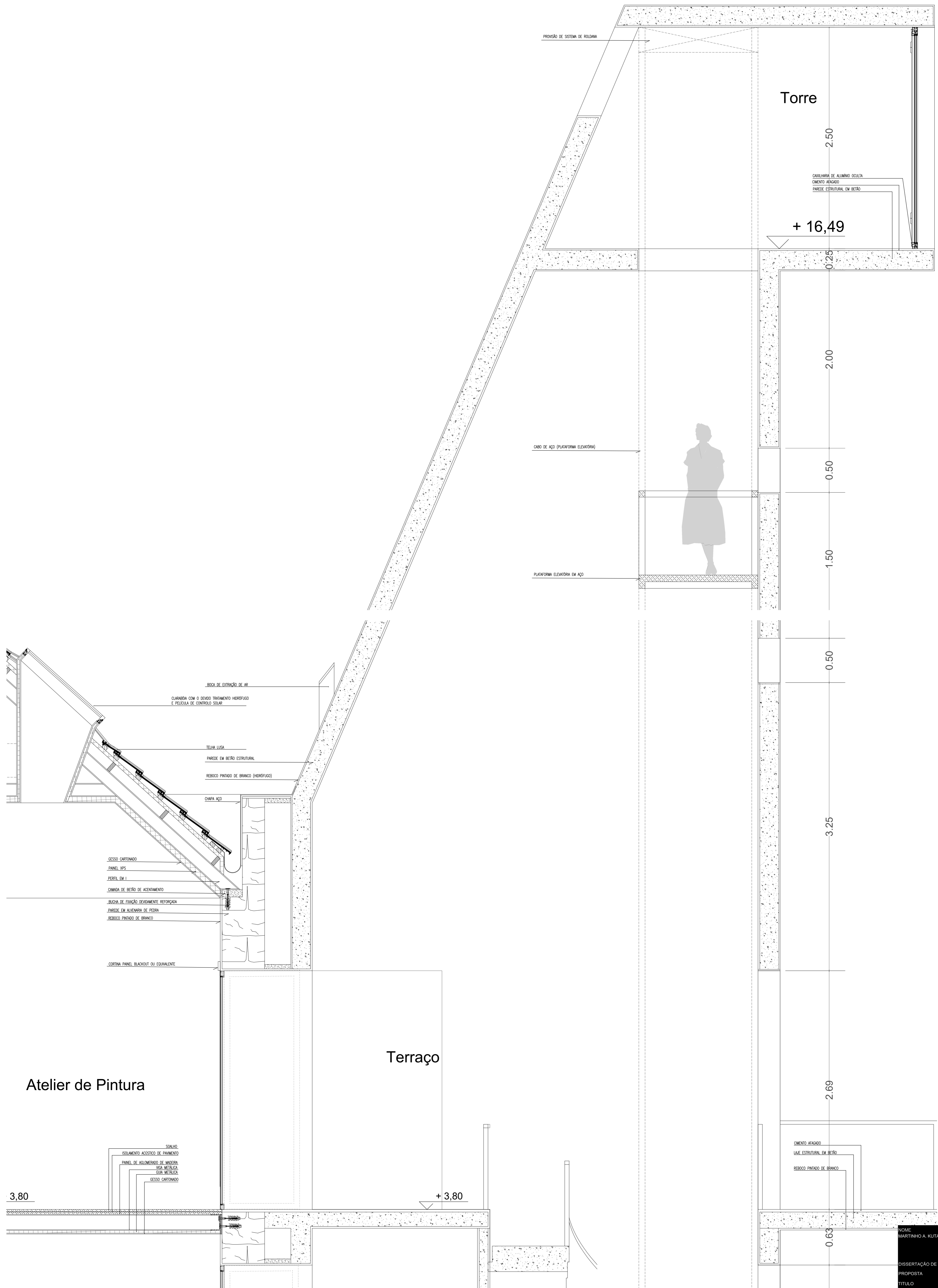
NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
PROPOSTA
TITULO
CORTE SUL 5
INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA
ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
10/10/2022

DESENHO Nº VISTO
ESCALA 1/100 UNIDADE METROS



NOME
MARTINHO A. KUTAYA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

PROPOSTA

TÍTULO
CORTE CONSTRUTIVO A

INSTITUIÇÃO
UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

PROJETO
CENTRO CULTURAL MINERVA

ORIENTAÇÃO
JOSÉ NEVES DIAS

DATA
25/06/2022

DESENHO Nº VISTO

ESCALA
1/20

UNIDADE
METROS

